Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA)

Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a agricultura

Área Temática: Agro-Bioenergia

Período de Análise: fevereiro de 2011.

Mídias analisadas:
Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico Biodiesel Br
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural
Agroanalysis
Carta Capital
Biodiesel Br

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL 8
Biodiesel 8
Vale assume controle da Biopalma, produtora de matéria-prima para biodiesel, por US$ 173,5 milhões - Danielle Nogueira – O Globo – 01/02/2011 .. 8
Vale compra Biopalma da Amazônia por US$173 milhões – Monica Cicarelli – Negócios – O Estado de São Paulo – 02/02/2011 9
Vale anuncia aquisição do controle da Biopalma por US$ 173,5 milhões – Mercado- Folha de São Paulo-02/02/2011 9
17 usinas entregam menos de 90% e três ficam de fora do 21º leilão - Biodiesel BR – 03/02/2011 10
Correção: Três usinas ficam impedidas 10
Tabela com as entregas 11
Duas usinas ganham autorização para comercializar com capacidade ampliada - Biodiesel Br – 03/02/2011 11
Mais uma processadora de soja aposta no biodiesel – Biodiesel BR – 07/02/2011 12
Biodiesel eleva corrosão de materiais – Biodiesel BR – 08/02/2011..... 12
UFSCar vai transformar alga em biodiesel – Reinaldo José Lopes – Ciência – Folha de São Paulo – 16/02/2011 13
Com boa safra de soja, Coamo espera superar receita de R$ 5 bilhões - Marli Lima - Valor Econômico – Agronegócios – 22/02/2011 14
Amyris define comando no Brasil e prepara início da produção local – Biodiesel Br – 25/02/2011 15
STJ cassa liminar da ADM e empresa deve perder venda de 25 milhões de litros – Biodiesel Br – 25/02/2011 16

Etanol..... 17
Kirchner anula alta de preços da Shell no país- Lucas Ferraz – Mercado – Folha de São Paulo – 03/02/2011 17
Lula produzirá 5% do petróleo brasileiro- Pedro Soares- Mercado – Folha de São Paulo – 03/02/2011 17
Gestão familiar – Luciana Franco - Globo Rural – 04/02/2011 18
Bertin atrasa usinas, mas governo ajuda – Economia – O Estado de São Paulo – 04/02/2011 22
Petrobras vai levantar US$ 40 bi para desenvolver áreas do pré-sal - Joe Leahy –Mercado- Folha de São Paulo – 04/02/2011 24

Uma nova cadeia de petróleo e gás – Rodolfo Landim – Mercado- Folha de São Paulo – 04/02/2011 25

Usina Batatais anuncia nova fábrica de açúcar – Tatiana Freitas e Venceslau Borlina Filho – Mercado- Folha de São Paulo – 05/02/2011 26

Shell vai investir US$ 1,6 bi com Cosan – Mercado – Folha de São Paulo – 05/02/2011 27

Produtor de cana cobra política de subsídios- Venceslau Borlina Filho – Folha Ribeirão – Folha de São Paulo – 06/02/2011 27

Após frustração, BP passa a mirar usinas da CNAA - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios - 07/02/2011 28

Vendida a fazenda de cana do grupo Maeda em Goiás – Valor Econômico – Agronegócios – 07/02/2011 29

O pré-sal e o etanol – Rogério Cezar de Cerqueira Leite – Opinião – Folha de São Paulo – 08/02/2011 29

Crise não afeta a produção, afirma Gabrielli – Maria Cristina Frias – Mercado – Folha de São Paulo – 08/02/2011 31

Dilma "livra" Petrobras de entrar na Galp - Julio Wiziack e Toni Sciarretta – Mercado – Folha de São Paulo – 08/02/2011 32

WikiLeaks afirma que pico de petróleo pode estar próximo – Biodiesel Br – 10/02/2011 33

OGX iniciará produção em agosto, diz Eike – Mercado – Folha de São Paulo- 10/02/2011 35

Lucro do grupo Cosan tem queda de 83% - Venceslau Borlina Filho – Mercado- Folha de São Paulo – 11/02/2011 36

Meta de Cosan e Shell é dobrar produção de etanol – Eduardo Magossi – Economia – O Estado de São Paulo – 15/02/2011 37

União Shell/Cosan usará a marca Raízen – Tatiana Freitas – Mercado – Folha de São Paulo – 15/02/2011 38

Raízen nasce de olho em aquisições - Mônica Scaramuzzo – Valor econômico – Empresas – 15/02/2011 39

Combustíveis Meta é atingir capacidade de moagem de 100 milhões de toneladas até 2015 39

Petrobrás anuncia nova descoberta no pré-sal – Kelly Lima – Economia – O Estado de São Paulo – 16/02/2011 40

USP produz etanol de casca de eucalipto – Venceslau Borlina Filho – Ciência – Folha de São Paulo – 16/02/2011 41

Preço alto reduz venda de álcool após 7 anos –Cirilo Junior – Mercado – Folha de São Paulo – 16/02/2011 42

Alta do açúcar reforça lucro dos grupos Guarani e São Martinho – Mercado – Folha de São Paulo – 16/02/2011 42

Produção de álcool deve crescer 45% até 2020 – Mauro Zafalon – Mercado – Folha de São Paulo – 16/02/2011 43

Reservas de petróleo brasileiras cresceram 10,8% em 2010 – Kelly Lima – Economia – O Estado de São Paulo 17/02/2011 44

Bertin desiste de sociedade em Belo Monte – Renée Pereira – Economia – O Estado de São Paulo – 17/02/2011 45

Petrobras espera para assumir distribuidora em SP- Maria Cristina Frias – Mercado – Folha de São Paulo -17/02/2011 46

Há mais petróleo, mas não se sabe quanto – Alberto Tamer – Economia – O Estado de São Paulo – 20/02/2011 48

Gabrielli descarta alta no preço dos combustíveis – Elder Olgiari e Kelly Lima – Esconomia – O Estado de São Paulo – 23/02/2011 50

Petrobras descarta alta de preços no Brasil – Mundo - Folha de São Paulo – 23/02/2011 51

Petróleo impulsiona Petrobras e Bolsa – Epaminondas Neto – Mercado – Folha de São Paulo – 24/02/2011 51

Petrobras pode importar gasolina na alta dos preços- Leila Coimbra e Sheila D'Amorim – Mercado – Folha de São Paulo – 25/02/2011 51

Amyris define comando no Brasil e prepara início da produção local - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Empresas – 25/02/2011 52

Renuka tenta aliar o melhor de Índia e Brasil - Fabiana Batista **–** Valor Econômico – Agronegócios – 25/02/2011 53

Cortadores de cana trocam campo por indústrias e custos aumentam – Valor Econômico – Agronegócios – 25/02/2011 55

Produtividade indiana deixa a desejar – Valor Econômico – Agronegócios – 25/02/2011 56

Petrobras tem lucro recorde de R$ 35 bi- Pedro Soares e Cirilo Junior – Poder – Folha de São Paulo – 26/02/2011 56

ATÉ ABRIL DEVE COMEÇAR OBRA DE ALCOOLDUTO – Poder - Folha de São Paulo -26/02/2011 57

Cosan conclui a compra da usina Zanin – Mercado – Folha de São Paulo – 26/02/2011 57

Nordeste importa álcool dos EUA para aumentar oferta do produto – Mercado – Folha de São Paulo – 26/02/2011 58

Mais petróleo segura o preço- Alberto Tamer – Economia – O Estado de São Paulo – 27/02/2011 58

POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS 60

Biodiesel 60

Produção em 2010 deve ficar em 2,35 bilhões de litros – Biodiesel Br – 08/02/2011 60

Até segunda-feira MDA deve ter novidades sobre o selo social – Biodiesel Br – 10/02/2011 60

Diesel, combustível que mais polui, já responde por 53% das emissões de CO2 - Afra Balazina - Biodiesel Br – 11/02/2011 61

Para Petrobras, é preciso renovar a frota e inspecionar..... 63

Alto teor de enxofre fere a saúde..... 63

Uma análise política e econômica do preço do biodiesel – Biodiesel Br – 14/02/2011..... 63

Por que dois limites de preço?..... 63

O menor preço 64

Por que R$ 2,32?..... 65

E o preço vai mudar? 66

MDA envia nota à BiodieselBR sobre o selo social – Biodiesel Br – 14/02/2011 66

Segunda maior usina do Brasil perde o Selo Combustível Social – Biodiesel Br – 15/02/2011..... 67

Governo estuda aumentar percentual de biodiesel em 2012 – Biodiesel Br – 16/02/2011..... 68

Consumo de combustíveis no país cresce 8,4% em 2010 – Biodiesel Br – 16/02/2011..... 68

MDA vai recorrer contra liminar em favor da ADM - Biodiesel Br – 17/02/2011..... 69

21º leilão é marcado por muitas surpresas e forte queda no preço – Biodiesel Br – 18/02/2011..... 70

Etanol..... 81

Só em Mato Grosso álcool ganha da gasolina- MAURO ZAFALON – Mercado –Folha de São Paulo – 01-02-2011 81

O pré-sal e o etanol – Biodiesel BR – 08/02/2011 82

Dilma "livra" Petrobras de entrar na Galp – Julio wiziack e Toni Sciarretta – Mercado –Folha de São Paulo – 08/02/2011..... 83

Geração eólica já gira bilhões de reais - André Borges e Tarso Veloso Valor Econômico - Empresas e Infraestrutura – 08/02/2011 84

País pode ter mais estrangeiro no pré-sal – Cirilo Junior -Mercado- Folha de São Paulo -14/02/2011 86

Estrangeiro custa o dobro de um nativo –Cirilo Junior – Mercado – Folha de São Paulo – 14/02/2011..... 88

Consumo firme sustenta preços do etanol - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 14/02/2011 88

Em alta, açúcar puxa movimento na rede de armazéns da Ceagesp - **- Fernando Lopes – Valor Econômico – Agronegócios – 14/02/2011**..... 90

Reajuste nos preços da gasolina e do diesel até o final do ano é improvável – Walter de Vitto – Mercado – Folha de São Paulo – 16/02/2011..... 91

Leilões do pós-sal precisam ser retomados pelo governo – Adriano Pires – Mercado – Folha de São Paulo – 18/02/2011 92

Petrobras terá de captar US$ 17 bi, afirma diretor –Mercado – Folha de São Paulo – 19/02/2011 93

O etanol perde terreno- Notas e informações – O Estado de São Paulo – 21/02/2011 93

Aumentam as reservas de petróleo do País – Editorial Economico – O Estado de São Paulo – 22/02/2011 94

Petrobras defende a construção de cinco novas refinarias – Mercado – Folha de São Paulo – 22/02/2011 95

Pré-sal dobra as reservas conhecidas de petróleo – Cirilo Junior – Mercado – Folha de São Paulo – 23/02/2011 95

Alta do petróleo ajuda exportações, mas aumenta a inflação – Thaís Marzola Zara – Mercado – Folha de São Paulo – 23/02/2011 96

Após acidente em gasoduto, Ibama multa Petrobras em R$ 10 milhões- Mario Cesar Carvalho – Mercado – Folha de São Paulo – 24/02/2011 97

Crise do petróleo acelera pacote do governo para ajudar indústria- Valdo Cruz e Sheila D'Amorim – Mercado – Folha de São Paulo -25/02/2011 98

Preço do álcool sobe 3,7% nesta semana em SP – Mauro Zafalon – Mercado – Folha de São Paulo – 26/02/2011 99

US$ 10 tri contra a pressão do petróleo – Jamil Chade – Economia – O Estado de São Paulo – 27/02/2011 100

Na Era Lula, usineiros receberam mais de R$ 28 bi do BNDES - SítioEletrônico da CPT - 28/02/1979 101

RELAÇÕES INTERNACIONAIS 103

Biodiesel 103

Brasil financiará estudos sobre biocombustíveis na África – Biodiesel Br – 18/02/2011 103

Etanol 104

PETRÓLEO - Economia - Estado de São Paulo – 01 /02/2011 104

Petróleo sobe e fecha acima de US$92 – Economia – O Estado de São Paulo – 01/02/2011 104

Com crise no Egito, petróleo vai a US$ 101 -PAULO MIGLIACCI – Mercado – Folha de São Paulo -01/02/2011 104

Vale faz acordo com Gold Oil para operar bloco terrestre no Peru- Mercado – Folha de São Paulo – 01/02/2011 105

Para analistas, petróleo em alta não encarece gasolina – Monica Cicarelli e Nicola Pamplona – Economia - O Estado De São Paulo – 02/02/2011 106

Tensão no Egito ressalta necessidade de encontrar alternativas ao petróleo – Thaís Marzola Zara – Mercado – Folha de São Paulo – 02/02/2011 107

Conflito já se reflete no preço do petróleo – Rogério Ortega – Mundo – Folha de São Paulo – 19/02/2011 107

Crise faz petróleo atingir maior cotação em 2 anos – Jamil Chade - Internacional – O Estado de São Paulo – 22/02/2011 109

Preço do barril de petróleo bate US$ 105- Pablo Gorondia – Mundo – Folha de São Paulo -22/02/2011 110

Revolução árabe, medo ocidental – Vinicius Torres Freire – Mercado –Folha de São Paulo – 22/02/2011 111

Petróleo: dá para absorver alta – Alberto Tamer – Economia – O Estado de São Paulo – 24/02/2011 112

Petróleo em revolta e o Brasil – Vinicius Torres Freire – Mercado – Folha de São Paulo – 24/02/2011 113

EUA apostam no Brasil para fornecimento – Andrea Murta – Mercado – Folha de São Paulo – 25/02/2011 114

Arábia aumenta produção de petróleo – Mundo – Folha de São Paulo – 26/02/2011 Conflito na Líbia interrompeu produção local e gera alta global no preço da commodity; barril chegou a US$ 120 115

Etanol brasileiro pode ganhar espaço nos EUA - Marcos de Moura e Souza – Valor Econômico – Internacional – 28/02/2011 115

Biodiesel

Vale assume controle da Biopalma, produtora de matéria-prima para biodiesel, por US$ 173,5 milhões - Danielle Nogueira – O Globo – 01/02/2011

RIO - A Vale acaba de adquirir o controle da produtora de óleo de palmaparaenseBiopalma da AmazôniaReflorestamentoIndústria e Comércio, informou a mineradoranestaterça-feira. A transaçãoenvolveu US$ 173,5 milhões e faz parte da estratégia da Vale de ampliarsuaatuaçãonaprodução de energiarenovável.

O óleo de palma é matéria-prima para a produção de biodiesel. A Biopalmacomeça a produziróleo de palmaem 2011, com a expectativa de atingir a produçãoanual de 500 mil toneladasem 2019, quando a lavouraatingirsuamaturidade, informou a Vale em nota. A destinação principal do óleoserá a produção de biodiesel pela Vale paraalimentarsuafrota de locomotivas, máquinas e osequipamentos de grandeporte das operações no Brasil, usando o B20 (mistura de 20% de biodiesel e 80% de diesel comum).

O objetivo é tornaraempresa a maiorprodutora do insumo do continente. "Com osagricultoresfamiliares e seusempregados, a nova Biopalmapretendeexpandirseunegócionospróximosanos e se tornar a maiorprodutora de óleo de palma das Américas", disse a Vale.Hoje a Biopalmageracerca de 3.200 postos de trabalho, entre próprios e terceiros.

A Biopalmafoiconstituídaemabril de 2009, por um consórcio do qual a Vale fazia parte. Para viabilizaraexpansão do negócio, a mineradoranegociou a dissolução do consórcio e a obtenção de 70% da empresa.

A Biopalmapossuiatualmenteseispólos de produçãoemimplantaçãonaregião do Vale do Acará e Baixo Tocantins, no Pará. Até 2013, serão 60 mil hectares plantadoscomdendê e 75 mil destinados a recuperação e regeneração de matanativa. Hojesão 18.400 hectares plantados, comprevisão de mais 14.400 hectares de plantio no primeirotrimestredesteano.

Vale compra Biopalma da Amazônia por US$173 milhões – Monica Cicarelli – Negócios – O Estado de São Paulo – 02/02/2011

A mineradora Vale anunciou a compra, por US$ 173,5 milhões, do controle da Biopalma da Amazônia, empresa produtora de óleo de palma,matéria-prima para a produção de biodiesel. Em nota, a Vale informou que o objetivo da aquisição é utilizar o combustível produzido para alimentar sua frota de locomotivas, máquinas e equipamentos de grande porte em suas operações no Brasil.

A Biopalma começa a produzir óleo de palma em2011,coma expectativa de atingir uma produção anual de 500 mil toneladas em 2019, quando a lavoura atinge sua maturidade. Desde 2009, a Vale já tinha firmado com a Biopalma um consórcio para produção de óleo de palma.

"Para viabilizar a expansão do negócio, a Vale negociou a dissolução do consórcio
e a obtenção da participação de 70% da Biopalma", diz a nota.

Atualmente,a empresa de biocombustível possui seis polos de produção em desenvolvimento na região do Vale do Acará e Baixo Tocantins, no Pará. Até 2013, serão 60 mil hectares plantados com dendê e 75mil destinados a recuperação e regeneração de mata nativa. Hoje são 18,4 mil hectares plantados, com previsão de mais 14,4 mil hectares de plantio no primeiro trimestre. Planos. A operação faz parte de um ambicioso plano da mineradora para abastecer suas locomotivas, que fazem o transporte de minério, com combustível mais limpo.

Em 2009, quando anunciou a parceria com a Biopalma, a Vale planejava investimentos de US$305 milhões na produção de biodiesel. O produto será usado prioritariamente em 200 locomotivas que escoama produção de minério do Pará e em grandes equipamentos na mina de Carajás, no mesmo Estado.

A Vale anunciou que pretende atingir uma produção de 160mil toneladas de biodiesel de palma, o equivalente a 20% do consumo energético da companhia.

Na nota divulgada ontem, a mineradora informa que planeja fazer da Biopalma a maior produtora de óleo de palma das Américas.Atualmente,é pequena a produção de biodiesel com essa matéria-prima no Brasil.

Vale anuncia aquisição do controle da Biopalma por US$ 173,5 milhões – Mercado-Folha de São Paulo-02/02/2011

A Vale anunciou ontem que assumiu o controle da Biopalma da Amazônia S.A. Reflorestamento Indústria e Comércio, do Pará, produtora de óleo de palma, matéria-prima para a produção de biodiesel. O valor da transação foi de US$ 173,5 milhões.

A Biopalma começa a produzir óleo de palma este ano. A destinação principal do óleo será a produção de biodiesel pela Vale para alimentar a frota de locomotivas, máquinas e equipamentos de grande porte das operações no Brasil.

Em abril de 2009, foi feito um consórcio entre as duas empresas. Para viabilizar a expansão das atividades, a Vale dissolveu o consórcio e comprou 70% da Biopalma.

Hoje, a empresa tem seis polos de produção em implantação na região do Vale do Acará e Baixo Tocantins, no Pará, e gera 3.200 postos de trabalho.

17 usinas entregam menos de 90% e três ficam de fora do 21º leilão - Biodiesel BR – 03/02/2011

Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) divulgou hoje, depois da matéria publicada pela BiodieselBR ontem, os dados das entregas de biodiesel de outubro a dezembro.

O volume de biodiesel entregue pelas usinas as distribuidoras representou 90,96% do volume total comercializado no 19º leilão, de acordo com os dados da ANP. A negociação foi realizada em agosto de 2010, com entrega programada para o último trimestre de 2010.

Em números globais, as entregas do produto vendido ficaram dentro do mínimo contratual, que é de 90%. Na ocasião da negociação, houve forte deságio no preço do combustível, que atingiu média de R$ 1,74. Tendência oposta a essa desvalorização seguiram as cotações do óleo de soja durante o período de entrega, o que levou 17 usinas a ficarem inadimplentes com a Petrobras (com entregas abaixo de 90%).

Apenas uma usina que vendeu mais de 2 milhões de litros entregou mais que o contratado. A Granol (GO) teve performance de 104%, 2,05 milhões de litros acima do contratado. A outra unidade do grupo no Rio Grande do Sul teve performance de 94%, um déficit de 3,6 milhões de litros.

As empresas que tiveram o pior desempenho foram a B-100, com entrega de apenas 3,57% do arrematado no leilão (a empresa já havia tido performance de 17% nas entregas de biodiesel no 18º leilão); a Cooperfeliz (29%); a Amazonbio (32%) e a Comanche, com entrega de 46% (no 18º leilão a empresa entregou 61% do biodiesel vendido).

As usinas que entregaram volumes menores que o mínimo contratual estão sujeitas a receber multa. As que entregaram abaixo de 60% ficarão impedidas de participar do leilão que acontece este mês.

Atualização 04/02 - 11h40m:

Correção: Três usinas ficam impedidas

Três usinas estão impedidas de participar do 21º Leilão de Biodiesel e não quatro, como foi informado pela *BiodieselBR* acima.

Apesar de quatro usinas terem entregue abaixo de 60%, a unidade da Cooperfeliz não teve o contrato rescindido. De acordo com informações apuradas pela BiodieselBR a situação da Cooperfeliz não está relacionada com inadimplência da usina, mas sim com a não retirada do biodiesel por parte da distribuidora.

Já as outras três usinas, B100, Amazonbio e Comanche tiveram o contrato rescindido com a distribuidora e estão impedidas de participar do leilão que ocorre no dia 16 de fevereiro.

Atualização 04/02 - 16h45m:

A Cooperfeliz enviou um comunicado a BiodieselBR informando que os dados da ANP estão incorretos e que a usina entregou 87% do contratado e não 29% como afirma a ANP. De acordo com o comunicado foram retirados da usina 262 mil litros de biodiesel (e não 87 mil litros). A empresa afirma que já solicitou a correção com a agência.

BiodieselBR.com

Tabela com as entregas

Alice Duarte – BiodieselBR.com

Duas usinas ganham autorização para comercializar com capacidade ampliada - Biodiesel Br – 03/02/2011

No início da semana duas usinas receberam autorização de comercialização da ANP. A Bioverde e a Fiagril, foram autorizadas a comercializar com sua nova capacidade de produção. A Bioverde passou de 88,2 milhões de litros de capacidade anual para 181,1 milhões. Esse aumento coloca a usina como a 12ª maior unidade de biodiesel do Brasil. Antes ela ocupava a 28ª posição.

Já a Fiagril passou de 147,6 milhões de litros para 202,6 milhões. Esse aumento faz com que o Brasil tenha 11 unidades com capacidade de produção acima de 200 milhões de litros anuais. Somando apenas essas usinas a capacidade nominal de produção de biodiesel fica em 2,86 bilhões de litros.

Veja abaixo as 15 maiores usinas do Brasil:

Lugar	Usina	Estado	Capacidade (m^3)
1º	**Oleoplan**	RS	378.000
2º	**ADM**	MT	343.800
3º	**Granol**	RS	335.999
4º	**Biocapital**	SP	296.640
5º	**Caramuru**	GO	225.000
6º	**Caramuru**	GO	225.000
7º	**Granol**	GO	220.680
8º	**Petrobras**	BA	217.231
9º	**Olfar**	RS	216.000
10º	**Fiagril**	MT	202.680
11º	**JBS**	SP	201.683
12º	**Bioverde**	SP	181.177
13º	**Binatural**	GO	162.000
14º	**BSBios**	RS	159.840
15º	**Camera**	RS	144.000

Mais uma processadora de soja aposta no biodiesel – Biodiesel BR – 07/02/2011

A Produtos Alimentícios Orlândia, empresa processadora de grãos de São Paulo e detentora da marca Brejeiro, está entrando para o setor de biodiesel. A empresa – que comercializa arroz, soja em grão, óleo de soja, farelo e derivados – conseguiu hoje (07) a autorização da Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (ANP) para iniciar as obras de modificação da planta industrial existente em Orlândia (SP) para começar a produzir biodiesel. A usina terá capacidade para produzir 54 milhões de litros por ano. Depois de pronta, a unidade ainda vai depender de autorização específica da agência reguladora para operação e comercialização do biodiesel em leilão.

Cesbra

Hoje a ANP também concedeu autorização de ampliação para a produtora de biodiesel Cesbra Química em Volta Redonda (RJ). A capacidade produtiva irá de 21,6 para 60 milhões de litros/ano. A autorização para operar com a nova capacidade foi concedida no mesmo dia. A empresa também foi liberada para construir e operar dois tanques de armazenamento de biodiesel de 225 m³ cada e três tanques de armazenamento de óleos vegetais, com capacidade total de 414 m³.

Bio Petro

Outra autorização de operação saiu para a usina da Bio Petro, de Araraquara (SP), que teve a capacidade de produção recém ampliada para 70 milhões de litros/ano.

Alice Duarte – BiodieselBR.com

Biodiesel eleva corrosão de materiais – Biodiesel BR – 08/02/2011

Diferentemente do diesel obtido dos recursos fósseis, o biodiesel não consegue manter as suas propriedades por longos períodos. Com o tempo, dependendo das condições de armazenamento, ele é mais suscetível à degradação devido a sua propriedade de absorção de umidade. Alguns estudos apontaram que o biodiesel pode absorver até 30 vezes mais água que o diesel comum.

Na apresentação do pesquisador Eduardo Cavalcanti no 28° Congresso Brasileiro de Corrosão, é descrito que essa característica resulta em maior oxidação. A água contida no combustível é liberada, possibilitando o acúmulo da chamada borra e crescimento de fungos e bactérias. Além de causar danos aos motores, o material gera desgaste no sistema de injeção e se aloja nas tubulações e filtros dos veículos.

Outra questão apontada por Eduardo Cavalcanti é o poder de solvência elevado do biodiesel, podendo ocasionar a corrosão também de materiais não-ferrosos. O pesquisador alerta no documento que, apesar dos benefícios e vantagens deste tipo de biocombustível, essas propriedades podem ser um obstáculo no desenvolvimento do setor.

De acordo com o professor e membro do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da Universidade Federal de Goiás, José Daniel Gonçalves Vieira, a proliferação de bactérias já foi encontrada em tanques de caminhões e ônibus. Para sanar o problema, estudos estão sendo realizados para combater a proliferação de bactérias e a

formação das borras.

Estudos mais conclusivos ainda estão em desenvolvimento para medir o impacto na vida útil dos motores. Entretanto, isso pode variar de acordo com a mecânica de cada veículo. Geralmente, os modelos mais novos são mais suscetíveis a problemas.

Tatiana Lagôa

UFSCar vai transformar alga em biodiesel – Reinaldo José Lopes – Ciência – Folha de São Paulo – 16/02/2011

Parceria com empresa receberá aporte de R$ 3,2 milhões do BNDES; plano é usar dejeto da indústria da cana

Vinhaça, que é sobra da destilação do etanol, servirá de comida para micróbios produtores de matéria-prima

Quem já passou pelos imensos canaviais do interior paulista conhece o cheiro desagradável da vinhaça, líquido que sobra após a produção de álcool. Cientistas e empresários apostam que o dejeto pode virar a base de um novo tipo de biodiesel.

A UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) e a empresa Alga e Biotecnologia assinaram ontem um contrato de cooperação tecnológica para colocar a idéia em prática. O plano é usar a vinhaça como "ração" para algas microscópicas, cujas células, ricas em moléculas de gordura, virariam biocombustível.

Nos próximos 30 meses, a parceria vai receber R$ 3,24 milhões do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), enquanto a Alga e investirá mais R$ 320 mil.

Novas tecnologias criadas pelo projeto serão patenteadas, e possíveis lucros oriundos delas serão divididos meio a meio entre a universidade e a empresa, disse à **Folha** Sergio Goldemberg, gerente técnico da Alga e.

"Vamos tomar cuidado para que os resultados das pesquisas não sejam publicados antes de garantirmos a propriedade intelectual sobre eles", afirma. Se tudo der certo, o projeto pode ajudar a resolver uma série de problemas ambientais e tecnológicos com uma cajadada só. A vinhaça, que é basicamente a "água suja" que sobra depois da fermentação e da destilação do caldo de cana, é muito rica em sais e em compostos orgânicos difíceis de degradar.

TRATAMENTO

Por isso mesmo, é poluente e demanda tratamento antes de ser lançada na natureza. "As algas removeriam parte desses poluentes e virariam matéria-prima", explica Reinaldo Gaspar Bastos, engenheiro de alimentos do campus da UFSCar em Araras (SP) e líder da pesquisa.

O desafio é achar o tipo certo de alga para o propósito desejado, conta Bastos. Dependendo da espécie, há diferentes proporções de gorduras e proteína nas células. Caberia ao interessado escolher linhagens mais "gordurosas" (voltadas para a produção de biodiesel) ou ricas em proteína (que virariam ração animal, outra possível abordagem do projeto).

Na corrida por biocombustíveis mais baratos e eficientes, o biodiesel de microalgas desperta interesse, primeiro, por não ocupar terras que poderiam ser usadas

para produzir alimentos. Mas o principal, diz Bastos, "é o tempo de geração, a capacidade de dobrar a própria biomassa muito rapidamente".

Nesse ponto, as algas ganham fácil dos vegetais terrestres, mas o problema é encontrar uma maneira de otimizar industrialmente a produção delas. "Nesse ponto, o etanol ainda é muito competitivo", afirma o pesquisador.

Goldemberg diz que a expectativa é criar um biodiesel de alga capaz de competir com o produzido com vegetais como soja em até cinco anos. Hoje, avalia ele, o custo do óleo feito com algas é entre cinco e dez vezes mais alto. Combinar a produção de biocombustível com serviços de despoluição e produção de ração tornaria a equação mais vantajosa, afirma.

Com boa safra de soja, Coamo espera superar receita de R$ 5 bilhões - Marli Lima - Valor Econômico – Agronegócios – 22/02/2011

Resultado dependerá de clima e preços; no ano passado, o faturamento foi de R$ 4,78 bilhões

De Curitiba A C o a m o, cooperativa de Campo Mourão (PR), encerrou 2010 com receitas de R$ 4,78 bilhões e planeja romper em 2011 a barreira de R$ 5 bilhões. Para atingir a meta, vai depender ainda de variáveis como clima e preço das commodities agrícolas, mas a safra de soja vai garantir boa parte do resultado — a previsão é aumentar o recebimento do grão em 10%. O faturamento de 2010 só não foi melhor porque os preços no primeiro semestre ficaram abaixo do esperado e, embora tenha havido recuperação no segundo semestre, boa parte da produção já estava vendida. Mesmo assim, a receita cresceu 2,4% sobre os R$ 4,67 bilhões de 2009. As sobras líquidas do exercício somaram R$ 287 milhões e, ontem, a cooperativa começou a distribuir R$ 103 milhões aos 22,7 mil associados, conforme a movimentação de cada um na compra de insumos e entrega da produção. José Aroldo Gallassini, diretorpresidente da Coamo, diz que é difícil repetir as safras de 2009 e 2010, que foram boas para a soja, para o milho e para o trigo. Na de 2011, o plantio de soja foi adiado alguns dias por causa de seca e a colheita começou com muita chuva, o que resultou em atrasos. Em igual período do ano passado, a cooperativa já tinha recebido 8,7 milhões de sacas de soja e, ontem, contabilizava 2 milhões de sacas. Fazendo a mesma comparação, no caso do milho foram 3,2 milhões de sacas, ante 314 mil de agora. A safra de inverno também vai atrasar, por isso o Ministério da Agricultura prorrogou na semana o prazo para plantio de milho safrinha para até 20 dias, conforme a região. Segundo Gallassini, os associados vão reforçar a aposta no milho em 2011. “No ano passado, fornecemos 150 mil sacas de semente de milho e, neste ano, foram 215 mil sacas até agora”. No ano passado, a cooperativa, uma das maiores da América Latina, teve problemas para armazenar os produtos que recebeu. A capacidade de armazenagem, que era de 4,7 milhões de toneladas, foi ampliada em 500 mil toneladas. “Agora estamos com boas condições de recebim e n t o”, afirma o executivo. Com a melhora nos preços, as vendas antecipadas também cresceram. De acordo com Gallassini, 33% da soja da região têm contrato futuro. O agricultor, que no primeiro semestre de 2010 chegou a entregar a saca por R$ 29, já vendeu parte da nova safra por valores entre R$ 36 e R$ 48 a saca. Em 2010, quando completou 40 anos, a Coamo bateu recorde no volume de exportações, que cresceram 8,2% e chegaram a US$ 761 milhões. Gallassini está otimista com o que vem pela frente e, sem revelar detalhes, diz

que há projetos em estudo, que vão depender de viabilidade econômica. Valor Econômico http://valor.ideavalley.com.br//flip/tools/flipPrint/printMateria.php?id... 1 de 2 15/6/2011 13:56 Do plano de investimento de R$ 200 milhões para o período 20092011, há 39 obras em andamento e outras 29 serão iniciadas. Valor Econômico http://valor.ideavalley.com.br//flip/tools/flipPrint/printMateria.php?id... 2 de 2 15/6/2011 13:56

Amyris define comando no Brasil e prepara início da produção local – Biodiesel Br – 25/02/2011

O executivo Paulo Diniz, ex-Bunge e ex-Cosan, será anunciado hoje como presidente da Amyris Brasil. A multinacional americana de biotecnologia, que tem a petrolífera Total como uma de suas principais acionistas, é especializada em matéria-prima renovável, o farneseno a partir da cana, utilizados nas indústrias de especialidades químicas e combustíveis para transporte, sobretudo. O grupo começa este ano a produzir em escala comercial no país — a primeira fábrica entra em operação no fim deste semestre e a segunda unidade começa a funcionar em 2012.

"O jogo começa agora, após um período de aquecimento e boa temporada de treinos", disse Diniz. Ele assume a direção da companhia, que operava no país e nos Estados Unidos com plantas-piloto, com o objetivo de promover seu processo de expansão. Antes da Amyris, Diniz passou pela Bunge, onde ajudou a conduzir o processo de integração das duas empresas da companhia — divisão de alimentos e fertilizantes. Na Cosan, coordenou o processo de abertura de capital da companhia. Antes foi o responsável pela expansão da TIM no Brasil. "Agora terei a oportunidade única de liderar uma equipe de excelentes profissionais e uma empresa com projeto inovador." Diniz substitui Mario Portela, que deverá tocar os negócios nos EUA. John Melo mantém-se como principal executivo global.

Criada em 2003 e sede na Califórnia, a Amyris detém tecnologia própria de produção de farneseno "verde", um componente químico (hidrocarboneto), a partir da fermentação do caldo de cana com leveduras. O produto é utilizado como matéria-prima para produção de lubrificantes, diesel e biodiesel, cosméticos, detergentes e combustíveis de avião. O objetivo é substituir derivados de petróleo.

A empresa tem carta de intenções com a Procter & Gamble para o fornecimento de farneseno para a produção de sabão e detergente, afirmou o executivo. Há interesse da Shell para o diesel "verde" e a Total, com 22% de participação na Amyris, deverá desenvolver uma linha de lubrificantes automotivos com esse produto.

A Amyris vai concorrer no mercado com importantes grupos, como DuPont, e também com empresas de biotecnologia menores, como Solazymes, Sapphire, Gevo, LS9 e Synthetic Genomics.

Nos últimos meses, a companhia fechou parcerias estratégicas no Brasil. A primeira unidade está sendo erguida em Piracicaba (SP), dentro das instalações da empresa belga Biomin. Por meio de uma joint venture com a São Martinho, a empresa também está

construindo uma unidade anexa à usina de Pradópolis (SP), com produção a partir de 2012. O investimento na fábrica será de cerca de US$ 50 milhões, com 50% de participação cada empresa. Acordos de fornecimento de cana foram fechados com a Cosan, Bunge e Tereos.

A expectativa para este ano é de que o faturamento da empresa no país atinja US$ 200 milhões, segundo Diniz.

Com ações negociadas na Nasdaq (bolsa especializada em empresas de alta tecnologia) desde setembro de 2010, a Amyris possui um valor de mercado da ordem de US$ 1,25 bilhão pela sua plataforma industrial de biologia sintética inovadora.

STJ cassa liminar da ADM e empresa deve perder venda de 25 milhões de litros – Biodiesel Br – 25/02/2011

O Supremo Tribunal de Justiça (STJ) cassou na noite de ontem (24.02) a liminar que deu o direito a ADM participar do lote das usinas com o selo Combustível Social no 21º leilão de biodiesel da ANP.

A decisão do STJ foi baseada no fato da ADM já saber que o processo administrativo estava em curso desde 2009 e por isso não poderia alegar surpresa com o cancelamento do selo.

Além disso, o Ministro Arnaldo Esteves Lima expõe que "houve sucessivas oportunidades para que a agravada regularizasse ou demonstrasse o cumprimento dos requisitos para a manutenção do selo." A sentença levou em consideração o acórdão do processo que a Brasil Ecodiesel impetrou contra o MDA, em 2010 pela perda do selo Combustível Social, onde não obteve êxito.

Com a cassação, a ADM perderá os 25 milhões de litros vendidos no lote 1 do 21º leilão. No total a empresa havia vendido 37,75 milhões de litros, contudo os 12,75 milhões do lote 2 permanecem com a empresa. A ADM também não poderá entregar o restante do contratado no lote 1 do 20º leilão, realizado em novembro do ano passado.

A decisão foi comunicada à ANP e ao MDA por volta das 20:30h da noite de ontem por telegrama.

Etanol

Kirchner anula alta de preços da Shell no país- Lucas Ferraz – Mercado – Folha de São Paulo – 03/02/2011

Para governo, empresa politiza seus reajustes

O governo da presidente Cristina Kirchner publicou ontem uma medida que anula o reajuste dos combustíveis anunciado pela Shell e acusou a companhia de usar os aumentos de forma política, a serviço da oposição.

A decisão da Shell de reajustar o valor dos combustíveis de 2% a 3,6%, anunciada terça, causou revolta no governo. "Há clara intenção política", disse o ministro do Planejamento, Julio De Vido.

"Mais que gerente de uma companhia estrangeira, ele parece um agente da oposição" completou, referindo-se a Juan José Aranguren, presidente da Shell Argentina.

Procurado, ele não quis se manifestar. A companhia, a segunda maior empresa de combustíveis do país, limitou-se a dizer que o aumento se deve a alta nos custos. Em 2010, o governo adotou a mesma medida contra a Shell, que conseguiu reverter a decisão na Justiça.

Lula produzirá 5% do petróleo brasileiro- Pedro Soares- Mercado – Folha de São Paulo – 03/02/2011

Previsão da Petrobras é que esse campo, antes chamado de Tupi, feche o ano com a marca de 100 mil barris/dia

Nova aposta da estatal é a sub-região chamada de Lula Nordeste, que terá capacidade para 120 mil barris em 2013

Descoberto em 2006 e em fase de testes até o fim de 2010, o campo de Lula (ex-Tupi) chegará ao final de 2011 com uma produção de óleo de 100 mil barris/dia, o que corresponde a 5% do volume de extração de petróleo da estatal no Brasil. Lula é o maior campo já descoberto pela Petrobras, com reservas estimadas em 6,5 bilhões de barris.

Junto com a área contígua de Carnambi, tem uma jazida total de 8,3 bilhões de barris, cifra que fez crescer as reservas brasileiras em 60%. O campo fica no pré-sal da bacia de Santos, mais promissora província petrolífera da companhia.

Hoje na faixa de 20 mil barris/dia, sua produção é limitada porque ainda precisam ser perfurados mais poços de produção de óleo, que se conectarão com a plataforma.

A produção é considerada piloto porque a plataforma definitiva ainda não foi instalada. A unidade que está em operação no campo atualmente é alugada. No mesmo bloco de concessão de Lula, o BM-S-11, a nova aposta da Petrobras, porém, é a sub-região batizada de Lula Nordeste.

No próximo mês começa o teste de longa duração com uma plataforma que terá capacidade de extrair na casa dos 15 mil barris/dia (mesmo volume do teste em Lula).

Apesar de ser piloto, a produção tem destino comercial -será refinada no Brasil ou exportada.

O teste em Lula Nordeste servirá ainda para reunir dados mais precisos sobre a área, a serem usados, inclusive, para mapear melhor o tamanho do reservatório e as características do petróleo.

Após a declaração de comercialidade de Lula Nordeste, ao final dos testes, e caso a estatal conclua que se trata de um campo separado do de Lula, será alocada uma nova plataforma para a região, na etapa conhecida como piloto de produção.

A unidade, capaz de produzir 120 mil barris/dia, entrará em operação em 2013. Para atingir tal volume, serão perfurados 15 poços -cada um tem custo médio de US$ 100 milhões.

Paralelamente, a Petrobras estuda fazer, até 2013, mais quatro testes de longa duração nas seguintes áreas: Carioca, Carioca Nordeste, Abaré e Iguaçu, todas no pré-sal da bacia de Santos.

A estatal já busca plataformas para serem alugadas e alocadas nessas regiões. A empresa confirmou que lançará, em breve, uma licitação para alugar duas plataformas para as áreas do pré-sal de Guará e Cernambi Sul.

EXXON

A petroleira norte-americana Exxon registrou em seu balanço perdas com três poços no bloco BM-S-22 do pré-sal, no qual é responsável pelos trabalhos de exploração de óleo. Nos poços, foram investidos US$ 400 milhões.

A companhia nega, porém, que tenha abandonado a exploração daquela área.

Gestão familiar – Luciana Franco - Globo Rural – 04/02/2011

Em quase todo o Brasil a consolidação da cadeia produtiva da cana-de-açúcar tem atraído um número crescente de grupos nacionais e estrangeiros interessados em ingressar no segmento sucroenergético. E, ao longo da última década, o centro-sul do país foi alvo de ondas de investimentos em expansões, fusões e aquisições de usinas de açúcar e álcool. Há, entretanto, uma região onde a cana também se consolidou, mas sem alterar a estrutura das empresas familiares: o nordeste do Brasil, que teve a matéria-prima como base da economia na época dos engenhos e onde grupos originados no início do século passado estão se modernizando sem mudar de mãos ou de estrutura societária.

A Usina Coruripe, de Alagoas, é uma dessas empresas. Pertencente ao Grupo Tércio Wanderley, que leva o nome de seu fundador, é atualmente dirigida pelo filho, Vitor Montenegro Wanderley. Fundada em 1925 no município de Coruripe, distante 90 quilômetros de Maceió, a usina começou a produzir açúcar em 1927 e foi adquirida pelo empresário em 1941. Naquele ano, a usina esmagou 15 mil toneladas de cana e produziu 35 mil sacas de açúcar. O volume de produção que na década de 1940 era anual hoje é diário. E na safra atual a Coruripe está processando 16 mil toneladas de cana por dia e produzindo 38 mil sacas de açúcar. Na safra 2010/2011, a estimativa da empresa é

colher 2,8 milhões de toneladas de cana e produzir 5,7 milhões de sacas de açúcar e 4 milhões de litros de álcool.

A produção de açúcar VHP é integralmente exportada. Os maiores mercados são Reino Unido, Japão, Rússia e Estados Unidos

Para atingir tamanha produção, as últimas sete décadas foram marcadas por investimentos no campo e na indústria. E, além das contínuas expansões na planta fabril, o investimento em irrigação, que começou na década de 1980, é tido como o mais importante da companhia na área agrícola. “Uma certeza que sempre tivemos é a de registro de seca no Nordeste. Tivemos de nos preparar para lidar com esse fenômeno climático”, diz Cícero Augusto Almeida, gerente agrícola da Coruripe. O uso de irrigação nas lavouras nordestinas faz parte de um segundo ciclo de investimentos tecnológicos do setor. O primeiro foi o desenvolvimento de variedades de cana resistentes a seca. “Eram sementes resistentes, mas pouco produtivas. Com a irrigação conseguimos ampliar a produtividade das lavouras”, conta Almeida.

Atualmente, dos 30 mil hectares que a usina mantém em produção, 25,5 mil são irrigados. “Trabalhamos mais de 20 anos nesse projeto, que é considerado o mais moderno sistema de irrigação por gotejamento do Brasil”, diz Pedro Carnaúba, coordenador do setor de irrigação da Usina Coruripe. O sistema é computadorizado e controla a aplicação de água e fertilizantes de acordo com a necessidade das plantações. A água usada é proveniente da barragem da usina, que tem capacidade de 60 milhões de metros cúbicos. O resultado prático desse investimento foi o salto de produtividade das lavouras. As áreas não irrigadas produzem entre 50 e 60 toneladas de cana por hectare. Já as áreas com irrigação conseguem, em média, 80 toneladas por hectare, mesmo patamar registrado no centro-sul do país. “No Nordeste, não temos mais áreas para expansão. Portanto, nosso crescimento tem de ser vertical”, avalia Almeida.

Além dos recursos aplicados em irrigação, a Usina Coruripe também investe em ações de conservação e restauração do bioma Mata Atlântica que existe em sua área de influência e começa a se preparar para mecanizar a colheita. “Atualmente temos 4,7 mil funcionários que trabalham na área agrícola, mil atuam na irrigação e o restante no corte de cana. Nosso desafio é preparar esse contingente que opera com corte para atuar em outros segmentos”, diz Almeida. A preocupação do gestor se deve ao fato de que no Nordeste as usinas de açúcar são as principais empregadoras de determinadas regiões, não havendo outros setores industriais que possam absorver a mão de obra dispensada pela usina. “Por esse motivo, estamos adiando ao máximo a mecanização da colheita, pois sabemos que o impacto social será grande”, diz o gerente agrícola.

Os planos da Coruripe incluem iniciar a colheita mecânica na safra 2012, substituindo a força humana por máquinas em 25% da área cultivada. A iniciativa não é inédita. Em meados da década de 1980, a companhia se arriscou na mecanização da colheita e chegou a operar 13 colheitadeiras, mas o desemprego local foi tamanho que o diretor do grupo, Vitor Wanderley, decidiu voltar atrás e recontratar cortadores de cana. “Parte de nossos funcionários é daqui e parte vem do Sertão e do Polígono da Secas (região

composta de 1.133 municípios de nove estados que sofrem com repetidas estiagens) e não tem outra opção de trabalho", conta Almeida.

A colheita de cana no Nordeste ocorre entre setembro e março

O salário médio de um cortador de cana oscila em 1,2 mil reais por mês. Em Alagoas, maior produtor de cana do Nordeste, existem cerca de 60 mil trabalhadores que atuam no corte da cana das 24 usinas instaladas no estado. As condições de trabalho desses profissionais, no entanto, são muito diferentes das registradas na época dos engenhos, quando a mão de obra era escrava e submetida a regimes de trabalho extenuantes. Nos dias de hoje, as usinas se preocupam com o bem-estar de seus funcionários e, além de alojamentos com telhas térmicas e área de lazer com quadra e campo de futebol, os canavieiros recebem complementos alimentares durante o dia de trabalho, como água gelada, lanche pela manhã, saches de mel no meio do dia e sopa de jantar. "Investimos anualmente 1,4 milhão de reais na alimentação de nossa equipe de trabalho", conta o gerente.



Para gerar renda local, há dez anos a usina desenvolveu um projeto de apicultura em parceria com um povoado vizinho, a comunidade Pontes, onde foram instaladas 70 colmeias, que geram, em época de colheita, mil litros de mel natural. O produto é comprado pela Coruripe e distribuído como complemento alimentar aos trabalhadores rurais. A infraestrutura rural da usina conta ainda com refeitórios, banheiros para 50 pessoas, barbearia, banco e enfermaria. "A colheita mecanizada tem custo menor que a manual, e 96% de nossa área é mecanizável, mas nosso compromisso social com a região onde estamos inseridos nos impede de simplesmente dispensar os cortadores de cana", diz Almeida.

O bagaço ajuda a gerar energia para reduzir o custo de irrigação

Os preços do açúcar pago aos produtores do Nordeste são 30% maiores que os verificados no Centro-Sul. O transporte na região também é mais competitivo. A Coruripe, por exemplo, está a 110 quilômetros de distância do complexo portuário de Maceió e o custo para transportar uma tonelada de açúcar até o porto é de R$ 27. O açúcar é o principal produto exportado pelo estado e em 2010 respondeu por 80% das vendas externas de Alagoas. No período, foi embarcado 1,6 milhão de toneladas de açúcar. Já em Pernambuco, segundo produtor nordestino, ele também é importante e responde por 40% das exportações estaduais.

Já no Triângulo Mineiro, onde a Coruripe mantém outras três unidades, a distância a ser percorrida até o porto é de cerca de 800 quilômetros e o custo de transporte sobe para R$ 128 por tonelada. A expansão para o sudeste do Brasil aconteceu em 1994 por meio da compra da Destilaria Balbo, em Iturama. Em 2002, o grupo inaugurou a filial Campo Florido, distante 94 quilômetros de Uberaba. A filial Limeira do Oeste é a terceira unidade do Grupo Tércio Wanderley no estado de Minas.

A produção de álcool é pequena no Nordeste. Usinas expandem para o Centro-Sul a fim de investir no combustível

Outro grupo que manteve o ritmo de crescimento nas últimas décadas sem alterar a estrutura familiar foi o de Carlos Lyra, executivo hoje com 86 anos e que seguiu a trajetória do avô, Carlos Pereira de Lyra, iniciada em Pernambuco com a Usina Serra Grande, no final do século XVIII. Hoje, a indústria Caeté, de propriedade do grupo, possui unidades em Alagoas, Minas e São Paulo. As unidades alagoanas da Caeté também foram beneficiadas com o uso de irrigação nas plantações de cana e, em Igreja Nova, onde está a planta Caeté/Marituba, um dos destaques que o grupo se orgulha de ostentar é a distribuição de renda. “Além da área própria de 10 mil hectares, também mantemos parceria com mais de mil fornecedores locais, que detêm área de um a 500 hectares”, conta o gerente-geral da Marituba, Fabrizzio Tenório. Edvaldo Vasconcelos, hoje com 79 anos, é fornecedor da Usina Marituba há 20 anos. “Forneço cana para o grupo desde que eles se instalaram na região, que, graças à vinda da usina para cá, se desenvolveu muito”, diz. Atualmente com uma área de 120 hectares cultivados com cana, Edvaldo, conhecido na região como Seu Dedé, colhe entre 3 mil e 5 mil toneladas de cana por ano, o que lhe garante uma renda anual entre 200 mil e 300 mil reais. “Meu filho Eduardo é técnico agrícola e hoje cuida do dia a dia da lavoura”, diz Seu Dedé, que hoje tem uma vida tranquila e gasta as tardes jogando dominó com os amigos na frente de casa. “Antes da chegada da usina, não havia nenhuma casa de tijolo nessa comunidade, só de barro. Hoje já temos escola, centro comunitário e muita gente interessada em vir para cá para plantar cana”, diz o agricultor.

O agricultor Edvaldo, conhecido como Seu Dedé, é fornecedor de cana e diz que hoje "a vida é tranquila"

A Usina Marituba vai colher nesta safra 1,25 milhão de toneladas de cana e produzir 2,1 milhões de sacas de açúcar e 36 milhões de litros de álcool. A usina

também produz 55 megawatts de energia elétrica. Deste total, vende 17 megawatts e consome 38, usados em sua maioria na irrigação das plantações. O plano da companhia é iniciar a mecanização da colheita em 2012, com 20% da área. Na matriz, situada no município de São Miguel dos Campos, também em Alagoas, 50% da colheita já é mecanizada. “Estamos indo com calma nesse assunto, pois cada máquina elimina 80 trabalhadores do corte”, diz Tenório.

A empresa também adotou um sistema de gestão ambiental bastante eficiente. Os cuidados com os trabalhadores rurais e com o meio ambiente propiciaram a obtenção de um selo, que permite à empresa exportar açúcar para o Reino Unido. “Em geral, nossas vendas são realizadas para mercados exigentes, o que serve de parâmetro para atestar a qualidade de nossa produção”, afirma.

No Nordeste, a safra de cana-de-açúcar de 2010/2011, cuja colheita começou em agosto do ano passado e se encerrará em março deste ano, está estimada em 61 milhões de toneladas, respondendo por 11% da produção nacional, projetada em 555 milhões de toneladas para o período. Em Alagoas, principal produtor da região, a safra crescerá 15% e deve somar 27,8 milhões de toneladas de cana. Já em Pernambuco, segundo produtor da região, a produção será 10% menor, devido à seca, e somará 16 milhões toneladas de cana. Na região centro-sul do país, principal polo produtor do Brasil, as projeções apontam safra de 555 milhões de toneladas.

RESERVAS PARTICULARES

Na usina Coruripe, várias espécies nativas, como o pau-brasil, foram catalogadas

Além de preservarem e reflorestarem as áreas degradadas da parte de Mata Atlântica que fica em suas terras, as usinas nordestinas também estão investindo na criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs).

No caso da Coruripe, a usina mantém duas reservas RPPNs no município de Feliz Deserto, AL, e uma em Januária, MG. Esta última, com 8 mil hectares de área contínua, serve de santuário ecológico para diversas espécies do ecossistema brasileiro.

Já a Caetés criou duas reservas: a Salvador Lyra, na Unidade Marituba, com 1,4 mil hectares, considerada a maior RPPN de restinga de Alagoas, e a Senador Carlos Lyra, na Unidade Cachoeira, em Maceió, com 450 hectares.

Bertin atrasa usinas, mas governo ajuda – Economia – O Estado de São Paulo – 04/02/2011

Grupo deixa de cumprir cronograma de seis térmicas, é multada, e governo tenta mudar regras para facilitar a operação das usinas

A história tumultuada do Grupo Bertin no setor elétrico acaba de ganhar mais um capítulo polêmico.A empresa não cumpriu o cronograma para entrada em operação de seis termoelétricas,de 1.000 megawatts (MW),que teriam de estar disponível no sistema até 31de janeiro.

De acordo com as regras, além de não receber a receita pela capacidade da usina, a companhia terá de fazer o depósito de uma garantia na Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE).

Entre os motivos para o atraso na construção das térmicas, está a dificuldade da empresa para fechar contratos de fornecimento de óleo no exterior.O problema, porém, deve ter uma ajudinha do governo federal, que incluiu na Medida Provisória 501 (que dispõe sobre outros assuntos) a autorização de mudanças técnicas em empreendimentos termoelétricos, como a troca de combustível,de óleo para gás natural, por exemplo . AMP está no Congresso para ser votada e já tranca a pauta do Senado.

Antes da MP 501, o governo tentou incluir a alteração na MP 499 e teve o apoio do Senador Romero Jucá (PMDB/RR), segundo fontes do setor. Mas o artigo foi vetado pelo presidente Lula, que impôs algumas condicionantes: não haver redução na garantia física da usina e manter as condições que determinaram o vencedor do leilão. As sugestões foram inseridas na MP 501, na versão da deputada Solange Almeida (PMDB/RJ).

Em nota, o presidente da Bertin Energia, José Malta, afirmou que, se a medida for aprovada, vai estudar se fará ou não a mudança. Mas, segundo especialistas, a alteração seria vantajosa para a empresa, já que a usina seria mais requisitada para entrar em operação. Nas regras do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), há uma lista de unidades com prioridades para entrar em funcionamento.

As primeiras,como as hidrelétricas, são as mais baratas.As térmicas a óleo ficam na outra ponta, como as mais caras e só são despachadas em caso de emergência. Cada MWh gerado custa algo em torno de R$ 600. As térmicas a gás ficam no meio termo, mas são mais requisitadas pelo ONS no período seco para preservar os reservatórios das hidrelétricas.

Portanto, a empresa ganharia mais,garantem especialistas. Do lado do consumidor, no entanto, a história seria outra. Ao despachar mais térmicas, a conta de energia tende a ficar mais cara.

Multa.

Por causa do atraso no cronograma das seis usinas, a Bertin Energia foi multada em R$ 1,2 milhão. Apesar de o valor ser baixo, a empresa recorreu da decisão e alegou demora da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel)na liberação do processo.

A análise das multas já entrou várias vezes em pauta, mas sempre foi adiada. O diretor Julião Coelho, responsável pela analise do processo, diz que até a primeira quinzena de março o assunto estará resolvido.

O depósito como garantia da energia não entregue, que deverá pesar bem mais no bolso da Bertin Energia, ainda não foi feito. Segundo o presidente da empresa, a definição de um novo prazo e, consequentemente, do depósito vão ocorrer após reuniões das áreas técnicas. A empresa afirma ainda que vem“ promovendo ações e alocando todos os recursos necessários para permitir que a entrada em operação das usinas ocorra com a menor defasagem possível”.

Antes desse problema, o Grupo Bertin, por meio da empresa Cibe, não conseguiu apresentar as garantias de usinas térmicas que arrematou em 2008. Embora tenha contornado a confusão, a empresa foi multada. Além das seis usinas, a Bertin tem outras 13 térmicas,de3.168MW,previstas para entrar em operação em 2013. Outro grande empreendimento com participação da empresa é a Hidrelétrica de Belo Monte, leiloada em abril de 2010. O Grupo Bertin foi peça fundamental para o governo federal conseguir licitar o projeto, de 11.233MWde potência.

Petrobras vai levantar US$ 40 bi para desenvolver áreas do pré-sal - Joe Leahy – Mercado- Folha de São Paulo – 04/02/2011

Segundo o presidente da empresa, José Sergio Gabrielli, emitir ações não está nos planos

Emissão de títulos de dívida deve completar investimentos para dobrar a produção de petróleo até 2020

A Petrobras planeja levantar até US$ 40 bilhões (R$ 67 bilhões) por meio da emissão de títulos de dívida, até 2014, como preparação para o desenvolvimento de seus reservatórios de petróleo na camada pré-sal, disse o presidente da companhia, José Sergio Gabrielli.

A meta, que se segue a uma emissão de US$ 6 bilhões em títulos duas semanas atrás -a maior na história empresarial brasileira-, elevaria consideravelmente o nível de endividamento da Petrobras, mas não a ponto de ameaçar a classificação de seus papéis no grau de investimento.

"Vamos precisar de entre US$ 30 bilhões e US$ 40 bilhões, entre agora e 2014, para financiar nossas necessidades de capital de investimento, caso o preço do barril do petróleo seja de US$ 80", disse Gabrielli, ontem, a jornalistas estrangeiros.

A emissão de títulos de dívida planejada significa que a Petrobras dominará o mercado brasileiro de dívida empresarial pelos próximos três ou quatro anos e se soma aos US$ 70 bilhões em ações emitidos no ano passado.

Os campos ajudarão a elevar a produção de petróleo do Brasil de cerca de 2 milhões de barris ao dia no momento a 4 milhões de barris diários em 2020, de acordo com Gabrielli.

Isso requereria uma ampliação da capacidade de refino de cerca de 2 milhões de barris diários para 3,1 milhões de barris diários em 2020, supondo um crescimento econômico anual da ordem de 4% a 5%.

Para ajudar a atingir essa meta, a Petrobras planeja investimentos de capital de US$ 224 bilhões até 2014, com a maior parte das verbas destinada à prospecção adicional e ao desenvolvimento dos campos no pré-sal.

Se o preço do petróleo for da ordem de US$ 80 por barril, a empresa poderia levantar US$ 155 bilhões do montante necessário com suas operações, disse Gabrielli. A reserva de caixa da Petrobras é de US$ 25 bilhões a US$ 28 bilhões e deriva em larga medida da emissão de ações do ano passado e da emissão de títulos duas semanas atrás.

Os US$ 30 bilhões a US$ 40 bilhões adicionais necessários para cobrir a diferença serão levantados no mercado de títulos de dívida. Gabrielli afirmou que a Petrobras não planeja emitir novas ações.

Surgiu certa preocupação entre os investidores quanto à possibilidade de que essa imensa captação elevasse a relação entre dívida líquida e capital da Petrobras de forma a superar o limite interno de 35% estipulado pela companhia, o que poderia colocar em risco a classificação positiva de seus títulos.

Nos dois anos anteriores à oferta de ações, a relação entre dívida líquida e capital da empresa chegou aos 32%, mas recuou aos 18% assim que as novas ações foram colocadas. Gabrielli afirmou, no entanto, que o número ficará abaixo do limite de 35%.

Uma nova cadeia de petróleo e gás – Rodolfo Landim – Mercado- Folha de São Paulo – 04/02/2011

EXISTE HOJE uma conjuntura muito favorável para o desenvolvimento da indústria de bens e serviços ligada à atividade petrolífera no Brasil. As razões são muitas.

Vivemos em uma democracia com estabilidade política, instituições sólidas e onde contratos são respeitados. A economia do país está saudável e tem atraído investidores de todo o mundo devido, entre outros motivos, às elevadas taxas de crescimento projetadas para o futuro.

Temos também as descobertas do pré-sal e as perspectivas a ela associadas de que o Brasil estará em bem pouco tempo entre os países detentores de uma das maiores reservas de petróleo do mundo.

Mas talvez o maior motivo para o otimismo seja a existência de uma política de Estado plenamente voltada ao aumento da participação de empresas nacionais nas compras de bens e serviços realizadas no mercado doméstico pelas empresas de petróleo.

Ela começa por estabelecer a obrigação de atendimento a um percentual mínimo de conteúdo nacional. São ainda oferecidos incentivos traduzidos em uma maior pontuação e, consequentemente, maior chance de vencer os processos nos leilões de blocos para exploração organizados pela Agência Nacional do Petróleo para aqueles que se comprometam a adotar percentuais superiores.

Na área de financiamento, por ser considerado um segmento estratégico para o país, o BNDES se estruturou de forma a dar financiamentos adequados às necessidades de investimento. Os incentivos às debêntures privadas, anunciados no final de 2010, também contribuem como fonte adicional de recursos.

Em 2003, o governo criou o Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo (Prominp), coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e com a participação do Ministério do Desenvolvimento, do BNDES, da Petrobras e inúmeras associações de classe.

O Prominp vem prestando desde então relevantes serviços, seja na discussão dos fatores necessários para aumentar a competitividade da indústria nacional, seja na identificação dos recursos críticos para a implantação dos projetos de óleo e gás no país.

Nesse sentido, uma das principais contribuições do Prominp é o Plano Nacional de Qualificação Profissional, que vem capacitando pessoas de 175 categorias profissionais ligadas às atividades do setor e cerca de 80 instituições de ensino no Brasil.

Não resta dúvida de que todas as ações acima têm sido importantes e vêm contribuindo para atingir os objetivos da política estabelecida.

Um passo adicional, a partir do patamar já alcançado, poderia ser a introdução de algum mecanismo de gestão do fomento às oportunidades identificadas. Algo que contribuísse para coordenar os vários responsáveis pela implantação das ações, aumentar a cobrança sobre os resultados e acelerar a implantação das diversas ações identificadas como necessárias.

Outro ponto que talvez possa ser ainda melhor explorado é o tratamento do poder de compra. Um mercado do tamanho daquele que está sendo projetado para o setor permite ao seu detentor um enorme poder de barganha.

Um planejamento que permita a realização das compras de bens e serviços através de compromissos firmes e de longo prazo poderá viabilizar pela sua escala a vinda de fornecedores de alguns tipos de equipamentos que hoje ainda não são fabricados no Brasil.

No entanto, isso não implica necessariamente a perda de espaço para indústrias nacionais. Poderíamos buscar a adoção da experiência bem-sucedida do modelo de desenvolvimento industrial de alguns países asiáticos.

Nesses países, empresas nacionalmente constituídas buscaram parcerias com empresas estrangeiras oferecendo a estas participação minoritária em troca de transferência de tecnologia e acesso às oportunidades de seu mercado interno.

O modelo permitiu que em pouco tempo as indústrias locais estivessem produzindo bens com alta qualidade e competitividade, sem perder a gestão e o controle e com marca própria. A história mostrou que algumas companhias que começaram dessa forma acabaram tornando-se líderes mundiais na sua área de atuação.

Usina Batatais anuncia nova fábrica de açúcar – Tatiana Freitas e Venceslau Borlina Filho – Mercado- Folha de São Paulo – 05/02/2011

A Usina Batatais anunciou ontem a construção de uma fábrica de açúcar na sua unidade de Lins, em São Paulo. O investimento, de R$ 100 milhões, elevará a produção em 34,4%, para 390 mil toneladas de açúcar por safra.

A expectativa do presidente da usina, Bernardo Biagi, é que a unidade entre em operação a partir de 2013. A Batatais é uma das principais associadas da Copersucar, a maior comercializadora de açúcar e etanol do país.

Segundo Biagi, parte do investimento -R$ 60 milhões- deve vir do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). A solicitação foi feita no ano passado e deve ser concluída ainda neste semestre.

A unidade de Lins produz apenas álcool hidratado, o que motivou o investimento. "Ter uma usina produzindo apenas álcool não é uma boa. Se uma atividade se desvaloriza, a outra pode segurar a rentabilidade", disse.

A produção, na safra 2010/ 2011, foi de 154 milhões de litros. "É um investimento a longo prazo, mas acreditamos que o mercado de açúcar estará favorável quando a unidade começar a funcionar", disse o empresário.

ÁREA AGRÍCOLA

As duas usinas do grupo têm 75 mil hectares de área plantada. Para a nova fábrica de açúcar, o plano é aumentar gradativamente a área cultivada para elevar a oferta de cana-de-açúcar.

A unidade de Lins tem 25 mil hectares plantados e, neste ano, deve ter acréscimo de 2.500 hectares. Até o início das operações da fábrica de açúcar, a expectativa é ter 30 mil hectares de cana.

"Para minha produção total de açúcar e álcool, tenho área própria e parcerias com fazendeiros da região, que arrendam suas terras para produção da cana que será processada na usina", disse. Segundo o empresário, são cerca de 250 parceiros. **Máquinas em baixa 1** O ritmo de vendas no setor de máquinas agrícolas se desacelerou no início deste ano. Segundo informações de mercado, com base em dados preliminares, 437 colheitadeiras foram vendidas em janeiro, queda de 23% em relação a igual mês de 2010.

Máquinas em baixa 2 Após o bom desempenho de 2010, as vendas de tratores também caíram. Números preliminares indicam uma retração de 12% na mesma base de comparação, com 3.101 tratores vendidos.

Nas máximas O açúcar voltou a subir em Nova York. O primeiro contrato fechou a US$ 0,32 por libra-peso, alta de 1,9%. Para o banco de investimentos Barclays, os preços continuarão perto das máximas dos últimos 30 anos. Para os analistas, a cotação não deve cair abaixo de US$ 0,20 neste ano.

Sinal verde A OIE (Organização Mundial de Saúde Animal) reconheceu a fronteira de Mato Grosso do Sul com Paraguai e Bolívia livre de febre aftosa com vacinação. Em 2008, o Estado reconquistou esse status, perdido após focos da doença, exceto a região de fronteira.

Milho avança A colheita no Rio Grande do Sul atinge 20% do total, mas ainda podem ocorrer perdas em áreas em formação, devido à seca. Em Chicago, o bushel atingiu US$ 6,78, maior valor desde julho de 2008.

ALGODÃO -2,33% Ontem, em Nova York

CACAU -3,19% Ontem, em Nova York

Shell vai investir US$ 1,6 bi com Cosan – Mercado – Folha de São Paulo – 05/02/2011

A petrolífera Shell planeja investir US$ 1,6 bilhão (US$ 2,68 bilhões) na joint venture formada com a brasileira Cosan, de açúcar e álcool. A ideia é começar a investir neste ano. A parceria é para a produção e comercialização de açúcar, energia, etanol de cana e distribuição de combustíveis.

Produtor de cana cobra política de subsídios- Venceslau Borlina Filho – Folha Ribeirão – Folha de São Paulo – 06/02/2011

Categoria quer do governo garantias para evitar perdas diante de baixa remuneração

Produtores de cana-de-açúcar e instituições representativas do setor cobraram do Ministério da Agricultura a criação de uma política de subsídios para cobrir as perdas diante da baixa remuneração da matéria-prima.

Reportagem publicada semana passada pela **Folha** mostrou que, apesar do preço da tonelada da cana ter crescido na região de Ribeirão -principal polo sucroalcooleiro do país-, o valor ainda não cobre os custos.

"Precisamos de alguma ajuda para equalizar o preço, e não há alternativa senão um subsídio", disse o presidente da comissão nacional de cana-de-açúcar da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária), Gerson Carneiro Leão.

Em Ribeirão, o preço da tonelada da cana aumentou 52% no período -de R$ 34 para R$ 52, na média-, mas o custo de produção foi próximo de R$ 58.

Leão explicou que o subsídio só seria fixado nas safras em que o preço de venda não fosse suficiente para remunerar o produtor.

A proposta de um subsídio foi feita após representantes do ministério negar a inclusão da cana no PGPM (Programa Geral de Preços Mínimos), que compra produtos e armazena quando os preços são desfavoráveis.

Porém, segundo o secretário nacional de produção e agroenergia, Manoel Bertone, é impossível o governo comprar cana, porque ela é perecível e não traria vantagens. "O setor precisa se aperfeiçoar nesse ponto, e não podemos auxiliá-los." Leão criticou a postura de Bertone e disse que o governo tem de oferecer proteção ao agricultor.

O presidente da Canaoeste (associação dos plantadores do Estado), Manoel Ortolan, disse que a maior preocupação é não conseguir remuneração suficiente para novos investimentos.

"O produtor precisa renovar parte do seu canavial. Se não houver condições suficientes, toda uma cadeia pode sair prejudicada."

Após frustração, BP passa a mirar usinas da CNAA - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios - 07/02/2011

Depois de ser surpreendida pela Noble e perder uma disputa praticamente ganha para comprar as duas usinas de açúcar e álcool do grupo paulista Cerradinho, a BP (ex-British Petroleum) agora direciona esforços para tentar adquirir os ativos da Companhia Nacional de Açúcar e Álcool (CNAA), que tem como acionistas os fundos Riverstone e Goldman Sachs.

Segundo apurou o **Valor**, a petroleira entrou nas últimas semanas na briga para comprar 100% das duas usinas da CNAA, localizadas em Minas Gerais e Goiás e que têm, juntas, 4 milhões de toneladas de capacidade de moagem de cana, e de um projeto greenfield em construção em Campina Verde (MG). Até então, a CNAA tinha como principais pretendentes as multinacionais Bunge e Louis Dreyfus, que continuam no páreo - esta última com mais afinco, de acordo com fontes do segmento. Procuradas, CNAA, BP, Bunge e Dreyfus não comentaram.

Desde que se propôs a investir em biocombustíveis no Brasil, em 2006, a BP conseguiu apenas comprar 50% da usina Tropical, localizada em Edéia (GO), com moagem de 2,4 milhões de toneladas de cana. A unidade tem como sócias, com 25% cada, a Dreyfus e o grupo Maeda, incorporado em dezembro pela Brasil Ecodiesel.

Nos últimos meses, a BP entrou em outras negociações para comprar usinas, sendo a mais recente a briga por metade do grupo Cerradinho, de Catanduva (SP). Assim como está em vias de fazer com a CNAA, a BP assinou um memorando de entendimentos com a Cerradinho em meados de 2010 para ter exclusividade nas negociações. No início de dezembro, o acordo estava na fase final de fechamento, mas, como apurou o **Valor**, quando a BP passou a tentar modificar cláusulas no contrato a Cerradinho acionou um "plano B" e fechou em apenas três dias a venda para o Noble Group.

Após a derrota, o mercado acreditou que a BP poderia até desistir de entrar no segmento, uma vez que a Cerradinho era praticamente o único grupo disponível de médio porte com padrões de governança bem vistos pelo mercado. Mas a companhia

parece estar decidida a continuar. Além de ter entrado agressivamente na disputa pela CNAA, a petroleira está disposta a convencer seus sócios na Tropical a investirem para dobrar a capacidade instalada.

Há meses Bunge e Dreyfus negociam com a CNAA, que em janeiro teria decidido não fechar negócios com nenhuma delas até que uma outra proposta fosse feita. A CNAA se tornou uma negociação complicada porque o Riverstone, principal acionista e credor da empresa, tem como condição para a venda a recuperação de todo o valor emprestado para o projeto que, em março de 2009, era de R$ 672,8 milhões. A condição, portanto, não contempla renegociação de débitos.

Vendida a fazenda de cana do grupo Maeda em Goiás – Valor Econômico – Agronegócios – 07/02/2011

As terras com cana-de-açúcar arrendadas pela usina Tropical em Edéia, Goiás, tiveram sua venda finalizada em meados de dezembro passado. Até então pertencente ao grupo Maeda, a fazenda de 14,2 mil hectares foi para as mãos de um grupo de cinco empresários rurais da região paulista de Ribeirão Preto, conforme apurou o **Valor**.

Segundo a Brasil Ecodiesel, agora controladora da Maeda, a área foi avaliada em R$ 90 milhões e o valor final da venda está vinculado a um contrato que leva em consideração o preço do ATR (Açúcar Total Recuperável) da cana que será fornecida à usina Tropical a partir dessa área. A reportagem apurou que o grupo pagou R$ 120 milhões pela fazenda - uma entrada de R$ 40 milhões e o restante em três ou quatro parcelas anuais.

O grupo assumiu o contrato de arrendamento anterior - assinado entre Maeda e usina Tropical - e, após o vencimento desse acordo, deverá adotar um contrato de fornecimento de cana, e não mais de arrendamento.

A área foi colocada à venda no primeiro semestre de 2010 pelo grupo Maeda, que na época contratou a multinacional NAI Commercial Properties para prestar assessoria imobiliária. Procurada, a NAI não comentou o assunto. **(FB)**

O pré-sal e o etanol – Rogério Cezar de Cerqueira Leite – Opinião – Folha de São Paulo – 08/02/2011

De acordo com as últimas avaliações da Petrobras, a reserva total do pré-sal soma cerca de 13 bilhões de barris, o que corresponde a aproximadamente 1% das reservas restantes mundiais e que nada significaria para a humanidade quanto ao deslocamento do pico de produção.

Admitindo um tempo de vida de 80 anos para as reservas dos campos do pré-sal, calculamos que sua contribuição será, em média, de aproximadamente 20% acima da atual produção nacional.

Por outro lado, com o barril de petróleo a preços superiores a US$ 90, até as avaliações menos otimistas de custos de produção do barril de petróleo do pré-sal talvez justificassem o investimento.

Para a comparação de vantagens financeiras entre combustíveis são essenciais duas variáveis: os custos de produção da unidade de energia e os custos de investimento por unidade de energia por dia.

Pois bem, dentro dos limites tecnológicos atuais, o melhor que se pode esperar para o pré-sal é um custo de produção de pelo menos o dobro daquele da produção de etanol. Quanto aos custos de investimento, tudo parece indicar que a situação é ainda pior para o pré-sal.

Um terceiro fator a ser considerado é o risco financeiro. Em primeiro lugar, há a questão de um mercado cujos governos encontram sucessivos sofismas para retardar a penetração do etanol brasileiro. Por outro lado, os riscos de produção do etanol são ínfimos em comparação com os do petróleo do pré-sal, cuja tecnologia de extração ainda não está desenvolvida.

Consideremos agora a questão da sustentabilidade e, sob esse aspecto, do aquecimento global. Enquanto o petróleo é o problema, o etanol de cana-de-açúcar é a solução. Mas não é apenas sob esse importante ângulo de sustentabilidade que a imensa superioridade do etanol sobre o petróleo do pré-sal deve ser considerada.

Risco de vazamento a grandes profundidades e sob altas pressões são imprevisíveis. Portanto, a despeito da inquestionável competência técnica da Petrobras, é imensa a vantagem do etanol sobre o petróleo do pré-sal sob qualquer aspecto de sustentabilidade.

Enquanto a produção de etanol é intensiva em mão de obra, a de petróleo o é em capital, o que é uma desvantagem para um país em desenvolvimento, em que o crescimento populacional exige a criação de empregos em vários níveis de especialização. Portanto, também sob o ponto de vista social, o etanol é preferível ao petróleo do pré-sal.

Com apenas 8% dos 200 milhões de hectares de pastagem, seria possível substituir por etanol 5% da gasolina consumida no planeta. Ou seja, a opção pelo etanol nessa medida, bastante conservadora, proporcionaria uma produção de combustível líquido entre três e quatro vezes maior que todo o petróleo do pré-sal até hoje confirmado, e não apenas por 60 ou 80 anos, mas indefinidamente. Se tudo o que foi dito aqui é verdade, ou pelo menos verossímil, então como se explica a opção pelo pré-sal? Ou é um grande equívoco ou é uma revelação. A imensa intuição do presidente Lula deve ter percebido que o Brasil, nesse estado juvenil de desenvolvimento em que se encontra, precisa de um projeto nacional, pioneiro. Precisa de seu "homem na Lua".

Enquanto o etanol seria só um pouco mais da mesmice prosaica do século passado, o pré-sal, com seus imensos desafios tecnológicos e financeiros, seria a bandeira do desenvolvimentismo ousado, para não dizer agressivo, que deveria propelir o país no século 21. O Brasil chegaria, assim, mais fundo, aonde nenhum outro país teria ousado ir.

ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE, 79, físico, é professor emérito da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), presidente do Conselho de Administração da ABTLuS (Associação Brasileira de Tecnologia de Luz Síncrotron) e membro do Conselho Editorial da **Folha**.

Crise não afeta a produção, afirma Gabrielli – Maria Cristina Frias – Mercado – Folha de São Paulo – 08/02/2011

"Afetar a produção não afeta absolutamente nada. A indústria de petróleo é de longo prazo. Não podemos nos mover pelos fenômenos de curto prazo", diz Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras, quando indagado sobre desdobramentos da crise em países árabes para a indústria do petróleo.

"Há capacidade ociosa, particularmente na Opep [Organização dos Países Exportadores de Petróleo], talvez 4 milhões, 5 milhões de capacidade diária, que é só conectar poço, que está pronto. Você pode em dois ou três meses aumentar bastante a oferta na Opep. Fora da Opep, é difícil, pois quase não há capacidade ociosa. Não falta petróleo hoje", diz.

Gabrielli participou do Energy Summit, reunião dos CEOs das grandes empresas do setor no mundo, que ocorreu em paralelo ao Fórum Econômico Mundial, na Suíça, no final de janeiro.

"Não posso dizer quais presidentes estavam presentes, mas estavam quase todos. O consenso é muito claro. Não podemos nos mover pelos fenômenos de curto prazo. Se nós tivéssemos, em julho de 2008, tomado decisões de investimento quando o petróleo foi por dez minutos a US$ 147 o barril, e chegou a US$ 33 em dezembro de 2008, nós estaríamos mortos, porque nem podemos considerar US$ 147, nem US$ 33", afirma.

Para Gabrielli, o preço do petróleo não está elevado.

"Agora não está altíssimo [o preço do barril]. Está em torno de US$ 96 e US$ 99 [o Brent], mas, na média de 2010, está US$ 79, menos do que estava em 2007." Rumores em relação à redução da produção de petróleo devem-se muito à especulação com a commodity, diz.

"A imprensa internacional tem falado de redução da produção, mas o preço atual está muito motivado pela transformação do barril de petróleo em uma commodity financeira. Com a taxa de juros baixa e com liquidez grande no mercado, o investidor está buscando retorno e aplica em petróleo, não por causa do petróleo, mas na expectativa de ganhar no curto prazo. É um processo normal, mas a indústria não se move por isso."

A Petrobras continua a analisar seus projetos entre US$ 65 e US$ 85 o barril, segundo Gabrielli.

A demanda no Brasil por derivados não deve crescer tanto neste ano, mas o país continuará a importar "diesel, gasolina, GLP e querosene de aviação até que a primeira refinaria, em muitos anos, fique pronta em 2012, em Recife."

Petrobras reúne-se com fornecedores

Sérgio Gabrielli tem se reunido com fornecedores em várias capitais para incentivar o aumento da produção nacional de máquinas e peças destinadas à exploração de petróleo e gás.

As primeiras visitas foram a Salvador e São Paulo, onde haverá uma segunda reunião. Na semana que vem será a vez de Fortaleza. Na seguinte, Porto Alegre. "Em fevereiro e março nos dedicaremos a isso. Ainda vamos a Florianópolis, Santos, Rio, Recife e Vitória discutir com a cadeia de fornecedores as perspectivas de crescimento", diz.

Cerca de 18 mil empresas brasileiras forneceram para a Petrobras e venderam R$ 38 bilhões ao ano nos últimos três anos, segundo Gabrielli. "A Petrobras havia solicitado 65% em média, era a meta [de conteúdo nacional]. Mas as

compras foram de 67%. Na P-57, a meta era 68,5% e tivemos 75,6%. Em 2003, havia sido 57%."

As reuniões devem identificar estrangulamentos, estreitar a relação com produtores e fornecedores e acelerar processos, afirma.

Sobre a queixa de empresários de que é difícil fechar negócio com a Petrobras e de que as decisões são lentas, ele cita a documentação.

"Às vezes, não conseguem fornecer pois não conseguem rastrear produtos. Há também aquelas com problemas com INSS, FGTS, Receita."

O presidente da companhia diz que o alvo é o pequeno fornecedor.

"O grande não tem esse problema, mas ao aprofundarmos a política de conteúdo nacional, chegamos ao pequeno. Passamos a ter estaleiro nacional, aí precisa de equipamento. Chegamos ao fornecedor da mola da fechadura da porta do convés."

A companhia tem feito "um esforço enorme de nacionalização", diz. "Mas é preciso que o investidor assuma o risco do seu investimento. Não faremos fábrica de parafuso. O investidor de parafuso que faça. Nós mostramos a ele a demanda pelos produtos até 2014 no site."

"Há R$ 8 bi em fundos à espera da CVM"

O presidente da Petrobras afirma que o país tem R$ 5 bilhões de patrimônio líquido em fundos de direitos creditórios na cadeia de óleo e gás.

"Só estão sendo usados R$ 800 milhões. E há R$ 8 bilhões em fundos de investimento, além dos R$ 5 milhões, esperando autorização da CVM", diz Gabrielli.[

NO COFRE

Mais de 40% dos moradores da região metropolitana do Rio tiveram sobra no orçamento depois de todas as contas pagas, segundo pesquisa da Fecomércio-RJ realizada em janeiro.

Cerca de 40% estão com orçamento equilibrado. Para 17,9% a receita foi insuficiente. Entre os que tiveram sobra orçamentária, 36% pretendem guardar para consumir um bem no futuro.

A metade dos entrevistados afirmou ter algum dinheiro guardado, maior percentual desde abril de 2006.

Em janeiro, 54% pretendiam aumentar a poupança.

Dilma "livra" Petrobras de entrar na Galp - Julio Wiziack e Toni Sciarretta – Mercado – Folha de São Paulo – 08/02/2011

Criticada pelo mercado, negociação havia sido acertada no final do ano passado entre Lula e o premiê português

Petrobras pagaria €3,5 bi pelos 33% da Eni, que pedia 4,7 bi; agora, angolanos negociam com italianos

A presidente Dilma Rousseff livrou a Petrobras de fechar um negócio polêmico com a italiana Eni, para adquirir 33% de participação na petroleira portuguesa Galp. O negócio era criticado por analistas de mercado por elevar o endividamento e não ser estratégico neste momento para a Petrobras -a Galp tem rede de postos e atua no refino em Portugal.

Ontem, a estatal comunicou, oficialmente, ter encerrado as negociações. A entrada da Petrobras na Galp era parte de um acordo fechado entre o presidente Lula

e o primeiro-ministro português, José Sócrates, no final do ano passado. Ao assumir a Presidência, Dilma concordou em manter o acordo, mas mudou de opinião porque as condições impostas pela Eni prejudicariam a Petrobras, que busca levantar dinheiro no mercado para viabilizar seu plano de investimento.

Os italianos insistiam em vender seus 33% por 4,7 bilhões e a Petrobras, no limite, pagaria 3,5 bilhões.

Considerou-se que 500 milhões fossem pagos com ativos da Petrobras, mas a opção foi descartada.

Apesar de portuguesa, a Galp é controlada pela Eni e pela Amorim Energia (que tem 33,34% e representa os angolanos da Sonangol).

No passado, a estatal brasileira tentou entrar na Galp, mas foi barrada pelos angolanos -representados pela Amorim Energia.

Dessa vez, os angolanos se impuseram inicialmente, mas, segundo a Folha apurou, acabaram concordando.

O ponto de ruptura foi o preço definido pela Eni. Com a saída da Petrobras, os angolanos passaram a negociar a compra dos 33% que hoje estão em posse da Eni.

SAIA JUSTA

Com o aval de Dilma, a Petrobras ficou confortável para se retirar das negociações e evitar uma "saia justa" com o mercado.

A mudança de atitude da presidente também reforçou as apostas de que José Sergio Gabrielli continue na presidência da Petrobras. Havia rumores de que ele sairia

A estatal planeja investimentos da ordem de US$ 224 bilhões até 2014 e precisará do apoio do mercado para levantar recursos. No ano passado, a estatal teve de enfrentar reação negativa de investidores em meio à oferta de R$ 120 bilhões em ações.

Maior capitalização já feita no mundo, as incertezas em relação à operação derrubaram as ações, que até hoje não recuperaram o patamar anterior à oferta. Contudo, a transação permitiu à empresa reduzir o endividamento de 34% para 16% do patrimônio -sua dívida só pode chegar até 35%.

WikiLeaks afirma que pico de petróleo pode estar próximo – Biodiesel Br – 10/02/2011

É o tipo de notícia que pode estragar o café da manhã de um executivo da indústria do petróleo. O The Guardian relatou ontem que uma série de telegramas despachados por diplomatas americanos na Arábia Saudita – divulgados agora pelo WikiLeaks – indicam que as reservas de petróleo daquele país poderiam estar superestimadas em até 40%. Se verdadeira, essa informação teria enormes implicações sobre os preços do petróleo, uma vez que a Arábia Saudita é considerada o segundo maior produtor de petróleo do mundo, com um quinto das reservas comprovadas do planeta, e há muito alega possuir uma capacidade de produção ociosa a que recorrer caso os preços do petróleo cheguem a níveis muito altos. Eis a notícia publicada no Guardian:

"Sadad al-Husseini, geólogo e ex-chefe de exploração da Saudi Aramco, estatal que detém o monopólio da indústria petrolífera da Arábia Saudita, encontrou-se com o cônsul geral dos Estados Unidos em novembro de 2007, na capital Riad. Na ocasião, al-Husseini disse ao diplomata americano que a capacidade de 12,5 milhões de barris/dia

necessária para manter os preços nos níveis atuais não pode ser alcançada. De acordo com os telegramas, enviados entre 2007 e 2009, al-Husseini afirmou que a Arábia Saudita pode vir a alcançar uma produção de 12 milhões de barris por dia em dez anos, mas que antes disso – possivelmente já em 2012 – a produção global de petróleo já terá atingido seu patamar máximo. Este patamar máximo é conhecido como 'pico de petróleo' (peak oil)."

A história é contada em um telegrama de dezembro de 2007. Diplomatas americanos em Riad reuniram-se com al-Husseini. Antes do encontro, porém, atuais executivos da Aramco haviam informado aos representantes americanos que as reservas da companhia totalizavam 716 bilhões de barris de petróleo, dos quais apenas pouco mais da metade é considerada recuperável (petróleo "recuperável" é todo aquele cujo valor compensa o custo para extraí-lo do subsolo). Os atuais executivos da Aramco acreditam que em 20 anos a companhia possuirá mais de 900 bilhões de barris em reservas, e que avanços na tecnologia devem tornar 70% desse volume recuperável – uma boa notícia para aqueles que querem evitar um aumento de preços no futuro.

Mas al-Husseini, ex-executivo da Aramco, disse aos diplomatas que seus sucessores estavam sendo demasiado otimistas, e que a Aramco estaria superestimando suas reservas em pelo menos 300 bilhões de barris. Ele acredita que a Arábia Saudita tenha aproximadamente 360 bilhões de barris em reservas comprovadas – ou seja, o total de petróleo que já foi ou pode ser explorado com a tecnologia disponível hoje. Al-Husseini disse ainda que quando 50% das reservas já tiverem sido exploradas, o país chegará a um ponto de inflexão, o que resultará num lento e constante declínio na produção. Ele acredita também que esse ponto de inflexão será atingido dentro de 14 anos no atual ritmo de produção (12 milhões de barris/dia), e que a isto se seguirá um período de estabilidade na produção e então um declínio. O ex-executivo também disse aos diplomatas que há carência de engenheiros e outros recursos na Arábia Saudita para que o nível máximo de produção possa ser implementado.

Outros telegramas divulgados pelo WikiLeaks confirmaram os receios americanos quanto à capacidade da Arábia Saudita em continuar a suprir a demanda mundial de petróleo, acrescentando que, como o país continua a crescer, utilizando mais petróleo para gerar eletricidade, restará menos para ser vendido ao resto do mundo:

"A questão que agora aflige nossa missão é em que medida os sauditas podem influenciar substancialmente os mercados de petróleo bruto no longo prazo. Está claro que eles podem provocar uma alta nos preços, mas o que questionamos é se eles ainda têm força para causar uma queda nos preços por muito tempo."

Para Kevin Drum, do site Mother Jones, os telegramas provam que o pico de petróleo pode estar próximo:

"A capacidade de produção já não está mais crescendo. Há sempre o Iraque, é claro, que certamente tem mais capacidade de produção, desde que tenha condições para desenvolvê-la, mas fica parecendo cada vez mais que a Arábia Saudita já alcançou o seu pico. E se isso for verdade, então provavelmente o pico mundial de produção, que foi retardado em alguns anos pela recessão de 2008, provavelmente não está muito distante. Nosso futuro será cada vez mais um futuro sem petróleo, gostemos disso ou não.

O The Oil Drum, um blog para especialistas em energia que vem frequentemente abordando a questão da possibilidade do pico de petróleo, concorda com esse veredito:

"É quase certo que os sauditas estão superestimando o seu potencial. As reservas da Arábia Saudita e do resto do Oriente Médio não são auditadas, e o mesmo vale para suas supostas 'capacidades ociosas de produção'. Eles podem até ter alguma

capacidade ociosa, mas não na quantidade que afirmam. Quando o preço do petróleo disparou para US$ 147 o barril, em julho de 2008, a Arábia Saudita e os demais países da região aumentaram um pouco a sua produção, mas não foi um crescimento exponencial, como seria de se esperar dada a sua suposta capacidade ociosa.

O suprimento mundial de petróleo permanece praticamente inalterado desde 2005. Muitos temem que a produção de petróleo comece a cair já nos próximos anos – o que é referido como 'pico de petróleo' no telegrama do WikiLeaks."

Mas há um detalhe: se os telegramas do WikiLeaks fossem realmente a bomba que alguns analistas estão pintando, os preços do petróleo nos mercados globais teriam reagido. No entanto, eles mal oscilaram ao longo do dia de ontem, ficando próximos de US$ 86 o barril ao meio-dia de quarta-feira. O Wall Street Journal supõe saber a razão disso:

"al-Husseini disse que não vê problemas nos números oficiais divulgados pela Aramco a respeito de suas reservas atuais comprovadas, nem na estimativa apresentada por al-Saif, mas que estava apenas ressaltando que, ao descrever "petróleo no local" como reservas, os números do reino saudita estavam sendo inflados em várias centenas de bilhões de barris.

Por esse cálculo, o cenário energético global não parece muito diferente do que parecia ontem, com a Arábia Saudita se mantendo como o maior produtor do mundo ainda por algum tempo."

O Financial Times observa ainda que al-Husseini sempre foi mais pessimista do que seus colegas em matéria de reservas e produção mundial de petróleo. Pode ser também que ele guarde algum ressentimento em relação à Aramco, como observa um telegrama:

"al-Husseini deixou a empresa em meio a uma disputa entre executivos, que teria começado depois de uma tentativa frustrada de orquestrar sua ascensão ao posto de CEO. Embora ele continue a morar no principal campo da Aramco e seja bastante próximo de altos executivos da empresa, muitas das opiniões de al-Husseini sobre a Aramco são moldadas pela percepção de que a empresa estaria em melhores condições caso ele estivesse no seu comando."

Isto dito, será que o mundo está realmente no limiar do pico de petróleo? A verdade é que ainda não sabemos – e a falta de transparência da Arábia Saudita em relação a suas reservas não ajuda em nada nesse sentido. O preço do petróleo tem subido nos últimos meses, em parte devido à forte demanda do mundo em desenvolvimento (especialmente a China), que vem se recuperando da recessão com muito mais rapidez que os Estados Unidos. É difícil prever o futuro dos combustíveis fósseis: novas técnicas de produção, como a perfuração em águas ultraprofundas e a fratura hidráulica para extração de gás natural, podem dar inesperada sobrevida a reservas aparentemente exauridas, mesmo que a um custo ambiental alto. O petróleo não vai desaparecer tão cedo, mas também não parece que vá ficar mais barato do que é hoje.

OGX iniciará produção em agosto, diz Eike – Mercado – Folha de São Paulo- 10/02/2011

A OGX, empresa de exploração e produção de petróleo e gás de Eike Batista, deve iniciar a produção a partir de agosto.

A empresa informou que concluiu a perfuração do poço OGX-26 (Waimea Horizontal) e que os testes indicam potencial de até 40 mil barris/dia. Eike disse, em entrevista, que queria desmentir rumores sobre problemas de saúde e saída de executivos. Sobre os resultados dos testes, afirmou que eles superaram as expectativas da empresa.

A OGX será listada na Bolsa de Londres. O objetivo é facilitar a entrada de investidores focados no longo prazo. Londres foi escolhida por concentrar empresas focadas em recursos naturais.

Eike disse que as negociações para a venda de parte dos ativos da OGX no ano passado não foram adiante por conta do cenário de capitalização da Petrobras e eleições presidenciais no país.

"Nenhum grande investidor que faz cheque de bilhão de dólares gosta de se posicionar [neste cenário]", disse.

Com os resultados dos testes e a proximidade do início da produção, ele avalia que pode obter um valor maior da venda de parte dos ativos. Ele destacou que a OGX tem caixa para tocar os projetos.

Eike anunciou que pretende obter de US$ 1 bilhão a US$ 1,5 bilhão (R$ 1,66 bilhão a R$ 2,5 bilhões) com a abertura de capital da empresa CCX, nos mercados de São Paulo, Bogotá e Londres.

A empresa representa a mina de carvão do grupo na Colômbia, chamada por Eike de "Carajás do carvão". Ele quer vender uma fatia de 10% da empresa para um parceiro

Lucro do grupo Cosan tem queda de 83% - Venceslau Borlina Filho – Mercado-Folha de São Paulo – 11/02/2011

Maior produtor de açúcar e álcool do país sofre com quebra de safra no último trimestre

A Cosan, maior produtora de açúcar e álcool do país, encerrou o terceiro trimestre fiscal (outubro a dezembro de 2010) com lucro líquido de R$ 27,9 milhões, o que representa queda de 83,3% em relação ao mesmo período do ano anterior, quanto atingiu R$ 167,1 milhões.

Entre os motivos que causaram a redução no lucro líquido estão a quebra da safra e o aumento no preço da ATR (açúcar total recuperável). Além disso, o ganho de receita por parcelamento de dívidas (Refis) obtido no exercício anterior não se repetiu, segundo o diretor financeiro, Marcelo Martins.

A estiagem no período reduziu a moagem da cana em 20,6% -de 14,2 milhões de toneladas para 11,3 milhões de toneladas. Com isso, a empresa teve produção menor de açúcar e etanol, de 16% e 17%, respectivamente, em relação ao período anterior.

A Cosan responde por cerca de 10% da cana processada no centro-sul do país, seguida por grupos como Louis Dreyfus, Guarani-Tereos, Santa Terezinha e São Martinho. Juntas, processam 130 milhões de toneladas.

Por causa do preço elevado do açúcar, principalmente no mercado doméstico, o grupo sucroalcooleiro priorizou a produção de açúcar branco com maior valor agregado (refinado, por exemplo). A produção chegou a 324 mil toneladas, 50 mil a mais que em 2009.

A cana de origem própria significou 53,9% do total processado, com índice de mecanização de colheita de 78,1% -alta de cerca de dez pontos percentuais sobre o período anterior.

No acumulado do ano fiscal, o lucro líquido também caiu, de R$ 476,3 milhões - 29,7% inferior ao mesmo período de 2009.

A joint venture firmada com a Shell em fevereiro do ano passado para produção de etanol, açúcar e energia, e distribuição e comercialização de combustíveis, teve receita recorde de R$ 3,1 bilhões e Ebitda de R$ 98,1 milhões no terceiro trimestre

Meta de Cosan e Shell é dobrar produção de etanol – Eduardo Magossi – Economia – O Estado de São Paulo – 15/02/2011

Em cinco anos, estimativa dos controladores é que nova empresa atinja uma produção de 100 milhões de toneladas de cana-de-açúcar

A joint venture entre Cosan e Shell, anunciada oficialmente em fevereiro do ano passado, deverá atingir a produção de 100 milhões de toneladas de cana-de-açúcar dentro de 5 anos.A meta foi anunciada ontem durante apresentação do nome da nova empresa – que se chamará Raízen.

Segundo o presidente da Raízen, Vasco Dias, o nome foi criado com a união das palavras raiz (decana) e energia.A joint venture, que ainda espera aprovação dos órgãos reguladores,deve entrar em operação até o final do primeiro semestre. Atualmente em 62 milhões de toneladas, a produção de cana da Cosan ficará dentro da nova empresa, assim como a produção de açúcar e etanol. Assim, novas aquisições de usinas deverão ser feitas pela Raízen, após o início das suas operações.

O vice-presidente designado de Etanol, Açúcar e Bioenergia da Raízen, Pedro Mizutani, disse que a mais recente aquisição da Cosan, a Usina Zanin, será integralizada na Raízen em breve, pois ela não fazia parte do acordo original entre Cosan e Shell. “Já existe um memorando de entendimento nesse sentido.”

Com a Zanin, a Raízen terá 24 usinas. Mizutani disse também que a expansão da cana se dará por meio de greenfields (usinas novas) e também de aquisições, dependendo do comportamento do mercado. “Podemos passar de 62 milhões para 70 milhões de toneladas de cana apenas com ajustes nas atuais usinas”, disse.

No plano estratégico aprovado pelo conselho de administração, também está previsto o aumento expressivo da produção de etanol, dos atuais 2,2 bilhões para 5 bilhões de litros.A energia de cogeração deve crescer de 900 megawatts para 1,3 mil megawatts. A produção de açúcar deve passar de 4 milhões para 6 milhões de toneladas.Com isso, o faturamento anual da Raízen deverá ser de R$ 50 bilhões. A empresa está avaliada hoje em R$ 20 bilhões.

Recursos.

Vasco Dias não especificou de onde virão os recursos para impulsionar esse crescimento. Ele disse ainda que o montante da sinergia gerada pela joint entre as duas empresas deve ser anunciado em breve. O mercado estima que essa sinergia fique em torno de R$ 1,6 bilhão. Segundo o executivo,a pendência com o Cade em relação à venda realizada em 2008 pela Cosan do negócio de combustível de aviação para a Shell não atrapalha a oficialização do acordo.

Segundo Dias, ainda está pendente a questão da inclusão ou não na Raízen da produção de açúcar para o varejo. “A tendência é que o setor de varejo não fique na

joint venture,mas na Cosan", disse ele. Assim, a própria Cosan, dona das marcas União e Da Barra, passa a ser uma das principais clientes da joint venture.

Como o acordo inicial previa que esse setor ficaria na joint venture, Cosan e Shell estudam uma compensação para a saída dessa operação. O executivo também disse que a Raízen utilizará a grande capilaridade da Shell na Europa e na Ásia para elevar a penetração do etanol de cana-de-açúcar no exterior. A expectativa é de que a joint venture comercialize 20 bilhões de litros por ano. Para o presidente do conselho de administração da Cosan, Rubens Ometto, a Raízen nasce com uma situação financeira confortável, pois, da dívida de US$2,5 bilhões que foi transferida para joint venture na sua criação, no ano passado,o aporte previsto pela Shell, de US$ 1,6 bilhão, deverá reduzi-la para menos de US$ 1 bilhão.

União Shell/Cosan usará a marca Raízen – Tatiana Freitas – Mercado – Folha de São Paulo – 15/02/2011

Empresa criada pela joint venture entre os 2 grupos nasce com a meta de dobrar a produção de álcool em 5 anos

A marca Shell será mantida nos postos de combustível e a Esso vai desaparecer; operações vão começar até junho

A joint venture entre Cosan e Shell ganhou nome, marca e um plano de ação, um ano após o anúncio de criação da nova empresa. O início das atividades está previsto para o primeiro semestre deste ano.

A Raízen -nome dado à organização formada pela Shell do Brasil e Cosan S.A.- pretende dobrar a produção de álcool nos próximos cinco anos, dos atuais 2,4 bilhões de litros para 5 bilhões de litros por ano, conforme anunciou ontem o presidente da empresa, Vasco Dias.

A capacidade de processamento de cana, hoje em 62 milhões de toneladas por safra, deve subir para 100 milhões de toneladas no mesmo período. Já a produção de açúcar passará de 4 milhões para 6 milhões de toneladas anuais, segundo Dias.

O valor dos investimentos não foi divulgado e a expansão pode ocorrer por meio de aquisições ou projetos novos, chamados "greenfield".

A empresa também não forneceu detalhes sobre o financiamento do plano de expansão, mas sinalizou que pode emitir "bonds" (títulos de dívida) para se capitalizar. "O tamanho dessa emissão vai depender do valor das sinergias [economia de custo] que serão criadas a partir da união entre as duas empresas, cálculo que deve sair em cerca de 30 dias", disse Dias à **Folha**, após coletiva de imprensa.

Ele afirma, porém, que a empresa nasce com uma situação financeira confortável, pois, da dívida de US$ 2,5 bilhões com que nasce a nova empresa, a Shell deve aportar US$ 1,6 bilhão. O faturamento da Raízen é estimado em R$ 50 bilhões.

A marca Raízen -nome inspirado na união das palavras raiz e energia- ficará restrita à comunicação corporativa. Nos postos de serviço, a marca Shell foi escolhida para ficar, e a Esso, que pertencia à Cosan, deve desaparecer em 36 meses.

"A credibilidade do nome Shell nos postos é muito importante", afirmou Rubens Ometto, presidente do con- selho de administração da Raízen.

Já a marca institucional Cosan continua em outros setores de atuação do grupo.

COMMODITY

Dias repetiu ontem o que executivos do grupo Cosan vêm declarando desde o anúncio da joint venture com a Shell: "O plano é consolidar o etanol de cana como commodity internacional".

Para isso, será usada a força da marca Shell e a influência de uma empresa

POR DENTRO DA RAÍZEN*
FATURAMENTO R$ 50 bilhões
VALOR DE MERCADO US$ 12 bilhões
ENDIVIDAMENTO US$ 2,5 bilhões
FUNCIONÁRIOS40 mi
USINAS 24
POSTOS DE SERVIÇO 4.500
PROCESSAMENTO DE CANA**62 milhões de toneladas
COGERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA**900 MW
PRODUÇÃO DE ETANOL 2,4 bilhões de litros por ano

Raízen nasce de olho em aquisições - Mônica Scaramuzzo – Valor econômico – Empresas – 15/02/2011

Combustíveis Meta é atingir capacidade de moagem de 100 milhões de toneladas até 2015

A joint venture formada entre a Royal Dutch Shell, maior produtora privada de petróleo do país, e a Co san S.A, maior produtora de etanol, começa a operar com um novo nome no mercado: Raízen — compa nhia com ativos de R$ 20 bilhões e faturamento estimado em R$ 50 milhões, a quinta maior empresa do país, atrás da Pe t r o b r a s , Va l e , JBS e Te l e f ô n i c a , excluídos os bancos. A escolha desse nome não tem nada de cabalístico. É a junção de raiz e energia.

Anova empresa, que vai manter a marca forte Shell, já começa a olhar ativos no segmento de distribuição para consolidar sua posição na vicelideranç a desse segmento.

Vasco Dias, presidente da Raízen, disse que a empresa deverá perseguir a segunda posição, disputada palmo a palmo com o grupo Ultra, que detém as marcas Ipiranga e Texaco, já nos próximos meses. Além de unir as sinergias entre Shell e Esso (marca que vai desaparecer nos próximos 36 meses), a companhia está olhando ativos para avançar.

Ativos disponíveis no mercado, como a AleSat, com uma participação de cerca de 5%, estão no radar da empresa, apurou o Valor . Essa mesma distribuidora também tem sido cobiçada por outras concorrentes do setor. Dias limita-se a dizer que “a empresa vai olhar ativos que agreguem valor”. As regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste também estão no foco do grupo, com aquisição de empresas regionais, de maior ou menor porte.

Em distribuição de combustíveis, a marca Shell vai prevalecer no mercado, uma vez que pesquisas realizadas junto aos consumidores indicam que ela é forte e a preferida.

São 4,5 mil postos de combustíveis, 550 lojas de conveniência e atuação em 53 terminais de distribuição (ver reportagem ao lado).

Anunciada em fevereiro de 2010, a joint venture entre Shell e Cosan, com 50% de participação cada uma, estará totalmente integrada até o fim deste semestre. Mas desde a aprovação da operação pela Comissão Europeia em janeiro, a Raízen já começa a dar seus passos como companhia independente. “A empresa nasce como líder em energia e crescerá com o potencial do país”, disse RubensOmetto Silveira Mello, presidente do conselho do grupo.

Com valor de mercado de US$ 12 bilhões e 40 mil funcionários, a Raízen incorporou dívida de US$ 2,5 bilhões.

A empresa planeja ir ao mercado nos próximos meses e está em conversações com agências classificação de risco para a emissão de bonds. A Raízen ainda não estipulou quanto quer captar. A Shell já tinha anunciado um aporte de cerca de US$ 1,6 bilhão na nova empresa.

Em açúcar e álcool, os planos são igualmente ambiciosos. Em uma posição privilegiada por ser líder nesse mercado, a Raízen deverá focar em aquisições, projetos “green field” (construção de novas fábricas) e aumento da capacidade instalada de suas atuais usinas para elevar a capacidade de moagem de cana dos atuais 62 milhões de toneladas para 100 milhões de toneladas/safra, o quepermitirá um salto naprodução de açúcar dos atuais 4 milhões para 6 milhões de toneladas, de etanol de 2,2 bilhões para 5,2 bilhões de litros e de energia de 900 megawatts (MW) para 1.300 MW. A companhia comercializa 10 bilhões de litros de álcool. Vasco não divulga quanto deverá ser aportado. Mas o Valor apurou que podem chegar a quase US$ 4 bilhões, considerando que os investimentos atuais por tonelada de cana estão, em média, US$ 100.

Com a união dos ativos, a companhia conta com 23 usinas (excluída a recente aquisição da Zanin, que está prestes a ser concluída) e intensificará pesquisas em etanol de segunda geração.

A Cosan, que permanece com o controle dos ativos de lubrificantes, negócios de terra (com a Radar), Rumo Logística e marcas de açúcar no varejo, tem contrato de 20 anos com a Raízen para fornecer serviços logísticos e negocia a compra de açúcar com a nova companhia para distribuir no varejo.

Petrobrás anuncia nova descoberta no pré-sal – Kelly Lima – Economia – O Estado de São Paulo – 16/02/2011

Reservatório foi encontrado no primeiro bloco perfurado no pré-sal, na área Macunaíma, na Bacia de Santos, mas ainda não há definição do volume

A Petrobrás anunciou ontem nova descoberta no pré-sal na Bacia de Santos, ainda sem volume identificado. O reservatório foi encontrado na área previamente chamada de Macunaíma, localizada no bloco BM-S-10 – próximo ao campo de produção de Lula – onde já havia sido localizada a reserva denominada Parati.

O bloco, operado pela Petrobrás em parceria com a britânica BG(25%) e a portuguesa Partex (10%), foi o primeiro a ser perfurado pela companhia no pré-sal, em 2005. Desde então, o consórcio não perfurou mais na área, dedicando-se ao campo de Lula (ex-Tupi) localizado à sua direita, onde foram encontradas as reservas de 8,5

bilhões de barris. Também trabalhou na exploração de outras áreas que estavam com prazos de desenvolvimento mais apertados com a Agência Nacional do Petróleo (ANP).

A nova descoberta foi comprovada por amostragem de óleo em teste feito nos reservatórios com profundidade de cerca de 5.680 metros.Considerando a lâmina d'água da região, os trabalhos são feitos a uma profundidade de mais de 6 mil metros e a 244 quilômetros da costa do Estado do Rio de Janeiro.

O tipo de óleo, com 26 graus API (medida internacional) é considerado de boa qualidade, bem próximo ao encontrado nas demais áreas do pré-sal de Santos, que têm 28 graus API. Nessa classificação, quando mais próximo de 50 graus, mais leve é o óleo, e consequentemente mais valorizado.

De acordo com a Petrobrás, o consórcio dará continuidade às atividades e investimentos para a avaliação das jazidas descobertas nessa área conforme plano de avaliação aprovado pela ANP,cuja conclusão está prevista para abril de 2012.
Recorde.

A estatal não revela quais são as prioridades de perfuração para este ano, mas planeja investir US$ 4 bilhões em sua área de exploração para furar 162 poços. Destes, 53 serão no mar. Será a maior campanha exploratória da Petrobrás em um só ano em toda sua história.

A Bacia de Santos será a maior demandante de novos poços e a prioridade no polo de Tupi deverá ser do bloco BM-S-9, onde estão localizadas as áreas de Carioca, Abaré Oeste e Iguaçu.APetrobrás tem até o fim de 2011 para declarar a comercialidade destas áreas.

Também presente no BM-S-9, a área de Guará possui prazo estendido para a declaração de sua comercialidade até o fim de 2012. A área de Guará é a única para a qual a Petrobrás fez projeção nesse bloco, de um potencial reservatório de 1,1 bilhão a 2 bilhões de barris.

Números mais exatos deverão ser divulgados ao longo deste ano, quando a companhia der andamento no teste de longa duração (TLD) iniciado na área. Até 2013, o TLD de Guará será substituído pelo sistema piloto, o próximo projeto definitivo do polo a entrar em operação depois do campo de Lula, com previsão de produzir 120 mil barris por dia.

USP produz etanol de casca de eucalipto – Venceslau Borlina Filho – Ciência – Folha de São Paulo – 16/02/2011

Uma nova pesquisa da USP de Piracicaba apontou a viabilidade da produção de etanol a partir das cascas de eucalipto descartadas pelas fábricas de papel e celulose. Os experimentos do químico Juliano Bragatto demonstraram que uma tonelada de resíduo gera 200 kg de açúcares, que, por sua vez, produzem cem litros de etanol. O químico afirmou que a indústria de papel e celulose quase não aproveita as cascas -5 milhões de toneladas por ano.

O processo de produção é semelhante ao da cana-de-açúcar, com vantagens. "O eucalipto pode entrar em áreas inviáveis para produção da cana", diz Sérgio Torquato, pesquisador do IEA (Instituto de Economia Agrícola).

Preço alto reduz venda de álcool após 7 anos –Cirilo Junior – Mercado – Folha de São Paulo – 16/02/2011

Na contramão, comercialização de gasolina sobe 17,5% em 2010, diz ANP

Após queda em 2009, consumo de diesel tem alta de 11,5% no ano passado, puxado pela retomada econômica

As vendas de álcool combustível tiveram a primeira retração desde 2003, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo).

Em 2010, foram comercializados 15 bilhões de litros de álcool hidratado -o chamado álcool puro, que não é adicionado à gasolina. Isso representou queda de 8,5% ante o resultado obtido no ano anterior.

Em 2009, o consumo de álcool tinha chegado a 16,4 bilhões, maior patamar já verificado, superando em 16,5% o volume de 2008.

A concorrência do açúcar foi determinante para o resultado. Com a quebra da safra na Índia, um dos principais produtores, o açúcar teve grande valorização no mercado internacional, o que levou o setor canavieiro brasileiro a privilegiar sua fabricação em detrimento do álcool.

Com a menor oferta de álcool no mercado, o preço subiu. Segundo a ANP, em dezembro de 2010, o preço médio do litro de álcool era de R$ 1,804. Um ano antes, não passava de R$ 1,723.

Como a maior parte da frota é de carros flex fuel, as vendas de gasolina automaticamente subiram e tiveram expansão de 17,5%.

O mercado total de combustíveis cresceu 8,4% em 2010. O volume comercializado totalizou recorde de 117,9 bilhões de litros.

Em 2011, espera-se um avanço de 7% do mercado, estimou Allan Kardec Duailibe, diretor da ANP.

CONSUMO DE DIESEL

A expansão foi determinada pela retomada econômica, que provocou um salto significativo nas vendas de óleo diesel. O combustível, que move caminhões e boa parte da indústria, teve vendas totais de 49,2 bilhões de litros, alta de 11,2% ante ao ano anterior.

Em 2009, com a crise, as vendas de óleo diesel haviam caído 1% ante o ano anterior.

Já a comercialização de QAV (querosene de aviação) apresentou incremento de 15,1%, por causa do maior movimento no mercado de aviação.

Alta do açúcar reforça lucro dos grupos Guarani e São Martinho – Mercado – Folha de São Paulo – 16/02/2011

Os grupos sucroenergéticos Guarani/Tereos e São Martinho -que estão entre os cinco maiores produtores de açúcar e etanol do Brasil- tiveram aumento no lucro líquido de, respectivamente, 921,4% e 132% de outubro a dezembro em relação ao mesmo período de 2009.

O volume obtido pela Guarani/Tereos alcançou R$ 143 milhões, ante R$ 14 milhões do exercício anterior. A São Martinho obteve lucro líquido de R$ 53,8 milhões. No acumulado do ano, o valor é de R$ 123,4 milhões, um aumento de 70,7% em relação a 2009.

O aumento da Guarani/Tereos ocorreu, segundo o presidente-executivo da empresa, Alexis Duval, por causa das três novas aquisições de usinas (Vertente, Mandu e Quartier Français, no oceano Índico) e da alta no preço brasileiro do açúcar e o consequente aumento da produção.

A São Martinho aumentou 19,5% sua venda de açúcar. "Não fomos afetados pela estiagem, e isso contribuiu para a produtividade", disse Felipe Vicchiato, gerente financeiro da empresa.

Produção de álcool deve crescer 45% até 2020 – Mauro Zafalon – Mercado – Folha de São Paulo – 16/02/2011

A produção de álcool a partir de cana-de-açúcar no Brasil deve crescer 45% nos próximos dez anos. A estimativa é do Usda (Departamento de Agricultura dos EUA). A expansão no país deve superar a média dos seis maiores produtores de biocombustível do mundo -Estados Unidos, União Europeia, Argentina, Canadá e China, além do Brasil.

Essas regiões, que respondem por cerca de 98% da produção global de etanol, devem apresentar crescimento médio de 25% em dez anos. Já para a produção de biodiesel, a estimativa é de aumento de 20%.

Decisões de cunho político, como incentivos fiscais e uso mandatório, continuarão apresentando papel fundamental nas decisões de investimento. E essas, por sua vez, serão motivadas por preocupações ambientais.

Por esses motivos, a UE liderará as importações de biocombustíveis nos próximos dez anos. Até 2020, pelo menos 10% dos combustíveis devem ser de fontes renováveis no bloco -e um terço do consumo doméstico será garantido por importações.

Para sustentar a demanda total, a produção de biodiesel na UE deve crescer 22% até 2020, enquanto a de álcool deve aumentar 40%, o que indica necessidade de mais matéria-prima.

Assim, o comércio global de milho, por exemplo, aumentará 22% nos próximos dez anos, segundo projeção do Usda. E, mais uma vez, o Brasil pegará carona nesse movimento, com aumento de 21% nas exportações do grão, para 8,5 milhões de toneladas na safra 2020/21.

SOJA -2,48%

Ontem, em Chicago

PETRÓLEO-1,40%

Ontem, em Londres

Dinheiro novo Os recursos para financiamento da safra verão 2011/12 serão antecipados neste ano. Diretores do Banco do Brasil informaram ao presidente da Faesp (Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo), Fábio Meirelles, que essa linha estará disponível já a partir deste mês.

Novo recorde O preço do algodão atingiu US$ 1,90 por libra-peso ontem, renovando sua máxima histórica. O primeiro contrato subiu 2,13% no dia, na Bolsa de Nova York. Somente nesta semana o produto acumula alta de 8,4%. Em 12 meses, a valorização é de 155%.

Investimento A Baggio Café, do segmento de cafés especiais, investe R$ 1 milhão na compra de novas máquinas. "Somente com um novo torrador conseguiremos aumentar nossa produção em 80%", diz o diretor Clodoaldo Iglezia. Em 2010, as vendas cresceram 50%.

Indústria de máquinas se recupera

O faturamento das indústrias de máquinas e implementos agrícolas cresceu 25% em 2010, para R$ 7,5 bilhões, segundo a Abimaq (associação da indústria de máquinas e equipamentos). Em 2009, o setor amargou queda de 28% na receita. As exportações também se recuperaram no ano passado, apresentando avanço de 73%, para US$ 823 milhões. As importações aumentaram 63% e atingiram US$ 397 milhões. O nível de utilização da capacidade instalada cresceu 2,5 pontos percentuais, para 74% ao final de dezembro de 2010.

O número de funcionários acompanhou e subiu 13% no ano passado, atingindo 47,6 mil pessoas

Reservas de petróleo brasileiras cresceram 10,8% em 2010 – Kelly Lima – Economia – O Estado de São Paulo 17/02/2011

As reservas provadas de petróleo no Brasil cresceram 10,8% de 2009 para 2010, o maior porcentual desde 2002, quando houve aumento de 15,4%, com a entrada em produção de campos no Parque das Baleias, na Bacia de Campos. Desta vez, o crescimento se deve principalmente à incorporação pela primeira vez de parte das reservas do pré-sal da Bacia de Santos, com a produção comercial no campo de Lula (ex-Tupi), no fim do ano passado.

Segundo dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP), as reservas provadas em todas as bacias brasileiras (marítimas e terrestres) alcançaram 13,986 bilhões de barris em 2010. A este volume ainda devem ser acrescidos 259,62 milhões de barris em campos sem plano de desenvolvimento aprovado, que, portanto, ainda não foram formalmente reconhecidos pela ANP.

Se consideradas as reservas totais– provadas,prováveis e possíveis –, o volume anunciado ontem pela ANP para o Brasil atinge 26,930 bilhões de barris. Nesse caso, o salto entre um ano e outro é de 34,7%, maior crescimento desde 2000.

No gás natural,as reservas provadas tiveram aumento de 15,4% na comparação entre 2009 e 2010, superior apenas à elevação de 32,9% de 2004 em relação a 2003. Nas reservas totais de gás natural,no mesmo período,a elevação foi de 37,4%, a maior desde 2004, quando o aumento foi de 41,7% frente ao ano anterior.

Apesar do crescimento expressivo, o País ainda está bem atrás no ranking das maiores reservas de petróleo e gás do mundo, que tem a Rússia e a Arábia Saudita entre as lideranças, com volumes acima de 300 bilhões de barris de óleo equivalente. Segundo estimativas consideradas conservadoras de analistas e já comentadas pelo ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, o pré-sal brasileiro pode ter até 150 bilhões de barris de óleo recuperável, o que levaria o País ao grupo dos cinco maiores.

Apenas com as descobertas que já tiveram os seus volumes anunciados no chamado polo de Tupi,na Bacia de Santos,o Brasil pode dobrar o volume de reservas atuais.

Além dos reservatórios descobertos pela Petrobrás ainda devem aumentar estes volumes nos próximos anos os 5 bilhões de barris que o governo repassou para a companhia por meio da cessão onerosa durante sua capitalização, além das novas descobertas de outras companhias, como a OGX, do empresário Eike Batista, que tem estimativas acima de 5 bilhões de barris em suas áreas de concessão.

Bertin desiste de sociedade em Belo Monte – Renée Pereira – Economia – O Estado de São Paulo – 17/02/2011

A Gaia Energia, subsidiária do Grupo Bertin, desistiu da sociedade na Hidrelétrica de BeloMonte, no Rio Xingu (PA).A decisão foi tomada na manhã de ontem entre os dirigentes do grupo e os demais participantes do consórcio Norte Energia, detentor da concessão da usina que custará cerca de R$ 25 bilhões e terá potência instalada de 11.233 megawatt (MW).

"Decidimos não exercer a opção dos 9% de participação em Belo Monte", afirmou o diretor presidente da Bertin Energia,José Malta, garantindo que a empresa não terá de pagar multa pela desistência nem terá de vender sua participação no mercado.Ele destaca que o grupo continuará com a participação– mínima – de 1,25% no projeto por meio da construtora Contern.

"Nossa saída não significa que o projeto seja inviável ou ruim. Trata-se de um empreendimento interessante e com elevada geração de caixa, a partir de 2015." De acordo com Malta, a desistência está associada à estratégia da empresa de focar suas energias na conclusão dos projetos de termoelétricas em andamento.

No total,a empresa tem 31 projetos elétricos (28 usinas a óleo e gás natural e três de energia renovável) com potência de 6 mil MW. O volume de investimentos para concluir as unidades é de R$ 7 bilhões até 2014.

Nos últimos dias, no entanto, a empresa virou foco de notícias ao perder o prazo de conclusão de seis termoelétricas movidas a óleo combustível. As usinas deveriam estar em operação desde o fim de janeiro, mas ainda não saíram do papel. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) multou o grupo em R$ 1,2 milhão pelo atraso no cronograma. Mas a empresa recorreu da decisão, alegando que a agência demorou para emitir a outorga dos projetos.

Malta explica ainda que os empreendimentos, comprados de outro grupo, já estavam com atraso quando foram transferidos para o Bertin. Por outro lado, ele afirma que os financiamentos– em especial com os fornecedores de equipamentos– para construir as unidades demoraram mais que o previsto.

"Quando entramos em Belo Monte não imaginávamos que esses empréstimos de longo prazo fossem demorar tanto. Houve um gap de equity", explicou o executivo. Segundo ele, o financiamento para Aratu 1,por exemplo, estava previsto para sair há três meses, mas só ocorreu há duas semanas. É exatamente esse complexo que deveria entrar em operação em janeiro.

Além da multa aplicada pela Aneel, o grupo também foi punido com cerca de R$ 400 milhões que deveriam ser depositados como garantia na Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE). "Estamos tentando resolver essa questão na Aneel. Se tivermos reconhecimento da agência para extensão de alguns meses do cronograma, não teremos de pagar essa punição."

O grupo também terá de ir a mercado para comprar energia e honrar os compromissos do contrato. Malta diz, porém, que isso não é problema, já que a empresa tem uma receita compensatória em casos de atraso, conforme previsto na legislação."O grupo é muito pé no chão. Não damos um passo maior que a perna. Por isso, decidimos deixar Belo Monte."

Petrobras espera para assumir distribuidora em SP- Maria Cristina Frias – Mercado – Folha de São Paulo -17/02/2011

Quase um ano após anunciar a compra da Gas Brasiliano, a Petrobras ainda não concluiu o negócio nem assumiu o controle da empresa que inauguraria sua participação na distribuição de gás natural em São Paulo.

Anunciada em maio, a compra da Gas Brasiliano da italiana Eni aguarda a concordância da Arsesp (Agência Reguladora de Energia e Saneamento de SP), que teme "impactos concorrenciais" ao mercado de gás com a chegada da estatal.

A Gas Brasiliano opera na chamada área de concessão Noroeste, que abrange 375 municípios. Os planos da estatal para expandir o fornecimento de gás na região estão parados, aguardando o sinal verde para assumir a empresa, segundo a Petrobras. A diretora de Gás e Energia, Graça Foster, diz que tanto a estatal como a Gas Brasiliano cumpriram em 17 de agosto as exigências feitas pelo órgão regulador."Está demorando mais do que esperávamos", diz.

Davi Kann, diretor de Gás Canalizado da Arsesp, disse que não há prazo para a manifestação final. Ela está sob análise da Procuradoria Geral do Estado.

A preocupação do órgão regulador está descrita no voto de Olavo Chinaglia, conselheiro do Cade que relatou o processo aprovado em 15 de dezembro. A Arsesp apresentou ao Cade seus temores.

Um deles é de que a Petrobras -produtora, transportadora, distribuidora e consumidora de gás natural- apresente preços mais competitivos e estimule consumidores a migrarem para lá, em prejuízo da Comgás e da Gás Natural São Paulo Sul.

INVESTIMENTO NAS NUVENS

Em 2010, a TOTVS, empresa de software de gestão empresarial, investiu em pesquisa e desenvolvi mento 26,6% a mais do que havia alocado no ano anterior. "Isso representa 13,3% da receita líquida, cerca de R$ 150 milhões", diz Laércio Cosentino, presidente da companhia.

"Investimos todo o ano em média entre 12% e 13%", acrescenta ele. Segundo pesquisa da companhia em balanços de outras empresas de TI, o setor investe em média apenas 8% da receita líquida das companhias.

Resultados dessa alocação de recursos, a TOTVS lança em julho a versão 11.5 de seus produtos.

O projeto, que absorveu parte dos investimentos em inovação, terá mais de 910 mil horas de desenvolvimento e trará uma ampliação do portfólio em todos os segmentos.

PSI PASSA ANTES PELO CMN

O governo deverá levar cerca de duas semanas para divulgar detalhes de como ficará o PSI (Programa de Sustentação do Investimento).

A ideia é que o programa seja discutido no CMN (Conselho Monetário Nacional), que se reúne no próximo dia 24. Será necessária uma medida provisória para detalhar as condições de prorrogação.

O programa acabaria em março, mas já foi anunciada a sua prorrogação. A publicação da MP já poderia ter ocorrido, mas causaria ruído político por coincidir com a discussão sobre o reajuste do salário mínimo.

Os juros do programa para compra de máquinas e equipamentos serão um pouco acima dos patamares atuais, de 5,5% para aquisição de equipamentos e de 8% para ônibus e caminhões.

Expectativas de empresários e fontes do governo giram em torno de 6% ou 6,5%.

RUMO À ARGENTINA

O número de brasileiros que foram à Argentina em 2010 cresceu 85,1% ante o ano anterior e ultrapassou a marca de 863 mil turistas, segundo o Instituto Nacional de Estatística e Censos.

As companhias que oferecem mais voos entre os dois países são TAM e Gol, com 140 e 80 desembarques por semana, respectivamente.

Construção de infraestrutura perde empregos em **SP**

São Paulo puxou o freio da construção no país em 2010, segundo empresários do setor. Houve uma grande discrepância entre o Estado e o Brasil no segmento de obras de infraestrutura, que abrangem telefonia, energia, transporte e outros, segundo estudo que a Fiesp divulga hoje.

Na infraestrutura, o nível de emprego, termômetro da atividade, cresceu no Brasil 12,1%, excluindo-se o Estado de São Paulo, de janeiro a novembro. O Estado sozinho cresceu 1%.

Na construção pesada, que envolve obras de portos, rodovias e metrôs, houve queda de 5,9% no emprego no ano em SP, diz o Sinicesp (sindicato da construção pesada). O subgrupo que mais demitiu foi construção de rodovias e ferrovias, com 6.206 trabalhadores a menos.

Outro indicador do desaquecimento foi o consumo de brita, usada em obras. Janeiro teve queda de 40% ante igual mês de 2010. No ano, a demanda foi 36,5 milhões, primeira queda desde 2005.

Para este ano, a previsão é que só 33 milhões de toneladas sejam consumidas, segundo o Sindipedras (indústria de pedra britada).

"Não houve chiadeira do setor pois o resto do país teve alta. Os esforços passaram para outros Estados", diz Manuel Rossitto, da Fiesp.

ALUGUEL AMARGO

Os aluguéis de propriedades comerciais aumentarão cerca de 60% no Brasil durante o primeiro trimestre de 2011, segundo a organização britânica Rics (Royal Institution of Chartered Surveyors).

A alta nos valores é consequência do menor número de unidades disponíveis para locação no país.

Os empreendimentos que serão lançados neste ano devem minimizar o problema, de acordo com o estudo.

Entre os países analisados, o único que apresentará um aumento ainda maior que o Brasil no valor dos aluguéis comerciais é a China.

EUA, Japão, Reino Unido e Emirados Árabes Unidos terão queda nos preços do setor, ainda que menores que no último trimestre de 2010.

A procura por escritórios nesses quatro países cresceu, pois as empresas estão mais otimistas, segundo a Rics.

A organização ouviu 410 companhias de todo o mundo até o dia 10 de janeiro.

Sugestão... A Associação Paulista de Empresários de Obras Públicas pretende propor

ao governo federal novos modelos de participação privada em projetos de expansão da infraestrutura aeroportuária do país.

...para Brasília Em março, empresários de construtoras do Estado se reunirão com diretores do consórcio SCL Terminal Aéreo, que administra o aeroporto de Santiago, no Chile, para discutir possíveis iniciativas para o setor.

Banda larga O serviço Speedy, da Telefônica, conquistou 680 mil clientes no Estado de São Paulo no ano passado. O número é maior do que os 642 mil novos usuários da principal concorrente no setor, a Net, no Brasil.

Infantil A grife de moda Camú Camú adquiriu a licença para uso da marca Garfield. O contrato, válido por dois anos, custou R$ 80 mil. O personagem estará em peças da loja já na coleção de inverno, que será lançada em março.

Há mais petróleo, mas não se sabe quanto – Alberto Tamer – Economia – O Estado de São Paulo – 20/02/2011

Notícias promissoras no pré sal surgem quase todos os dias. Poços revelam maior potencial, novas reservas são descobertas, mais investimentos chegam do exterior, cresce a produção, que bate recordes. É uma série de informações isoladas que revelam um cenário petrolífero que jamais teria sido imaginado há alguns anos.

Atendendo à sugestão de leitores, muitos dos quais empresários, estudantes de economia, finanças e até mesmo de geologia, a coluna resume dados oficiais ou não, que revelam estarmos apenas no início de um processo que levará o Brasil, em dois ou três anos, à autos suficiência no abastecimento do petróleo e derivados, coma entrada em operação de novas refinarias.

São dados que a coluna promete ir atualizando à medida em que forem confirmados e permanece à disposição dos leitores para mais informações.

Pré-sal e pós sal.

Com a produção do primeiro sistema definitivo, que começou no fim de 2010 com15 mi barris por dia, a produção do pré-sal chegou a 65 mil barris diários, considerando a fase de testes de longa duração. Esse primeiro sistema vai atingir 100 mil barris por dia até o fim do ano.

Pelas descobertas feitas até hoje, as reservas recuperáveis em barris equivalentes de petróleo e gás, nessa área, estão estimadasem16 bilhões de barris, o que significa dobrar as reservas atuais da Petrobrás. É o começo porque, da área total do pré-sal, de 149 mil km², apenas 28% estão sob concessão em fase de exploração. Pode-se projetar o que espera em termos de descobertas quando forem prospectados os 107 mil km²que ainda não estão sendo explorados.

Provavelmente, serão muito mais de 50 bilhões de barris. Autos suficiência parcial. Ela de fato não existe.O Brasil já é autos suficiente na extração de petróleo, produz 2 milhões de barris por dia e consome 1,9 milhão.Mesmo assim, hoje ainda precisa importar alguns derivados, como diesel, GLP e nafta química que as refinarias existentes no país não destilam.Foram construídas para refinar petróleo leve que só agora se descobriu na Bacia de Santos.

A autos suficiência deverá vir nos próximos dois anos, quando duas refinarias, uma no Rio de Janeiro(Comperj) e outra em Pernambuco (Abreu e Lima) começarão a produzir aqueles derivados que o País importa hoje.

Mais consumo e produção.

Nas análises de mercado, que constam do Plano de Negócios, a Petrobrás prevê que o consumo interno de derivados deverá aumentar em torno de 5% ao ano. Isso significa uma demanda de 2.354.000 barris por dia em 2014 e 2.794.000 em 2020. Se for mantido o atual comportamento do mercado, que vai depender das taxas de crescimento do PIB, esse
consumo será atendido pela produção da Petrobrás de 2.980.000 barris por dia em 2014. É importante assinalar que, desse total, 241 mil barris por dia virão da exploração inicial do pré-sal.

Dependendo de ajustes técnicos,condições do mercado petrolífero internacional e da evolução da produção interna– que pode surpreender positivamente –, o Brasil poderá aumentar as suas exportações de petróleo ao mesmo tempo em que reduz a de derivados. Será um resultado altamente positivo, principalmente porque está sendo conquistado em apenas 5 anos.

Isso tem levado o presidente da empresa, Sergio Gabrielli, a dizer que a Petrobrás está fazendo em 5 anos o que não pode fazer em 56 de existência em produção e reservas. Isso decorre de uma nova estratégia dos investimentos.

O que mudou? Tudo. Absolutamente tudo,com destaque especial aos investimentos.
Uma quase revolução. Vejamos.

Em 1997,quando se quebrou o monopólio, a empresa investiu R$ 4 bilhões. Em 2010, foram quase R$ 90 bilhões e, até 2014, serão mais de R$ 400 bilhões. Em 2010, nada menos que R$ 244 bilhões. Mais da metade dos investimentos por parte desses novos investimentos está se concentrando em exploração e produção.Como resultado,houve o aumento da produção e foram descobertas novas reservas que compensam o aumento do consumo sem onerá-las.

É uma situação especial no cenário petrolífero mundial, no qual a maioria das grandes empresas privadas ou de capital aberto vem sofrendo queda de produção e reservas. Tributos, R$ 600 bilhões. O desenvolvimento do setor nos últimos anos, após o período de mercado aberto, elevou em 100% o pagamento de tributos da estatal para a União.

Proporcionou um aumento superior a 100% no pagamento de tributos,entre 1998 e 2010. Excluindo os encargos sociais, foram arrecadados pela União, Estados e municípios, nesse período, cerca de R$600bilhões. Soma- se a este valor a distribuição de royalties sobre a produção aos Estados e municípios, que superou os R$ 100 bilhões, desde 1998.Vai ser mais, muito mais,quando o pré-sal aumentar sua produção.

Desafios? Os tecnológicos estão sendo bem enfrentados de forma a reduzir os custos e riscos ambientais. Os financeiros,também.Se existe um desafio é o de persistir nessa linha,que o novo governo já aprovou.Antes de só pensar, como no passado, em vender derivados porque dá lucro e não apresenta risco, é investir em pesquisa, tecnologia e produção.

É o que está dando certo. É só fazer mais porque ninguém sabe quanto há de petróleo ainda por descobrir nas costa do Brasil. Um segredo que só se desvenda investindo intensamente. A Petrobrás e as empresas privadas já estão fazendo isso, com sucesso. Mas é só o começo.

Gabrielli descarta alta no preço dos combustíveis – Elder Olgiari e Kelly Lima – Esconomia – O Estado de São Paulo – 23/02/2011

Para presidente da Petrobrás, cotações internacionais do petróleo podem passar por oscilações, mas não há necessidade de repassá-las ao consumidor O presidente da Petrobrás, José Sérgio Gabrielli, voltou a admitir ontem, em Porto Alegre, que as cotações internacionais do petróleo podem passar por algumas oscilações, mas descartou mudanças na política de preços no País. "Não vamos repassar para o mercado brasileiro a volatilidade do preço internacional", afirmou, durante entrevista coletiva no Palácio Piratini, sede do governo do Rio Grande do Sul. "Não vejo, nos fundamentos do mercado de petróleo, nada que justifique uma tendência permanente de aumento de preços", destacou o executivo. Para justificar o raciocínio,Gabrielli lembrou que a produção mundial atual, de 86 milhões a 87 milhões de barris por dia, é pouco superior à demanda de 85 milhões a 86milhões de barris. Gabrielli citou ainda a capacidade ociosa da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), de 4milhões a 5 milhões de barris por dia."Não há razões para que o preço seja continuamente crescente. Está crescendo por razões especulativas", comentou. Praticamente nulo. A alta do preço do barril de petróleo no mercado mundial, por causa dos conflitos no norte da África, tem impacto praticamente nulo no curto prazo para oBrasil, acredita o analista Nelson Rodrigues de Mattos, do Banco do Brasil. APetrobrásmantémsuapolítica de não acompanhar as oscilaçõesnomercadoexterior, reajustando seus preços de gasolina e diesel – que correspondem a mais de60%das vendas da companhia. Apenas o querosene de aviação (QAV), a nafta e o óleo combustível são reajustados mensalmente. "Somente se a crise se prolongasse e o patamar de preços permanecesse por meses, teríamos alguma modificação nos preços internos da gasolina e do diesel. Já a alta dos demais derivados pode ter um impacto indireto em outros setores da economia", avalia Mattos. EledestacaqueoPaístambém está isento dos impactos de possíveiscortesnaproduçãonaqueles países, já que sua importação é derivada especialmente daNigéria, que está fora da região do conflito. Segundo o analista, os preços dodiesel eda gasolinanomercadointernoaindaestãopoucodefasadosemrelaçãoàaltanomercado internacional. "Há uma diferença de 2%, coisabemdistantedosmaisde20% emanosanteriores, quejustificaramoaumento", comentou. Aalta volatilidade do preço do barril deverá ser preponderante nos próximos meses no mercado internacional, na opinião de Gabrielli. Anteontem, em evento no Rio, o executivo destacou que a expectativa é de que este "sobe e desce" se prolongue por todo o semestre e até avanceum pouco. Segundo ele, há uma série de incertezas que contribuem para este cenário. A primeira delas é comoaOpep vai reagir. "AOpep temcondiçõesdecolocarrapidamente 5 milhões de barris por dia no mercado, mas a produção tem estado estável e não dá para saber se eles vão tomar alguma atitude", afirmou. Ontem ele voltou a atribuir às variáveis geopolíticas e às incertezas quanto à recuperação das taxasdecrescimento de grandes economias,comoa americana, a europeia e a japonesa, a forte oscilação de preços do petróleo.

Petrobras descarta alta de preços no Brasil – Mundo - Folha de São Paulo – 23/02/2011

O presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli, descartou que a recente alta dos preços do petróleo, resultado da intensificação dos protestos antirregime na Líbia se reflita em aumento de preços para o consumidor brasileiro.

A instabilidade no país, membro da Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e detentor das maiores reservas de petróleo comprovadas, fez a cotação do barril Brent alcançar ontem em Londres US$ 105,74 - o mais alto valor desde 2008.

Gabrielli classificou o cenário internacional como volátil, mas disse que não há razões estruturais para os preços se manterem em patamar tão alto. "Não vamos repassar para o mercado brasileiro a volatilidade internacional."

Petróleo impulsiona Petrobras e Bolsa – Epaminondas Neto – Mercado – Folha de São Paulo – 24/02/2011

Disparada do barril favorece papéis da estatal, que sobem até 4,7% e influenciam na alta de 0,7% da Bovespa

Giro de ações da empresa equivale a 25% do total do dia; dólar avança 0,11% e fecha cotado a R$ 1,675

A Petrobras foi o principal motivo para a Bovespa ir na contramão dos demais mercados ontem.

Com a disparada do petróleo (alta de 5,17% em Londres, com o barril cotado a US$ 111,25, e de 2,81% em Nova York e o preço a US$ 98,10), houve corrida pelos papéis da estatal.

Entre os mais de R$ 9 bilhões em operações contabilizadas ontem, mais de R$ 1,7 bilhão foi somente com a ação preferencial da empresa, que subiu 3,38%. A ação ordinária (com direito a voto), alvo de outros R$ 538 milhões em negócios, subiu quase 4,66%.

A Bolsa ascendeu 0,7%, influenciada pelo grande peso da Petrobras em seu principal índice, num dia em que as Bolsas europeias sofreram perdas entre 1% e 1,7% e Nova York caiu 0,88%.

O cenário externo somente reforça a aversão ao risco dos investidores: as incertezas sobre a crise da Líbia, a perspectiva de que as turbulências políticas continuem a se espalhar pelo Oriente Médio e os impactos sobre as commodities combinam-se para desestimular novas apostas.

O dólar subiu 0,11%, para R$ 1,675. Os juros futuros para janeiro de 2012 passaram de 12,41% para 12,46%.

Petrobras pode importar gasolina na alta dos preços- Leila Coimbra e Sheila D'Amorim – Mercado – Folha de São Paulo – 25/02/2011

Capacidade atual de refino de derivados de petróleo no país está no limite

Para completar, há perspectiva de pouca oferta de etanol por conta do regime de chuvas desfavorável

O Brasil poderá sentir no médio prazo os efeitos da explosão dos preços do petróleo provocada pelos conflitos no Norte da África e nos países do Oriente Médio. Caso a demanda interna por combustíveis aumente, a Petrobras terá que retomar as importações de gasolina, em um momento em que o barril do petróleo disparou -chegou a ser cotado a US$ 119 ontem em Londres (leia mais no caderno **Mundo**).

No ano passado, houve uma expansão do consumo de combustíveis no mercado brasileiro, e a estatal teve que aumentar as importações de derivados do petróleo em 114%, segundo o balanço contábil de 2010 divulgado pela empresa.

Em 2011, a Petrobras ainda não precisou recorrer ao mercado externo para abastecer o consumo nacional de gasolina e diesel. Mas há neste ano a perspectiva de pouca oferta de etanol, por conta do regime de chuvas desfavorável em 2010, o que poderá levar à necessidade de novas importações de gasolina. A atual capacidade de refino de derivados do petróleo no Brasil está no limite.

Na avaliação do governo, o impacto no valor do produto ao consumidor aqui no Brasil pode ser minimizado pela Petrobras, como já aconteceu no passado. A estatal tem estoques e pode absorver a alta por um certo período.

Dependendo da crise lá fora, o cenário pode até ajudar no controle da inflação, segundo técnicos do governo.

Isso considerando que a alta ajude a segurar os preços das commodities agrícolas.

Nos últimos dez dias, enquanto o preço do petróleo subiu em torno de 15%, o dos produtos agrícolas negociados no mercado internacional caiu cerca de 5%. A queda ocorre pelo medo de que o preço do petróleo interrompa a retomada do crescimento no mundo rico.

Menos crescimento em economias já combalidas leva a uma demanda menor por produtos, até mesmo por comida. E, se a procura cair, o preço de produtos agrícolas, pelo menos, terá que parar de subir, o que ajuda a controlar a inflação aqui no Brasil - uma das fontes de pressão nos preços tem sido a alta nos alimentos.

Para o analista de inflação da Tendências, Thiago Curado, não haverá pressão inflacionária no Brasil por conta da alta do petróleo no curto prazo. Se a crise política externa se alastrar para países com mais peso na produção de petróleo mundial, como a Arábia Saudita, no entanto, o cenário poderá se agravar

Amyris define comando no Brasil e prepara início da produção local - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Empresas – 25/02/2011

O executivo Paulo Diniz, exBunge e ex-Cosan, será anunciado hoje como presidente da Amyris Brasil. A multinacional americana de biotecnologia, que tem a petrolífera To t a l como uma de suas principais acionistas, é especializada em matéria-prima renovável, o farneseno a partir da cana, utilizados nas indústrias de especialidades químicas e combustíveis para transporte, sobretudo. O grupo começa este ano a produzir em escala comercial no país — a primeira fábrica entra em operação no fim deste semestre e a segunda unidade começa a funcionar em 2012. "O jogo começa agora, após um período de aquecimento e boa temporada de treinos", disse Diniz. Ele assume a direção da companhia, que operava no país e nos Estados Unidos com plantas-piloto, com o objetivo de promover seu processo de expansão. Antes da Amyris, Diniz passou pela Bunge, onde ajudou a conduzir o processo de integração das duas empresas da companhia — divisão de alimentos e fertilizantes. Na Cosan, coordenou o processo de abertura de capital da companhia. Antes foi o responsável pela expansão da TIM no

Brasil. “Agora terei a oportunidade única de liderar uma equipe de excelentes profissionais e uma empresa com projeto inovad o r.” Diniz substitui Mario Portela, que deverá tocar os negócios nos EUA. John Melo mantém-se como principal executivo global. Criada em 2003 e sede na Califórnia, a Amyris detém tecnologia própria de produção de farneseno “v e r d e”, um componente químico (hidrocarboneto), a partir da fermentação do caldo de cana com leveduras. O produto é utilizado como matéria-prima para produção de lubrificantes, diesel e biodiesel, cosméticos, detergentes e combustíveis de avião. O objetivo é substituir derivados de petróleo. A empresa tem carta de intenções com a Procter & Gamble pa ra o fornecimento de farneseno para a produção de sabão e detergente, afirmou o executivo. Há interesse da Shell para o diesel “ver d e” e a Total, com 22% de participação na Amyris, deverá desenvolver uma linha de lubrificantes automotivos com esse produto. A Amyris vai concorrer no mercado com importantes grupos, como D u Po n t , e também com empresas de biotecnologia menores, como Solaz ymes, Sapphire, G e v o, LS9 e Synthetic Genomics. Nos últimos meses, a companhia fechou parcerias estratégicas no Brasil. A primeira unidade está sendo erguida em Piracicaba (SP), dentro das instalações da empresa belga Biomin. Por meio de uma joint venture com a São Martinho, a empresa também está construindo uma unidade anexa à usina de Pradópolis (SP), com produção a partir de 2012. O investimento na fábrica será de cerca de US$ 50 milhões, com 50% de participação cada empresa. Acordos de fornecimento de cana foram fechados com a Cosan, Bunge e Te r e o s . A expectativa para este ano é de que o faturamento da empresa no país atinja US$ 200 milhões, segundo Diniz. Valor Econômico http://valor.ideavalley.com.br//flip/tools/flipPrint/printMateria.php?id... 1 de 2 15/6/2011 14:29 Com ações negociadas na Nasdaq (bolsa especializada em empresas de alta tecnologia) desde setembro de 2010, a Amyris possui um valor de mercado da ordem de US$ 1,25 bilhão pela sua plataforma industrial de biologia sintética inovadora. Valor Econômico http://valor.ideavalley.com.br//flip/tools/flipPrint/printMateria.php?id... 2 de 2 15/6/2011 14:29

Renuka tenta aliar o melhor de Índia e Brasil - Fabiana Batista **–** Valor Econômico – Agronegócios – 25/02/2011

Companhia amplia projeto indiano de cogeração, enquanto sistema brasileiro para etanol ganha reforço De Mumbai e Belgaum Narendra Murkumbi, o primeiro indiano a investir no setor de açúcar e álcool no Brasil, começou a fazer aulas de português. Uma vez por semana, ele dá uma pausa em reuniões e em seus afazeres no escritório da Sh ree Renuka Sugars, em Mumbai, e se reúne com uma professora vinda de Goa, um pequeno Estado no oeste da Índia que, devido aos 400 anos de colonização portuguesa, ainda mantém o idioma — com algumas modificações — também falado no Brasil. O interesse por aprender a nova língua é óbvio. O Brasil se tornou a maior plataforma de produção de açúcar bruto da Shree Renuka, em menos de dois anos. Das cerca de 20 milhões de toneladas de cana-de-açúcar que a empresa processa entre Brasil e Índia, 13,6 milhões estão em terras brasileiras — número que vai atingir 15 milhões em um ano. Com 40 anos, Murkumbi é um dos homens mais influentes do setor canavieiro indiano e, no Brasil, sua empresa também figura entre as principais do país. Na Índia, está na lista dos novos bilionários, segundo a revista Businessworld. Mas apesar da

posição, Murkumbi é um homem de poucas cerimônias. “Sou um bilionário, mas em rúpias”, brinca o executivo sobre a desvalorizada moeda local — US$ 1 equivale a 45 rúpias. Em seu escritório, decorado com simplicidade, ele conta que se surpreendeu com os primeiros resultados do negócio de açúcar, álcool e energia no Brasil. Este será o primeiro exercício de 12 meses das duas usinas paranaenses do Vale do Ivaí, as primeiras adquiridas pelo Renuka. E o Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) já atingiu 25%, mesmo com uma moagem reduzida. A capacidade no Paraná, conta ele, é de 3,1 milhões de toneladas, mas foram processadas apenas 1,5 milhão de toneladas por causa da seca que atingiu os canaviais da região Centro-Sul do Brasil no ano passado. Ele pondera que não é possível comparar diretamente o desempenho brasileiro com o das unidades indianas, que devem registrar Ebtida da ordem de 15% a 20%. “São bem menos intensivas de capital, pois não têm plantio de cana —o governo não permite às indústrias cultivarem a matéria-prima”. Mas o fato é que bons exemplos brasileiros estão sendo replicados no país asiático. Entre eles os de produção de energia elétrica com bagaço de cana em maior escala. Há dois anos Shree Renuka começou a fazer parcerias com usinas que têm bagaço disponível, mas não dispõem de capital para investir em uma unidade de cogeração. A empresa entra com o maquinário — por meio de sua empresa de equipamentos industriais KBK Chem-Engineering — e a unidade parceira, com o bagaço. Da energia total produzida, a usina fica com o volume necessário para sua autossuficiência e o excedente, com a Shree Renuka. Nesses dois anos a empresa já conseguiu arrebanhar usinas que geram excedente de 54 Megawatts (MW). O número representa em torno de metade do total de energia excedente que a companhia produz na Índia — 111 MW. No Brasil, são mais 139 MW nas quatro usinas. “Estamos em negociação com outros grupos indianos que juntos podem adicionar a essa energia excedente mais 200 MW a 300 MW”, afirma o executivo. Murkumbi também mobilizou usinas da Índia para propor ao governo a criação de um conselho para definir preços da cana nos moldes do “C o n s e c a n a” no Brasil. O objetivo é remunerar o fornecedor de cana de acordo com os preços de açúcar e do álcool. Na Índia, o governo define o valor mínimo a ser pago pela cana no país, nem sempre levando em conta a realidade de preços dos dois produtos finais, dizMurkumbi. “O projeto já foi entregue ao governo e esperamos uma decisão para o próximo ano”. Os bons exemplos também fazem o caminho inverso. Do ponto de vista industrial, as usinas da Índia são bem avançadas, com elevada automação. Em alguns casos, a Índia se destaca. É o caso da tecnologia usada na concentração de vinhaça, que no Brasil é um resíduo do processo industrial (que pode ser poluente se jogado em rios), mas que na Índia, é usado para produzir etanol, a partir da mistura com o melaço. Com o uso de um fermento especial, os indianos produzem para cada 1 litro de etanol apenas três litros de vinhaça, ante os cerca de 12 litros fabricados no Brasil. O desenvolvimento dessa tecnologia se fez necessária no país asiático porque lá, diferentemente do Brasil, a vinhaça não pode ser usada para irrigar as áreas de cana, pois as usinas não detêm áreas cultivadas. Algumas empresas indianas de equipamentos para usinas começam a olhar com mais interesse o mercado brasileiro, que hoje tem na Dedini Indústria de Base, sua maior companhia. A KBK Chem, subsidiária da Shree Renuka, está dando suporte no projeto de desidratação de etanol na unidade da Vale do Ivaí, no Paraná. “AKBK está olhando alguns projetos de desidratação de álcool no Brasil. No entanto, atualmente não há planos para a instalar uma unidade no Brasil”, afirma Murkumbi. Valor Econômico

Cortadores de cana trocam campo por indústrias e custos aumentam – Valor Econômico – Agronegócios – 25/02/2011

De Mumbai e Belgaum A cena é incomum para os brasileiros. Uma mulher bem trajada, de sári, a típica vestimenta indiana, cortando cana-de-açúcar, rodeada por crianças e até por um cabrito pastando nas folhas da gramínea. Na Índia, no entanto, a paisagem é comum nas regiões canavieiras, onde as famílias trabalham juntas no corte da cana-de-açúcar e onde a legislação não tem nem de longe a rigidez da brasileira. Prabhakar Ginapat Ghade, 29 anos, é o chefe de uma dessas milhares de famílias indianas que trabalham no campo. Ele, sua mulher e filhos, há dois anos saem de Maharashtra, onde têm 3 hectares plantados com algodão e milheto, para o Estado vizinho de Karnataka, onde está a cidade de Belgaum. A razão para essa migração é que cada vez há menos cortadores de cana disponíveis na região, diz N.S. Mugalkhod, administrador geral de suprimento de cana da Shree Renuka Sugars em Belgaum. Ele conta que a disponibilidade de trabalhadores na região caiu 50% nos últimos dois anos, porque os antigos cortadores foram trabalhar em outras áreas, sobretudo na industrial. "Com isso, nosso custo com o trabalhador ficou três vezes maior nos últimos anos. Estamos dando incentivos para que vem para cá". É de olho nessa remuneração maior que Ghade se desloca por seis meses de sua terra para Belgaum. Enquanto o valor mínimo fixado pelo governo é de US$ 1,30 por dia de trabalho no campo, em Belgaum, Ghade recebe US$ 1,50 diários, mais adicional de 17% se permanecer por seis meses. Agora mais capitalizado, ele já começou a construir uma casa maior. Diz ainda conseguir poupar 30% dos seus ganhos para investir nos estudos e no casamento do primogênito, hoje com dez anos — na Índia, é comum, sobretudo na zona rural, os pais casarem seus filhos com até 21 anos. A mudança que segue curso na área rural da Índia também atinge os pequenos proprietários de terra, que plantam e cortam cana comsuas famílias. Esse grupotambém vem se deparando com a resistência das novas gerações em trabalhar com a terra. Diferentemente de seus filhos, os netos do produtor de cana de Belgaum, Baluppa Adiveppa Metagud, não querem permanecer no cultivo e corte da cana. Com mais anos de estudo, estão buscando emprego em indústrias e empresas da região que, assim como todo o país, instalaram-se ao longo dos últimos dez anos, com a abertura da economia indiana. "Só tenho um neto que ainda trabalha conosco. Ele não gosta muito de estudar ", sorri Metagud. Ele é um dos produtores mais prósperos de Belgaum. Sua propriedade, de 9 hectares, tem trator e implementos agrícolas, muitos incomuns na agricultura indiana. Há onze anos, Metagud foi um dos produtores que apostaram suas rúpias na aquisição da primeira usina da Shree Renuka Sugars, em parceria com Narendra Murkumbi e a mãe deste, Vydia. Conhecida pelo tino diplomático, ela mobilizou capital entre agricultores para ajudar o único filho a começar o negócio de açúcar. "Na época, compramos uma ação por 5 mil rúpias. Quando a Renuka abriu capital em bolsa, em 2009, vendemos por 700 mil rúpias", lembra Metagud. (FB) Valor Econômico http://valor.ideavalley.com.br//flip/tools/flipPrint/printMateria.php?id... 2 de 2 15/6/2011 14:34

Produtividade indiana deixa a desejar – Valor Econômico – Agronegócios – 25/02/2011

Apesar do aumento da frota de caminhões usados na agricultura da Índia, as tradicionais carroças abarrotadas de cana-deaçúçar puxadas por bois e búfalos ainda são comuns na paisagem da zona rural indiana. O trato rudimentar também se reflete no desempenho agrícola dos canaviais do país. A quantidade de açúcar produzida na cana é de, em média, 5 toneladas por hectare na região norte, a mais pobre da Índia. Na porção sul, esse indicador melhora para 9 toneladas por hectare no Estado de Maharashtra, mas ainda muito distante das 14 toneladas alcançadas no Brasil na última temporada (2010/11). Com mais de 50 milhões de fornecedores de cana, dependendo do ano as usinas da Índia são obrigadas a organizar um sistema peculiar para disciplinar o fornecimento da matéria-prima de tantas fontes diferentes. Em uma única usina, como a de Belgaum, a Shree Renuka Sugars, por exemplo, tem 13,5 mil pequenos fornecedores. Eles se relacionam com 15 coordenadores que visitam cada uma das áreas — que ficam num raio de 40 quilômetros — para checar necessidade de sementes ou fertilizantes. Esses coordenadores de núcleo têm também a incumbência de fidelizar esses produtores para garantir que continuem produzindo cana. Nas usinas, mesmo as automatizadas, a densidade populacional repete o que se vê em todo o país. As empresas empregamum número bem maior de pessoas do que no Brasil, por exemplo. Na unidade da Shree Renuka Sugars de Belgaum, que tem capacidade para moer aproximadamente 1,3 milhão de toneladas de cana, são empregadas 400 pessoas, o mesmo número de uma unidade no Brasil com moagem de até 6 milhões de toneladas. Em compensação, os custos com trabalhadores no Brasil equivalem ao dobro dos praticados na Índia. (FB) Valor Econômico http://valor.ideavalley.com.br//flip/tools/flipPrint/printMateria.php?id... 1 de 1 15/6/2011 14:35

Petrobras tem lucro recorde de R$ 35 bi- Pedro Soares e Cirilo Junior – Poder – Folha de São Paulo – 26/02/2011

Resultado é 17% maior em 2010, impulsionado pelo crescimento na venda de combustíveis e pela expansão da produção

Para analistas, ganho poderia ter sido melhor se estatal tivesse repassado ao mercado interno alta do petróleo

Embalada pelo crescimento de 11% nas vendas de combustíveis em 2010, a Petrobras registrou o maior lucro da sua história no ano passado: R$ 35,2 bilhões. O resultado supera em 17% o de 2009, afetado pela crise.

Diante de vendas maiores puxadas pelo cenário de retomada da economia no pós-crise, o faturamento da companhia atingiu R$ 213,3 bilhões -alta também de 17%. Segundo Almir Barbassa, diretor financeiro da estatal, os resultados foram "excepcionais" e refletem também -ainda que em menor medida- a expansão da produção de petróleo de 2% em 2010.

Para analistas, porém, o desempenho da empresa poderia ter sido mais robusto. É que a Petrobras não acompanhou no mercado interno os aumentos do petróleo -que já vinha em alta e disparou nos últimos dias com a crise da Líbia.

Tampouco a empresa cumpriu sua meta da produzir, em média, 2,050 milhões de barris/dia -a extração fechou 2010, em média, a 2,004 milhões de barris/dia.

"Está certo que a Petrobras não entregou a produção que prometera nem repassou a alta do petróleo, mas a maior demanda no Brasil por derivados garantiu bom desempenho", diz Nelson Rocha de Mattos, analista do BB.

Barbassa ressaltou que em 2011 a produção crescerá de modo mais acelerado graças à entrada em operação de seis sistemas da extração de óleo e à curva ascendente de plataformas que começaram a produzir no fim de 2010.

Por conta do não alinhamento automático com o mercado externo, o preço médio de venda dos derivados da Petrobras subiu apenas 0,4% no Brasil.

CÂMBIO

Barbassa diz que "a companhia não perdeu nem se descolou muito do mercado externo" porque a valorização do real compensou. Em dólares, diz, os preços subiram 13% em razão do efeito de apreciação da moeda.

O câmbio também ajudou a reduzir as despesas financeiras da Petrobras -a maior parte da dívida é em dólar.

Com isso, a Petrobras teve um resultado financeiro positivo de R$ 2,6 bilhões. Segundo Barbassa, a capitalização realizada no meio do ano também ajudou. Após abater dívidas e pagar a cessão onerosa de reservas da União, a estatal ficou com US$ 26 bilhões em caixa, que, aplicados, já geraram US$ 500 milhões.

Após a capitalização, a relação entre a dívida e o capital da companhia, principal indicador de solvência de uma empresa, caiu para 17%. O índice chegou a 34% no segundo trimestre, o que colocava em risco o status de grau de investimento.

A Petrobras divulgou ainda o plano de investir R$ 93,7 bilhões em 2011, acima dos R$ 73,6 bilhões de 2010.

ATÉ ABRIL DEVE COMEÇAR OBRA DE ALCOOLDUTO – Poder - Folha de São Paulo -26/02/2011

A Petrobras anuncia na próxima semana a empresa responsável pela construção e operação do alcoolduto que ligará, inicialmente, Ribeirão Preto a Paulínia, em São Paulo, e depois até o porto de São Sebastião. A empresa é uma fusão da estatal com Cosan, Copersucar, Odebrecht, Camargo Corrêa e Uniduto Logística.

Cosan conclui a compra da usina Zanin – Mercado – Folha de São Paulo – 26/02/2011

A Cosan, maior produtora de açúcar e etanol do país, concluiu a compra da usina Zanin em Araraquara (interior de São Paulo).

O negócio foi fechado em R$ 330 milhões, 13,6% (ou R$ 52 milhões) abaixo da previsão.

Com a operação, a Cosan aumenta de 23 para 24 o número de usinas e amplia em mais 2,6 milhões de toneladas sua moagem de cana-de-açúcar por safra, hoje em 55 milhões.

Além da unidade de Araraquara, a negociação envolveu um projeto em Prata (MG).

Nordeste importa álcool dos EUA para aumentar oferta do produto – Mercado – Folha de São Paulo – 26/02/2011

Os preços elevados do álcool no mercado brasileiro atraíram alguns carregamentos de etanol anidro norte-americano para o Nordeste, disseram traders e analistas, acrescentando que as compras poderiam aumentar nos próximos meses para aliviar a apertada oferta local.

A diferença entre os preços no mercado brasileiro e nos EUA -há alguns anos passou o Brasil como maior produtor mundial do combustível- tornou os negócios viáveis, mesmo com diferenças de especificação entre os dois produtos. O etanol brasileiro está, hoje, US$ 0,5 por galão acima do preço do etanol norte-americano FOB em Tampa.

Os preços do açúcar, que atingiram a máxima em 30 anos em 2010, induziram as usinas a direcionar mais cana para a produção de açúcar, reduzindo a oferta de etanol.

Mais petróleo segura o preço- Alberto Tamer – Economia – O Estado de São Paulo – 27/02/2011

Os preços do petróleo chegaram a US$ 119 na quinta feira, num mercado intensamente especulativo, e recuaram neste fim de semana, com o Brent a US$ 98. É quase o nível de quando eclodiu a crise no Egito.

O recuo se deve principalmente à decisão oficial da Arábia Saudita de aumentar a produção. No fim da tarde sexta-feira, informava-se que os sauditas haviam colocado no mercado mais 3 milhões de barris por dia, elevando sua produção de pouco mais de 7 milhões de barris/dia para cercade10 milhões. Isso apenas confirma uma tendência anterior, quando os sauditas evitaram que os preços do barril ultra passassem US$ 100,considerado o nível suportável pela economia mundial nesta fase de recuperação.

O que vocês querem? A Arábia Saudita não só está produzindo mais petróleo, mas chegou a perguntar às empresas dos países consumidores qual tipo de petróleo, leve ou pesado, estavam precisando para manter a produção de suas refinarias e abastecer o mercado.

Uma sutileza importante, pois tinha como objetivo conter as especulações de que o petróleo saudita é pesado, e não pode substituir o produto leve da Líbia. Não vai dar, diziam os críticos, o que importa não é a quantidade, mas a qualidade, afirmava Lawrence Goldstein, diretor da Fundação de Política Energética, em Nova York.

A resposta veio logo.Os sauditas têm esse tipo de petróleo,mas se propõem a fazer acordos com a Argélia e principalmente a Nigéria, grandes produtores de petróleo leve, em troca de contrato de reposição futura em condições financeiras mais favoráveis. Há espaço no mercado para esse tipo de operações. Além disso, as refinarias americanas e mesmo sauditas e outras nos países árabes do Golfo Pérsico estão preparadas para operar com petróleo pesado e exportar derivados. Não se pode esquecer que, além do petróleo que jogou no mercado, a Arábia Saudita tem mais 3,5 milhões de capacidade ociosa. É uma decisão política, que, parece, já adotou.

Opep sem reuniões. Outro fato que pesou no recuo dos preços foi o anúncio velado dos países árabes do Oriente Médio de que não vão esperar reuniões da Opep para produzir mais petróleo.Pouco lhes importa, nas circunstâncias atuais,o que vierem

a dizer o Irã, ideologicamente engajado num confronto como Ocidente,ou a Venezuela ,de Chávez. Os países árabes da Opep não veem razão alguma para impedir a recuperação econômica mundial e jogar o mundo contra eles.

Os preços também recuaram na sexta-feira porque a Casa Branca informou que os EUA têm dependência menor do petróleo do Oriente Médio. Aumentaram suas importações os países do leste da África e da América Latina. Isso foi possível porque suas refinarias, ao contrário do que ocorre com as europeias, estão mais preparadas para operar com petróleo pesado. Hoje até exportam gasolina, diesel e outros derivados.

Outro fato. No mesmo dia em que se fazia esse anúncio,o Departamento do Comércio informou que o PIB dos Estados Unidos cresceu menos que se previa, apenas 2,8% (anualizado) no último trimestre de 2010, ou seja, apenas 3% no ano. Sinal de menor
aumento da demanda. É muito importante, porque eles respondem por cerca de 24% do consumo mundial de petróleo. Acrescente-se que o país dispõe de reserva estratégica, estimada pelo mercado em torno de 750 milhões de barris, que pode ser usada a qualquer momento.

Outro desdobramento importante: a Agência Internacional de Energia (AIE) confirmou que os países consumidores têm reservas estratégicas de 1,6 bilhão de barris.Na quarta-feira, antes da ação da Arábia Saudita, a AIE havia sugerido aos países membros que começassem a usar parte desse petróleo para conter especulação com os preços,mas no fim
da tarde de sexta-feira reavaliou essa recomendação.Não será preciso,disse um diretor da agência.O mercado, agora, está abastecido.

Biodiesel

Produção em 2010 deve ficar em 2,35 bilhões de litros – Biodiesel Br – 08/02/2011

A indústria brasileira de biodiesel produziu em dezembro de 2010 cerca de 179 milhões de litros, queda de 8% em relação ao mês anterior. No acumulado no ano, a produção alcançou 2,35 bilhões de litros, contra 1,60 bilhão em 2009, um aumento de 46%. Esse volume deverá confirmar o Brasil como o terceiro maior produtor mundial em 2010. Os dados foram divulgados no Boletim de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia (MME). Os números, ainda preliminares, foram apurados com base nas entregas de biodiesel nos leilões e nos estoques da Petrobras e Refap, e deverão ser confirmados ainda este mês pela Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (ANP).

Em dezembro, segundo o MME, as entregas de biodiesel ficaram em 76% do volume contratado. No entanto, a média das entregas do 19º Leilão, que teve entrega no 4º trimestre de 2010, ficou em 91%, dentro da faixa de variação contratual permitida, que é entre 90% e 110%.

A capacidade instalada da indústria atingiu em dezembro 5,25 bilhões de litros (438 milhões de litros/mês). Desse total, 87% são referentes às empresas detentoras do selo Combustível Social. Apesar do número de usinas com o selo Combustível Social ser maioria, se desconhece até que ponto o MDA está fazendo as usinas cumprirem as regras.

Até segunda-feira MDA deve ter novidades sobre o selo social – Biodiesel Br – 10/02/2011

Decisão do MDA sobre a retirada do selo Combustível Social e a concessão do benefício para novas usinas deve sair até segunda-feira.

A BiodieselBR questionou o MDA se novas usinas receberiam o selo Combustível Social a tempo para o 21º leilão na próxima quarta-feira. Em resposta a assessoria de imprensa do órgão informou que novas unidades receberiam o selo e que "a partir da próxima segunda-feira (14) estará disponível a lista com o nome das empresas que serão beneficiadas". Entre as empresas que aguardam o benefício está a Camera de Ijuí (RS) e a Delta de Rio Brilhante (MS).

Sobre a retirada do selo, o ministério não confirmou nem refutou a possibilidade, apenas informou que seria necessário aguardar até segunda-feira para mais informações.

Desde junho do ano passado já é esperado que algumas unidades percam o selo e fiquem impedidas de participar do lote de 80% dos leilões de biodiesel. A BiodieselBR apurou que o MDA andou fazendo acordo com as usinas de biodiesel que não cumpriram integralmente o mínimo necessário de aquisições da agricultura familiar para manter o benefício.

Apesar desse acordo ter livrado algumas usinas, nem todas conseguiram o mesmo tratamento do ministério. Em julho de 2010 o coordenador do MDA, Marco Antonio Viana Leite, afirmou esperar que 10% a 15% das usinas perdessem o selo, ou seja, de duas a quatro unidades. Desde então nenhuma medida neste sentido foi tomada pelo governo.

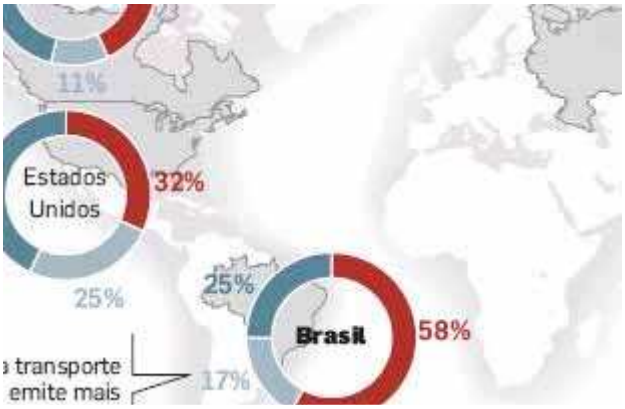
Diesel, combustível que mais polui, já responde por 53% das emissões de CO2 - Afra Balazina - Biodiesel Br – 11/02/2011

O diesel, usado principalmente no transporte de carga, é o combustível que mais tem colaborado para as emissões pelos escapamentos de dióxido de carbono (CO2), o principal gás de efeito estufa, no Brasil. Em 2009, o diesel respondeu por 53% das emissões do transporte rodoviário do País, seguido pela gasolina, com 26%.

O primeiro inventário nacional de emissões veiculares mostra que a grande participação desse derivado do petróleo nas emissões de gases que provocam o aquecimento global tende a se manter: em 2020, deve ser responsável por 49% das emissões de CO2.

Para reverter essa situação, especialistas que participaram da elaboração do relatório afirmam que o País não pode apenas centrar sua preocupação em substituir a gasolina pelo álcool, com os carros flex fuel. "A troca é importante, mas não resolverá o problema", diz André Ferreira, diretor-presidente do Instituto de Energia e Meio Ambiente (Iema), que integrou o grupo de trabalho criado pelo governo para fazer o inventário.

O álcool também emite gases-estufa, mas a cana-de-açúcar compensa parte importante dessas emissões ao absorver CO2.



Aumentar Fechar

O diesel tem outro problema no Brasil: possui alta concentração de enxofre, o que é bastante prejudicial para a saúde da população. Já deveria estar em uso desde 2009 no País um diesel de melhor qualidade e menos poluente, mas houve um adiamento da medida (mais informações nesta página).

Segundo Ferreira, para reduzir as emissões é importante investir nos motores e em logística para melhorar a eficiência do transporte rodoviário de carga. Mas, principalmente, é preciso priorizar outros tipos de transporte, como o ferroviário.

Nos EUA, no Canadá, na Austrália e na Rússia, por exemplo, o transporte ferroviário da carga tem uma participação muito maior do que no Brasil. Na Rússia, por exemplo, o transporte de mercadorias sobre trilhos atinge 81%, contra 8% do rodoviário. Já no Brasil, 58% das cargas circulam por rodovias, enquanto 25% por ferrovias.

O inventário, ao identificar as responsabilidades pelas emissões, pode orientar o governo em suas políticas públicas. A secretária nacional de Mudanças Climáticas, Branca Americano, considera a realização do inventário "um grande avanço". Para ela, é preciso investir no biodiesel e repensar o transporte. "O Brasil se desenvolveu muito calcado no transporte rodoviário."

Ainda não há uma definição sobre de quanto em quanto tempo a atualização do inventário poderá ser feita, mas ela diz que "não se pensa em parar por aqui".

Expectativa. A frota do País (carros de passeio, caminhões, ônibus e motocicletas) passou de 9,3 milhões de veículos em 1980 para 38,2 milhões em 2009 - aumento de 310,7%. As emissões de CO2 do transporte rodoviário passaram de 65 milhões de toneladas para 167,1 milhões de toneladas (aumento de 156,6%).

Em 2020, a expectativa é de que a frota chegue a 48,7 milhões de veículos e o setor de transporte rodoviário emita 267,5 milhões de toneladas de CO2.

Por outro lado, é possível notar queda da emissão dos chamados "poluentes locais", como o monóxido de carbono (CO) e material particulado (MP), que pioram a qualidade do ar. Isso ocorreu por causa de decisões do Conama que exigiram inovações tecnológicas nos veículos e melhoria dos combustíveis.

O lançamento para a atmosfera do MP - mistura de poeiras e fumaça - cresceu até 1997,

quando foram emitidas 69 mil toneladas do poluente. Em 2009, elas corresponderam a menos da metade do observado naquele ano.

Para Petrobras, é preciso renovar a frota e inspecionar

A Petrobras sugere, para reduzir as emissões de CO2 do diesel, a implementação de programas de inspeção e manutenção dos veículos. Além da utilização do biodiesel, já em andamento, a empresa diz ser necessária a renovação da frota de veículos pesados. "Os veículos antigos consomem mais diesel e, normalmente, encontram-se em péssimas condições de manutenção, o que agrava a situação."

Alto teor de enxofre fere a saúde

Na Europa e no Japão já se usa um diesel com 10 partes por milhão (ppm) de enxofre. Aqui no Brasil, porém, usa-se um diesel muito mais poluente.

O material particulado que sai dos caminhões, por exemplo, irrita olhos, nariz e garganta, além de provocar tosse seca e cansaço nas pessoas. E quem já sofre com doenças pulmonares ecardiovasculares corre o risco de ter infarto do miocárdio e morrer prematuramente.

Até 2008, as regiões metropolitanas tinham um diesel com 500 ppm de enxofre e, no interior, usava-se diesel com 1,8 mil ppm. Uma norma do Conama obrigava que no Brasil todo fosse oferecido o diesel 50 ppm em 2009, o que não ocorreu. Por meio de um acordo entre governos, Ministério Público, montadoras e Petrobrás, ficou decidido que o diesel mais limpo seria introduzido gradualmente.

Segundo a Petrobrás, a partir de janeiro de 2012 o diesel com 50ppm de enxofre será distribuídoem postos selecionados de todo o País – para uso nos veículos novos. E, em 2013, passará a ser fornecido o diesel com 10 ppm. Veículos produzidos até 2011 continuarão a ser abastecidos com diesel mais poluente.

Afra Balazina

Uma análise política e econômica do preço do biodiesel – Biodiesel Br – 14/02/2011

Se o preço máximo do biodiesel já era uma das questões centrais quando ele era único, agora que passou a ser duplo ele virou "a" questão do leilão.

A novidade introduzida fará com que a concorrência desta quarta-feira tenha dois preços máximos: um de R$ 2,43 por litro, para os itens de até 7,5 milhões de litros; e outro de R$ 2,32, para os itens acima de 7,5 milhões de litros. A seguir, uma análise sobre este ponto chave para o setor e as estratégias políticas que considero mais adequadas para lidar com o tema.

Por que dois limites de preço?

Desde que o edital do 21º leilão foi publicado, já surgiram várias hipóteses sobre por que a ANP determinou dois preços máximos. Uma das teorias era de que a agência pretendia favorecer as usinas de pequeno porte, dando a elas a oportunidade de ofertar em itens com o preço maior. Não acredito nisso, pelo simples motivo de que o pessoal que estabelece o preço máximo não é bobo. Estabelecer um preço maior para os lotes pequenos não favorece as usinas pequenas, mas o oposto. Com preços mais altos, os itens menores acabam atraindo ainda mais a atenção das grandes usinas, que vão disputá-los com maior interesse. A tendência é que esses itens sejam disputados até chegarem ao preço dos maiores. Outra razão que invalida a tese de favorecimento das pequenas é que o governo já deu vários sinais de que não está preocupado com as usinas menores, mas sim com as usinas competitivas. É sabido que neste mercado o ganho de escala ajuda a reduzir consideravelmente os custos. Os pequenos que o governo planeja ajudar são os agricultores.

Já a hipótese que considero mais correta é a que leva em consideração a terceira lei de Newton, que diz: "Toda ação provoca uma reação de igual intensidade, mesma direção e em sentido contrário". Apesar de não estarmos falando de física, essa lei se encaixa bem na questão dos preços deste leilão.

A ação a que me refiro foi o pequeno número de ofertas no leilão passado. Em dezenas de itens, os lances ficavam parados em um mesmo preço, sem que nenhuma usina oferecesse lance menor. E posteriormente, aquelas usinas que não haviam dado lances, faziam ofertas em itens de volume igual por um preço menor. Essa situação causou estranhamento na ANP (escrevi sobre isso na edição 20 da revista BiodieselBR). Até agora, nenhuma das explicações oferecidas pelo setor convenceu as pessoas que trabalham com os leilões. A ANP, no intuito de evitar que a cena se repetisse, entendeu que essa poderia ser uma alternativa.

A direção da reação da ANP é obviamente o preço do biodiesel e o sentido é contrário ao das usinas, que brigam por um valor maior. E sobre isto também há questões para serem levantadas.

O menor preço

Dizer que o valor definido pela ANP não agradou as usinas é falar o óbvio. As usinas fizeram as contas e viram que desde o último leilão o preço do óleo de soja subiu 15%, enquanto o preço máximo do leilão permaneceu igual (R$ 2,32 é o mesmo preço do leilão 20) ou subiu apenas 5% (R$ 2,43). Se esse aumento no preço da soja fosse aplicado ao preço do leilão anterior, o preço máximo no 21º leilão seria de R$ 2,67. Qualquer um percebe que a situação para as usinas está pior.

Mas se uma conta simples como esta já mostra que a ANP novamente não manteve o preço do biodiesel relacionado com o preço do óleo de soja, todos se sentiram forçados a perguntar: que conta a ANP fez para chegar a esse valor? A resposta é simples: a ANP fez a mesma conta.

Antes que você comece a pensar que a calculadora da ANP não está funcionando direito, lembre-se que no leilão passado a agência foi pressionada a aumentar o preço do biodiesel. No 20º leilão, o preço inicialmente estipulado era de R$ 2,12, e somente depois o preço foi elevado para os tradicionais R$ 2,32. E é muito provável que foi

usando aqueles R$ 2,12 que a agência acresceu os 15%, pois o resultado seria R$ 2,438. Dessa forma, os R$ 2,43 de agora equivalem ao valor que foi alterado no leilão anterior antes de ela ter recebido muitas reclamações e pressão das usinas.

Como agora temos dois valores, o parágrafo acima traz apenas metade da resposta. Falta explicar por que motivo a agência optou por colocar um segundo preço 11 centavos menor. Este valor de R$ 2,32 é disparado o mais baixo já definido pela agência em um leilão de biodiesel quando comparado ao preço do óleo de soja. O recorde anterior pertencia ao 20º leilão, antes da mudança. Infelizmente a fórmula usada para alcançar esse valor é uma incógnita, mas é possível imaginar algumas das razões que fizeram a agência reduzir o preço. Neste ponto, tanto governo quanto usinas relutam em discutir abertamente a formação do preço do biodiesel.

Por que R$ 2,32?

Vamos voltar alguns meses no tempo. No começo de novembro de 2010, todos os membros do governo ouviram pedidos para que fosse aumentado o preço máximo do 20º leilão, que aconteceria naquele mês. O argumento central era que o preço máximo já não era tão importante, pois o setor tinha alcançado um nível de concorrência que levaria o preço do biodiesel ao patamar mais baixo possível. O argumento era forte. Principalmente porque o leilão 19 teve o maior deságio de toda a história do programa. Mas se o preço máximo não era tão importante, por que as usinas estavam pedindo um aumento? A explicação era que o mercado iria definir o preço mínimo, que poderia ser até menor que os R$ 2,12, mas a simples possibilidade de que ficasse maior já era animadora. O resultado foi a alteração do preço para R$ 2,32 e o deságio no leilão ficou em um módico 1%. Não é preciso dizer que a ANP e boa parte do governo não gostaram do resultado, isso sem falar na forma como transcorreu o pregão.

Voltando ao presente, temos o leilão 21. O preço novamente é alvo de críticas por parte das usinas, mas desta vez o trunfo de que o preço máximo já não é importante não tem valor. A experiência mostrou à ANP que o preço definido por ela continua sendo o balizador do leilão. A premissa é que o deságio será sempre pequeno, não importando o valor-teto do biodiesel – e quando isso não ocorre, é exceção.

Outra experiência aprendida pela agência é que as usinas vão reclamar do preço. É natural que os empresários e administradores queiram uma margem de lucro maior. Sabendo que haverá pressão para que o preço seja alterado, a agência se protegeu contra um possível aumento colocando um preço bem mais baixo que o outro. Assim, passam a colocar no cálculo um possível aumento de cinco ou seis centavos no menor preço do biodiesel.

Outra reclamação das usinas é sobre a diferença de preços para um mesmo produto. O argumento principal é que não é legal (ou justo) que um mesmo produto tenha preços diferentes em um mesmo leilão. Sem querer discutir a legalidade ou não do preço duplo, a reclamação, se levada adiante, pode trazer mais danos do que benefícios. Isso porque se a ANP for forçada a definir um preço só, ela pode escolher ficar com o de R$ 2,32, e não o de R$ 2,43. Com isso, ao invés de se aumentar o preço de 40% do volume a ser comercializado, poderemos ter um decréscimo de 11 centavos nos outros 60%. Por isso é preciso um pouco de cautela com essa reclamação.

E o preço vai mudar?

Depois da mudança no valor de referência do último leilão, da ausência de ofertas nos itens e do pequeno deságio, o momento atual não é muito favorável às usinas. Para que haja uma mudança, as unidades produtivas precisam de novos argumentos, pois alguns deles perderam o prazo de validade.

Todos as pessoas que realmente trabalham com biodiesel na ANP, no MME e na Casa Civil sabem muito bem quanto custa produzir um litro de biodiesel. Muitas vezes eles preferem não dizer isso em uma conversa, mas é certo que eles sabem. Por esse motivo, não adianta dizer que o preço de R$ 2,43 é impraticável porque o do óleo de soja está em R$ 2.500 a tonelada. Eles sabem que esse valor vale apenas para São Paulo, tem ICMS e não foi convertido em litro. Eles também sabem que no Mato Grosso o óleo está custando R$ 2.200 reais a tonelada, o que significa R$ 2,03 por litro de óleo com ICMS diferido. Eles também sabem o quanto as usinas têm de incentivo fiscal em cada estado. É claro que existem usinas que a esse preço não conseguem lucro algum, do mesmo modo que, para outras, R$ 2,32 é mais do que aceitável. Por tudo isso, se o argumento usado para aumentar o preço neste leilão for o de que é inviável produzir biodiesel a R$ 2,32, minha aposta é que o valor não muda.

Por outro lado, se o lucro das usinas precisar ser um pouco maior para que sejam feitos investimentos em outras culturas, em agricultura familiar e em pesquisas para o desenvolvimento de novas matérias-primas e tecnologias, a chance de haver mudança no preço pode aumentar. É claro que não basta apenas falar: é preciso provar que isso vai acontecer. E para que exista congruência entre o discurso e a prática, os projetos de investimento nessas áreas devem estar prontos, bastando apenas apresentá-los para as pessoas corretas.

Miguel Angelo Vedana é diretor-executivo da BiodieselBR e faz parte do conselho editorial da revista BiodieselBR.

MDA envia nota à BiodieselBR sobre o selo social – Biodiesel Br – 14/02/2011

O Ministério do Desenvolvimento Agrário enviou nota sobre notícia publicada na última quinta-feira pela BiodieselBR sobre possíveis perdas e novas concessões do selo Combustível Social. Confira o comunicado na íntegra:

A respeito da notícia Até segunda feira o MDA deve ter novidades sobre o selo social, veiculada pelo site BiodieselBR, em 10 de fevereiro de 2011, o MDA esclarece que analisa o Selo Social caso a caso criteriosamente, baseado e fundamentado em metodologia, no conhecimento do corpo técnico e levando em consideração, sempre, a relevância social do arranjo, a pró-atividade e a criatividade empresarial para formação da articulação com agricultores familiares, o comprometimento do corpo técnico da empresa com os parceiros familiares, a diversificação de matérias-primas, entre outros.

A avaliação do Selo Combustível Social pelo Ministério é realizada e fundamentada nos seguintes critérios: percentual mínimo de aquisições de matéria prima de agricultores familiares, realização de contratos prévios com a anuência da entidade representativa da

agricultura familiar, e prestação de assistência técnica de qualidade aos agricultores familiares.

Previamente, esses critérios são avaliados por meio de sistema eletrônico próprio do MDA, no qual as empresas produtoras de biodiesel postam informações trimestralmente referentes aos seus arranjos produtivos (aquisições) com agricultores familiares. As empresas são avaliadas também por meio de análise documental in loco na sede da unidade industrial detentora do Selo. Além disso são realizadas entrevistas junto aos agricultores familiares, cooperativas da agricultura familiar e sindicatos dos trabalhadores rurais.

Cabe, ainda, ressaltar que a comunicação oficial do cancelamento do Selo Combustível Social acontece por meio da publicação no Diário Oficial da União (DOU) e, se for o caso, em publicações impressas e eletrônicas do MDA.

Nota BiodieselBR: **A nota acima enviada pelo MDA em nenhum momento contradiz a reportagem em questão e apenas reforça as informações publicadas pela BiodieselBR.**

A BiodieselBR mantém a informação de que algumas usinas não cumpriram integralmente o mínimo necessário de aquisições da agricultura familiar para manter o selo Combustível Social e mesmo assim continuam usufruindo dos benefícios dele.

Julio Cesar Vedana - BiodieselBR.com

Segunda maior usina do Brasil perde o Selo Combustível Social – Biodiesel Br – 15/02/2011

Na véspera do 21º Leilão de Biodiesel o MDA publicou duas concessões e uma suspensão do Selo Combustível Social.

A ADM de Rondonópolis (MT) perdeu o selo e não poderá participar do primeiro lote do leilão que acontece amanhã. Segundo a publicação do MDA a decisão sobre a retirada do selo da ADM já havia sido tomada desde o dia 30 de novembro, mas só foi publicado agora. A empresa ficará sem o selo por um ano contados da data de hoje.

Veja também:
Uma análise política e econômica do preço do biodiesel

Já Camera (RS) e Delta (MS) receberam o benefício e estão aptas a participar da primeira etapa do pregão. A decisão sobre a concessão dessas duas usinas foi tomada ontem (14/02).

Essas publicações devem alterar as estratégias das usinas no leilão. A medida do MDA tira do lote 1 do leilão, que representa 80% de todo o volume negociado, uma oferta de 68,76 milhões de litros da ADM e coloca 50,4 milhões no lugar, sendo 28,8 da Camera e 21,6 da Delta.

Governo estuda aumentar percentual de biodiesel em 2012 – Biodiesel Br – 16/02/2011

O diretor da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), Allan Kardec, disse hoje que o percentual de biodiesel (de origem vegetal) no óleo diesel mineral pode ser elevado no ano que vem. Para este ano, não estão previstas alterações. “Há uma pressão muito grande do mercado, nós estamos discutindo o assunto com o Ministério de Minas e Energia, mas não há perspectivas de que esta composição venha a ser alterada ainda este ano”, assegurou Kardec. Atualmente, o óleo diesel vendido no país recebe a adição de 5% de biodiesel.

Em 2012, essa mistura poderá ser alterada, para agregar uma parcela maior de combustível renovável ao derivado de petróleo. “Nós estamos estudando junto com o governo, mas isso é uma decisão do CNPE [Conselho Nacional de Política Energética]. A demanda dos produtores, hoje, é para que a mistura passe a ser de 7%, até chegar a 10%”.

"A tendência nossa é que aumente, mas não acredito que vá ocorrer em 2011. Para 2012, só vamos discutir no final deste ano, mas a possibilidade está aberta", disse.

O nível atual, em 5%, foi considerado confortável para realizar mais estudos sobre qual seria a reação do mercado e também sobre quais usinas produtoras vão se estabelecer, pois isso pode afetar a oferta. "A partir daí é que vamos estudar o aumento", afirmou Kardec.

Kardec salientou, porém, que outros segmentos do mercado, principalmente as distribuidoras de combustíveis, fazem restrições a esse aumento percentual. “O setor que envolve o pessoal da Fecombustíveis [Federação Nacional do Comércio de Combustíveis e Lubrificantes] e do Sindicom [Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes], entre outros, é contra esse aumento. Então, tem que ser algo discutido".

Consumo de combustíveis no país cresce 8,4% em 2010 – Biodiesel Br – 16/02/2011

A Agência Nacional do Petróleo (ANP) informou ontem que o mercado brasileiro de combustíveis cresceu 8,4% em 2010 sobre o ano anterior. Os destaques do

ano, segundo o diretor da ANP, Alan Kardec, foram o crescimento do consumo de diesel (11,2%) e do querosene de aviação (QAV), de 15,3%. Também cresceu acima da média o consumo de gasolina de aviação (11,3%).

O consumo de combustíveis no Brasil foi de 117,9 bilhões de litros no ano passado. O consumo de gasolina C (com acréscimo de etanol) atingiu 29,8 bilhões de litros, aumento de 17,5% sobre 2009. Já o consumo de álcool hidratado caiu 8,5% no mesmo período.

Considerando que nos três primeiros meses de 2010 o porcentual de álcool adicionado à gasolina era maior (25% ante 20% nos outros meses do ano), a ANP detectou aumento maior no consumo de gasolina A em 2010 sobre 2009, de 19,4%. Já o álcool anidro (que é adicionado à gasolina) teve crescimento de 11,6% puxado pelas vendas da gasolina. Se considerado anidro e hidratado, o combustível derivado da cana teve queda de 2,9%.

Ainda segundo a ANP, o consumo de gás liquefeito de petróleo (GLP) cresceu 3,7%, para 12,558 bilhões de litros, e o de óleo combustível caiu 2%, para 4,9 bilhões de litros, por conta da sua substituição por gás natural em térmicas e indústrias. O consumo de biodiesel cresceu 58,8%, para 2,425 bilhões de litros. Em contrapartida, o consumo de GNV caiu 4,8%.

O diretor da ANP afirmou que a expectativa da agência é de que o consumo de combustíveis cresça em torno de 7% em 2011 em relação ao ano passado.

— O ritmo deve ser alto no consumo de diesel e isso deve puxar o consumo geral deste ano para a casa próxima a 7% sobre 2010 — avaliou.

MDA vai recorrer contra liminar em favor da ADM - Biodiesel Br – 17/02/2011

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) informou que seu departamento jurídico está se preparando para recorrer contra a liminar do Superior Tribunal de Justiça que autorizou a participação da ADM no primeiro lote do leilão. “É um direito da empresa entrar com mandado de segurança, isso já era esperado. Mas nós estamos muito seguros de que a ADM não cumpriu os critérios para a manutenção do selo social”, diz Arnoldo Campos, diretor do Departamento de Geração de Renda e Agregação de Valor do MDA.

O diretor informou que pode levar alguns dias para que o departamento jurídico do MDA se manifeste contra a decisão, e não há previsão se isso vai acontecer antes da homologação do 21º Leilão, requisito para a assinatura dos contratos de venda do biodiesel com a Petrobras e a Refap. “Vamos buscar fazer isso o quanto antes para criar menos transtornos ao mercado”, diz Campos.

Se os lotes arrematados pela empresa forem mais tarde anulados por decisão da Justiça, a venda é transferida para a usina que ficou em segundo lugar na disputa. Caso semelhante ocorreu com a Brasil Ecodiesel.

Alice Duarte – BiodieselBR.com

21º leilão é marcado por muitas surpresas e forte queda no preço – Biodiesel Br – 18/02/2011

Alta no preço do óleo, forte deságio, participação da ADM no primeiro lote e preços de referência diferenciados marcaram o 21º Leilão de Biodiesel da ANP.

A concorrência terminou hoje (18) e mesmo com a cotação da principal matéria-prima elevada, os preços do biodiesel sofreram forte desvalorização. O preço médio fechou em R$ 2,0462.

Em três dias foram comercializados R$ 1,35 bilhão. O certame negociou 660 milhões de litros destinados a abastecer o país no segundo trimestre de 2011 com a mistura obrigatória de 5% no diesel.

No 20º leilão, realizado em novembro, o mercado viu o auge do crescimento da oferta e a demanda permaneceu a mesma, no entanto não houve muita disputa por preço e pouquíssimas ofertas. Já neste pregão eletrônico, o governo adotou uma nova estratégia para estimular a concorrência. Colocou dois preços diferentes como teto para as usinas: R$ 2,32 para os itens de 10 e 15 milhões de litros e R$ 2,43 para os itens menores.

Além desta medida, o preço máximo definido pela ANP ficou mais apertado em relação aos últimos leilões. Aliado a isto, o cenário de grande oferta e baixa demanda se manteve.

Assim o leilão foi concluído com preço médio igual para o lote 1 e lote 2: R$ 2,04. O deságio foi, respectivamente, 13,91% e 15,15% (o lote 2 concentrou mais volume com o preço máximo maior).

Ao todo, 33 empresas conseguiram vender sua produção nesse leilão. Os resultados, ainda preliminares, mostram que a Granol foi a que arrematou o maior volume: 96,6 milhões de litros a R$ 2,05 o litro. A segunda empresa que mais vendeu foi a Caramuru, com 60 milhões de litros, seguida da Oleoplan, com 57,5 milhões de litros, e a Brasil Ecodiesel, com 46,6 milhões de litros.

Mais surpresa

A ADM, que teve o selo suspenso pelo MDA na véspera do leilão, conseguiu participar do lote 1 por meio de uma liminar da Justiça. Ela foi somente a 8º em volume vendido, com 31,5 milhões de litros (sendo 25 mi no lote 1), e mesmo que consiga manter a decisão da Justiça, a empresa diminuirá bastante sua ocupação no segundo trimestre.

Alguns participantes da cobertura da BiodieselBR enviaram comentários atribuindo a ADM parte da responsabilidade pela forte queda dos preços. A ata do pregão ainda não está disponível para fazer tal afirmação, no entanto o menor preço dado por cada usina em cada item já está disponível. E em muitos itens que atingiram preço baixo, o limite de oferta da ADM ficou acima de R$ 2,20.

O leilão deve ser finalizado na segunda-feira e ainda deve sofrer algumas mudanças. O resultado completo ao final dos trabalhos desta sexta-feira você pode conferir aqui. Cerca de 95% do resultado deve permanecer o mesmo.

Porque o preço do biodiesel teve forte queda no 21º leilão? – Biodiesel Br – 28/02/2011

Nos dias que antecederam o 21º leilão de biodiesel muitas reclamações surgiram por conta do baixo preço máximo definido pela ANP. Assim, todos esperavam um deságio pequeno durante a negociação. Contudo, o deságio chegou a quase 15% e muitos passaram a se perguntar como o preço alcançou um patamar tão baixo.

Durante a primeira hora do leilão foram negociados 150 milhões de litros de biodiesel em 12 itens. O equivalente a 23% de todo o volume do pregão eletrônico.

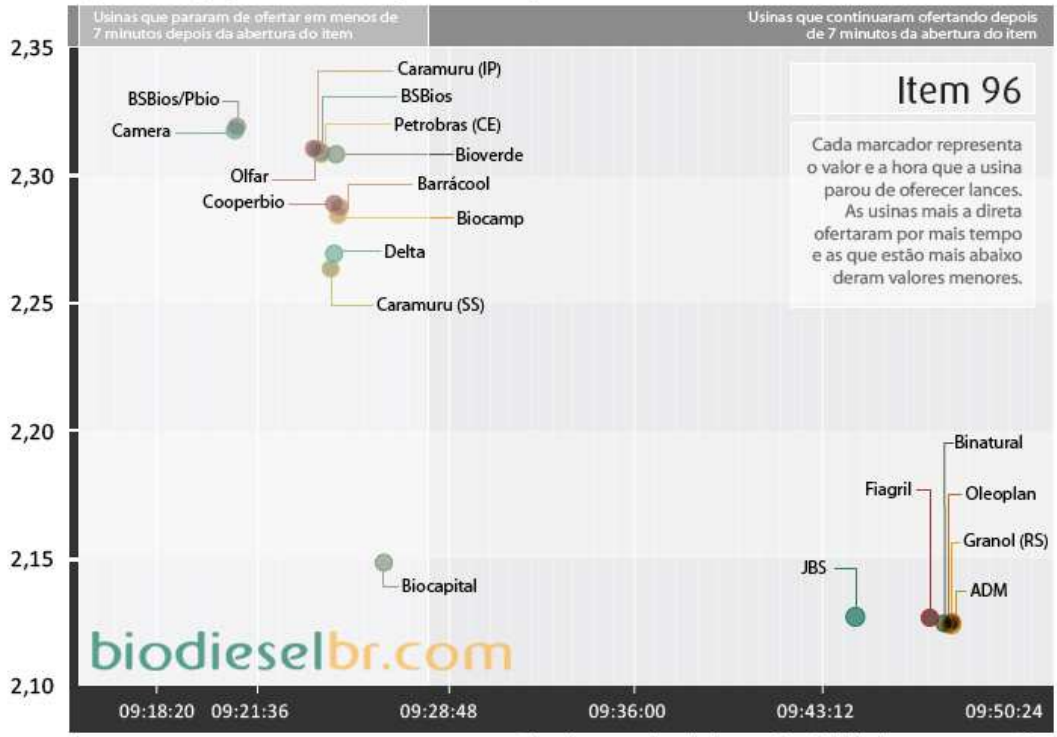
A participação da ADM nesse início da negociação foi apontada por alguns como a responsável pelo preço baixo, no entanto a empresa arrematou apenas dois dos 12 primeiros itens e ainda parou de oferecer lances logo no início das ofertas para vários itens.

A queda no preço pode ser creditada ao interesse das usinas em vender biodiesel. Cada item normalmente entrava na reta final de negociação com pelo menos seis usinas em intensa disputa. Nesses primeiros itens os nomes de várias dessas usinas se repetem.

A seguir a BiodieselBR apresenta vários gráficos com os detalhes desses 12 primeiros itens do leilão. Os gráficos mostram quais usinas começaram a concorrência com maior agressividade e quais estavam mais cautelosas com as ofertas.

Quem foi mais longe na disputa do leilão

Veja abaixo o preço e o momento que cada usina parou de ofertar nesse item.



*As usinas que não reduziram a oferta inicial não aparecem no gráfico

Quem foi mais longe na disputa do leilão

Veja abaixo o preço e o momento que cada usina parou de ofertar nesse item.



*As usinas que não reduziram a oferta inicial não aparecem no gráfico

Quem foi mais longe na disputa do leilão

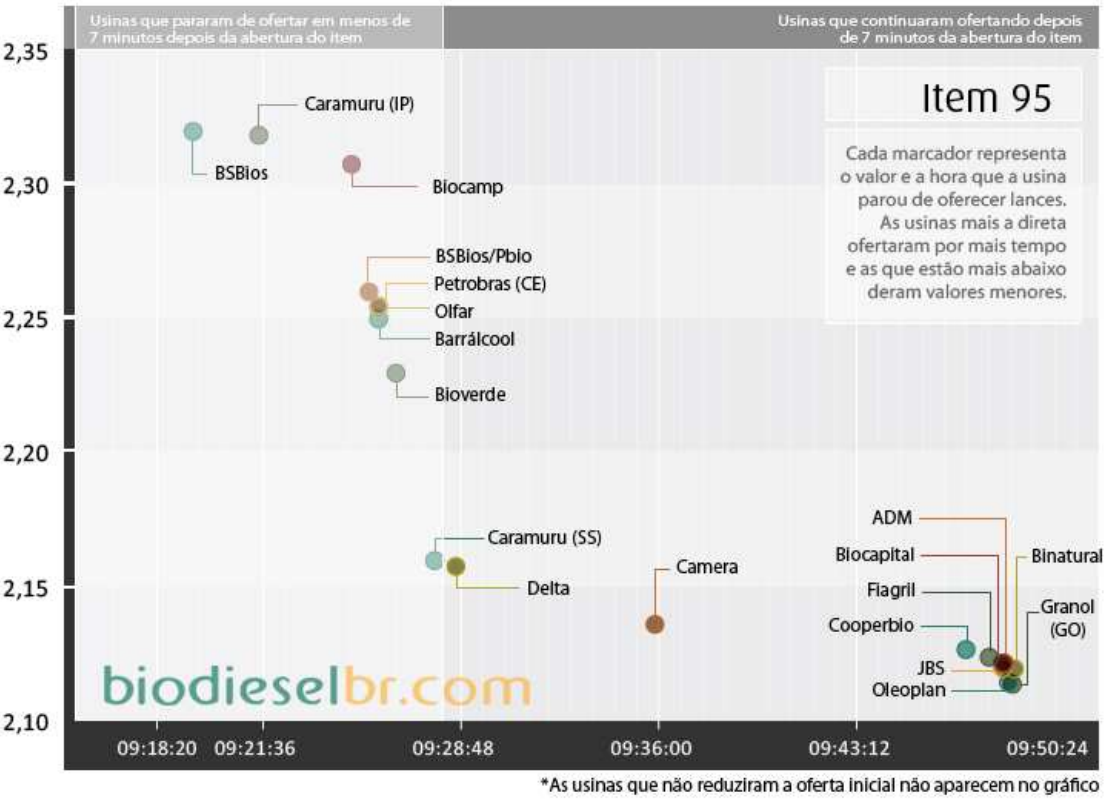
Veja abaixo o preço e o momento que cada usina parou de ofertar nesse item.



*As usinas que não reduziram a oferta inicial não aparecem no gráfico

Quem foi mais longe na disputa do leilão

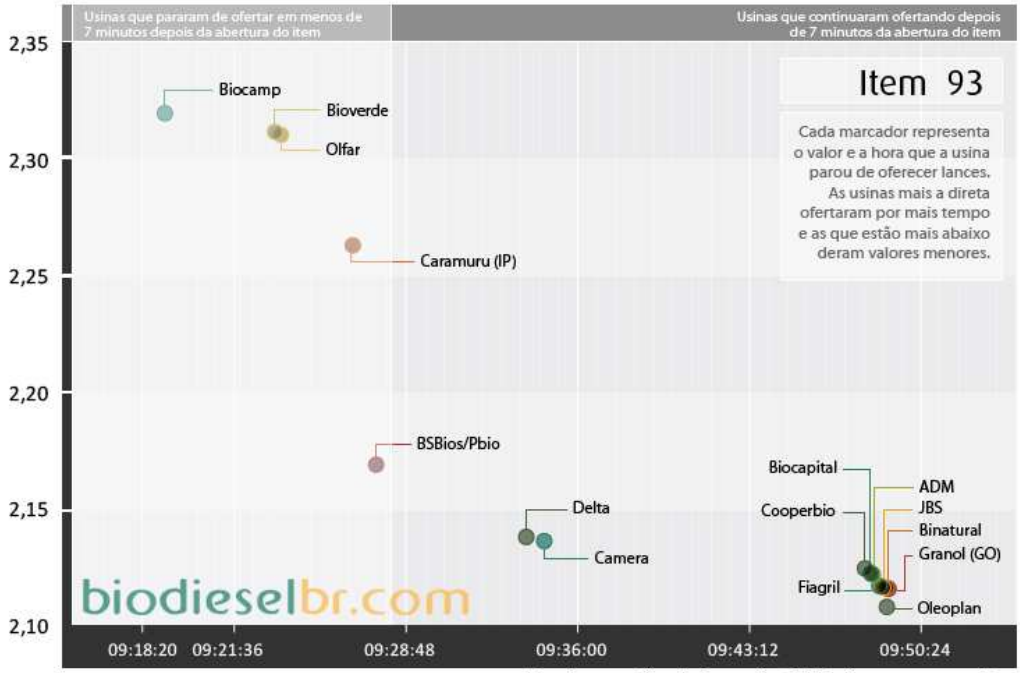
Veja abaixo o preço e o momento que cada usina parou de ofertar nesse item.



*As usinas que não reduziram a oferta inicial não aparecem no gráfico

Quem foi mais longe na disputa do leilão

Veja abaixo o preço e o momento que cada usina parou de ofertar nesse item.



*As usinas que não reduziram a oferta inicial não aparecem no gráfico

Quem foi mais longe na disputa do leilão

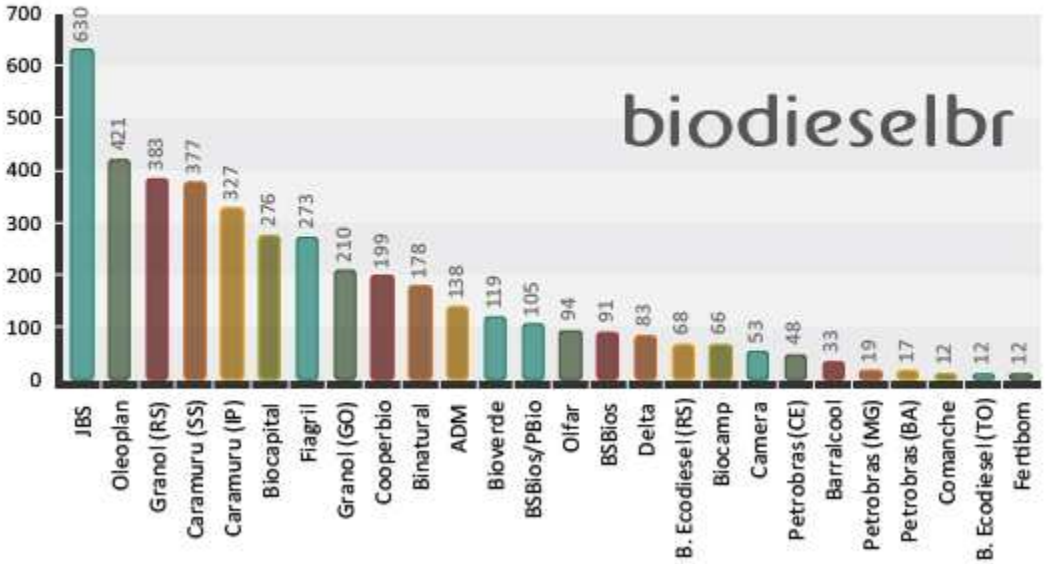
Veja abaixo o preço e o momento que cada usina parou de ofertar nesse item.



*As usinas que não reduziram a oferta inicial não aparecem no gráfico

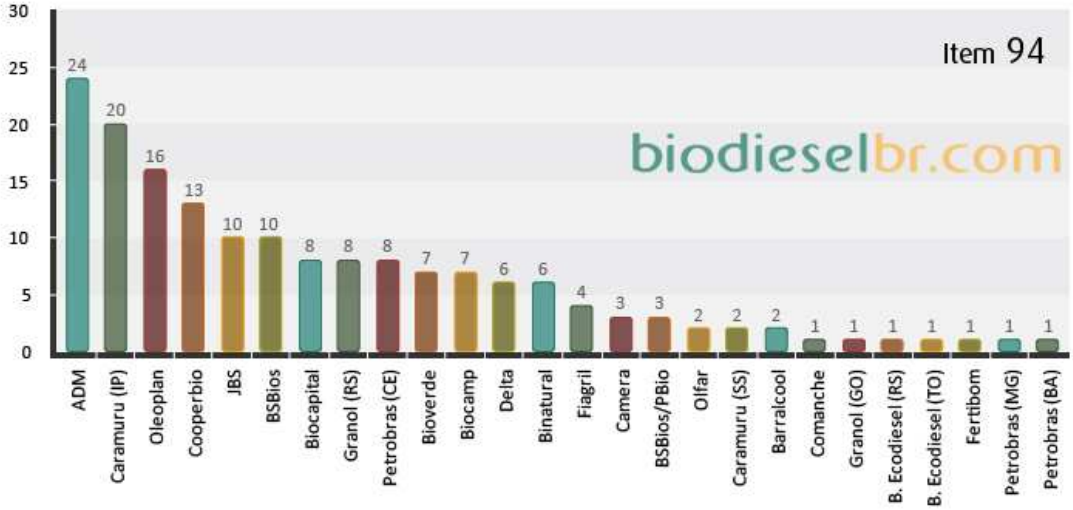
Quem deu mais?

Veja abaixo o total de lances que cada usina deu nos doze primeiros itens negociados no 21º leilão



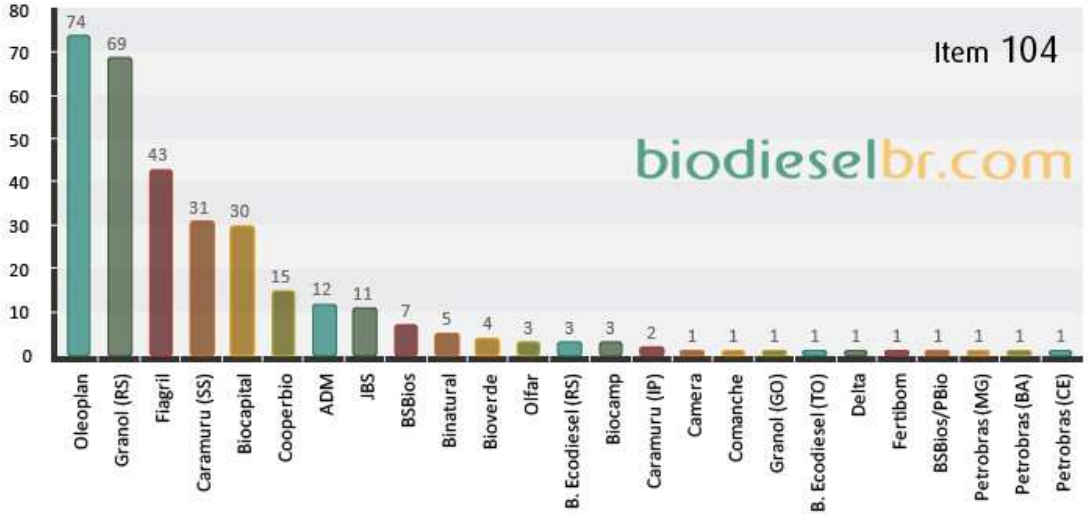
Quem dá mais?

Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.



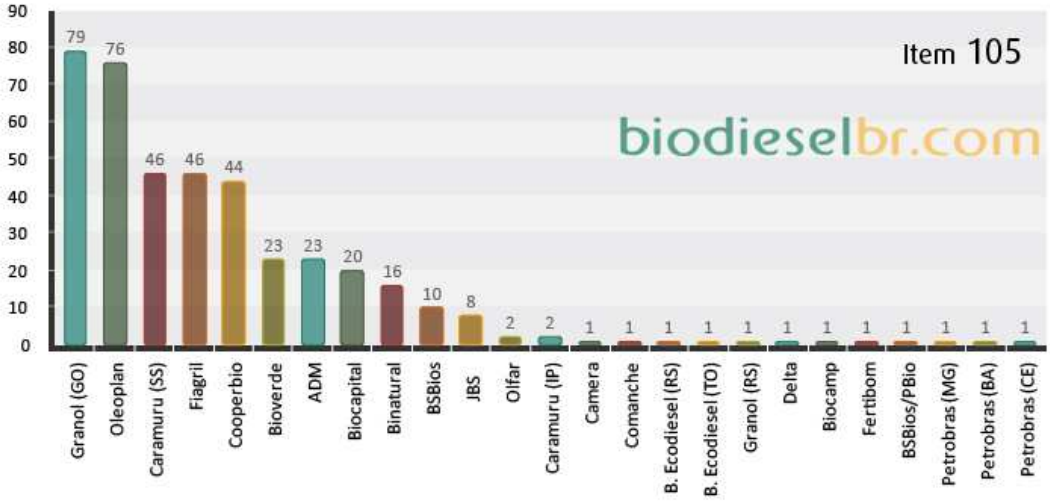
Quem dá mais?

Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.



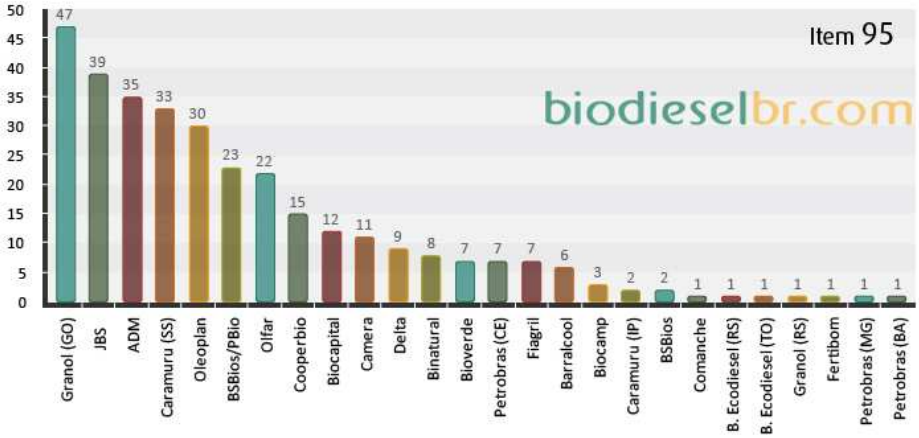
Quem dá mais?

Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.



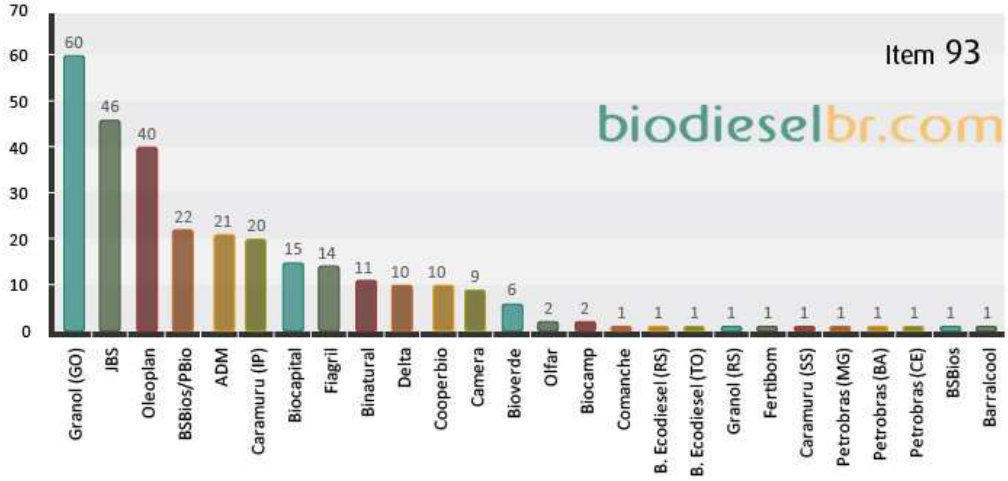
Quem dá mais?

Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.



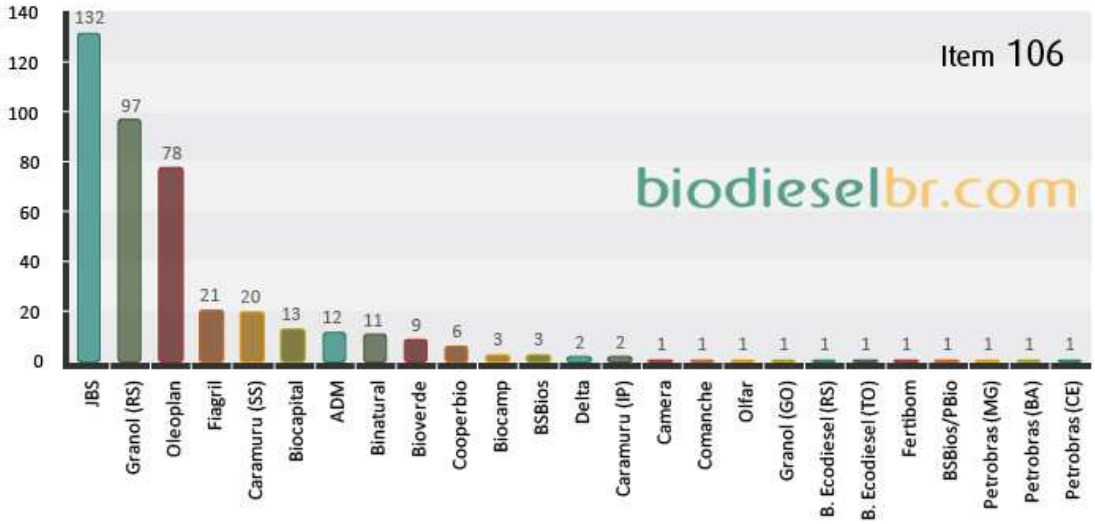
Quem dá mais?

Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.



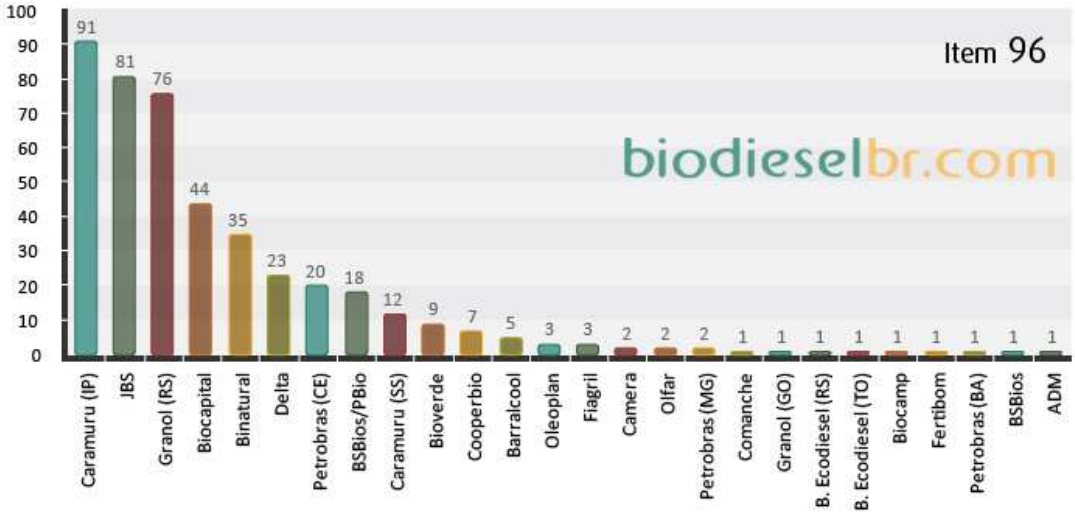
Quem dá mais?

Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.



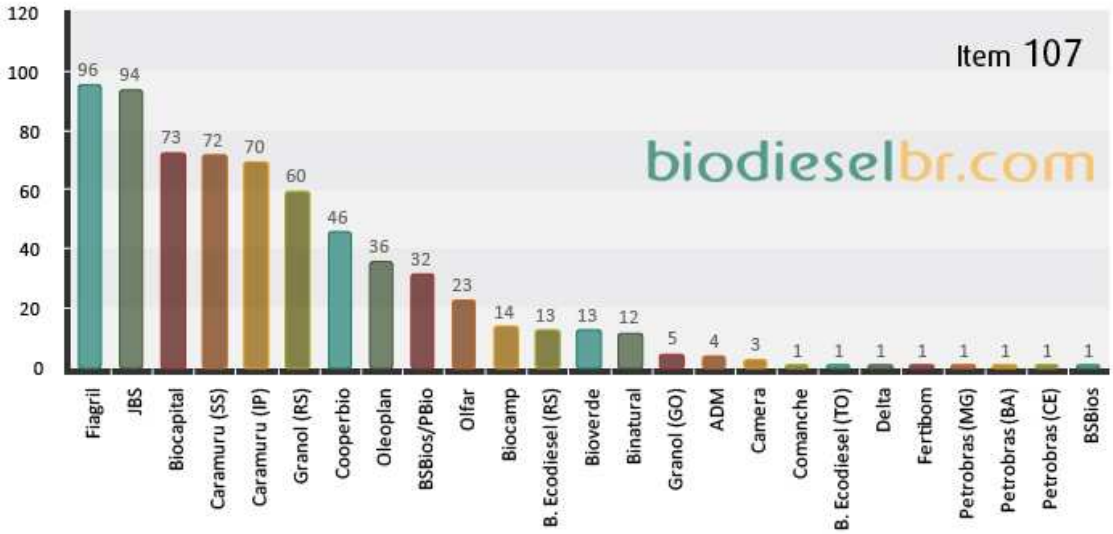
Quem dá mais?

Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.



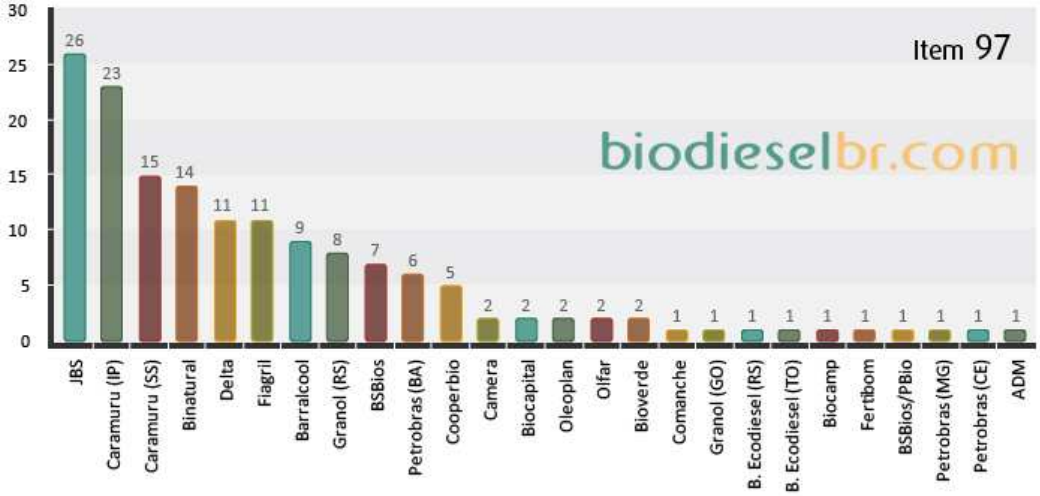
Quem dá mais?

Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.



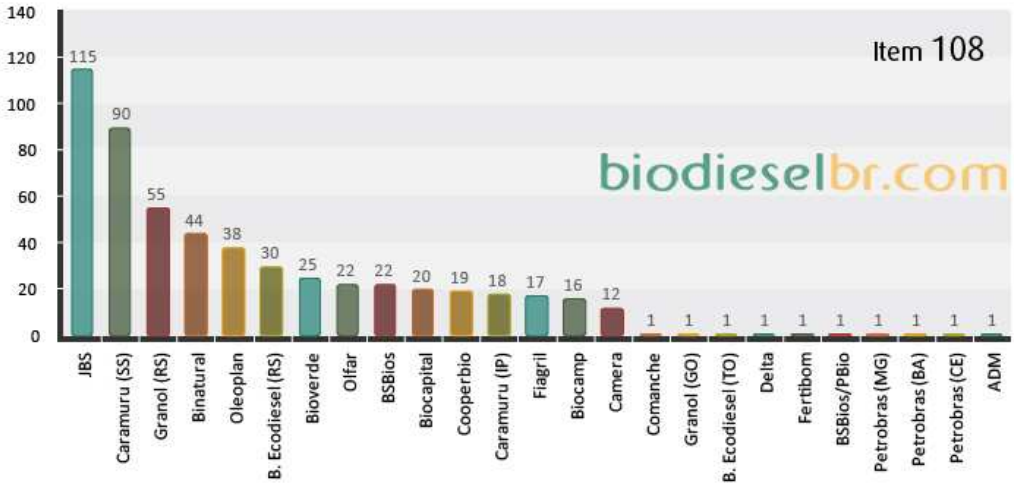
Quem dá mais?

Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.



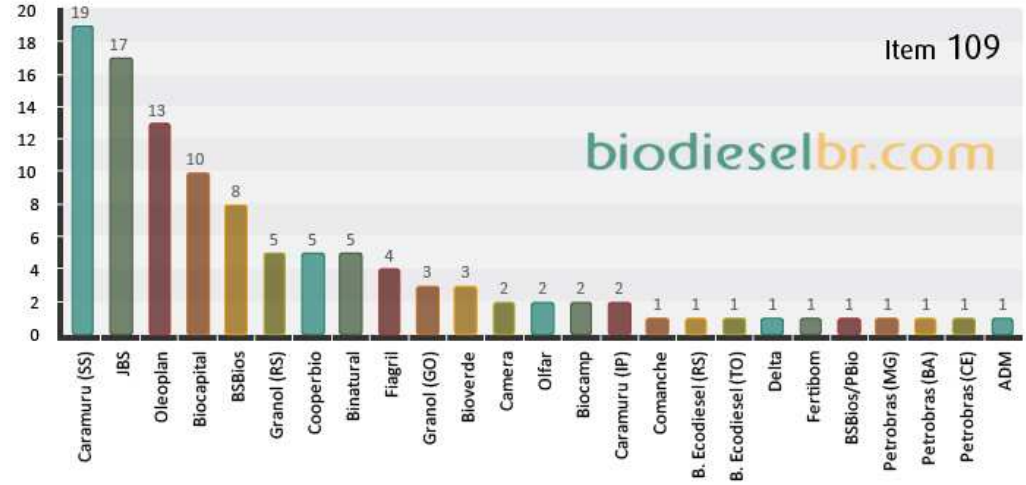
Quem dá mais?

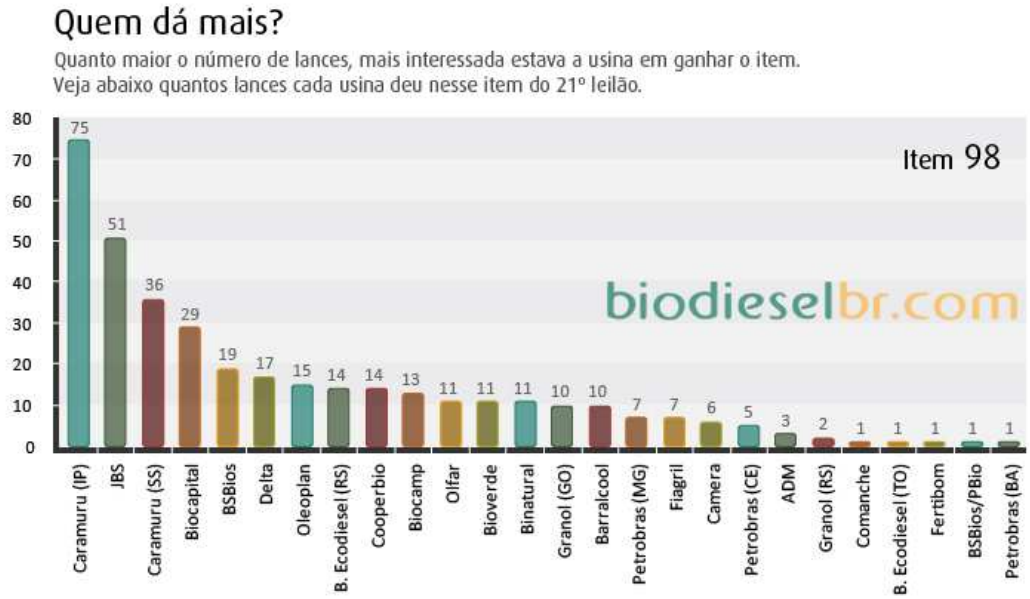
Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.



Quem dá mais?

Quanto maior o número de lances, mais interessada estava a usina em ganhar o item.
Veja abaixo quantos lances cada usina deu nesse item do 21º leilão.





Etanol

Só em Mato Grosso álcool ganha da gasolina- MAURO ZAFALON – Mercado – Folha de São Paulo – 01-02-2011

Só em Mato Grosso álcool ganha da gasolina

O álcool mantém a competitividade em comparação com a gasolina apenas no Estado de Mato Grosso.

Lá, o litro do álcool hidratado foi vendido por R$ 1,96, em média, entre os dias 16 e 22 de janeiro, o equivalente a 68% do preço médio da gasolina, de R$ 2,87 o litro.

Os dados são do levantamento mais recente da ANP (Agência Nacional do Petróleo), divulgado ontem. Na média nacional, o preço do etanol é de R$ 1,86 por litro, o que representa 71% do valor da gasolina, de R$ 2,61.

Até em São Paulo, responsável por cerca de 60% da produção nacional e com a menor alíquota de ICMS (12%), deixou de ser vantajoso abastecer com álcool. A conta empata: o preço médio do álcool, de R$ 1,74 por litro, equivale a 70% da cotação da gasolina, de R$ 2,49. No Tocantins e em Goiás, essa razão também está em 70%. Em todos os outros Estados, a gasolina é a opção mais econômica.

Vale a pena abastecer com etanol quando o seu preço é inferior a 70% da cotação do derivado do petróleo.

Segundo o analista Bruno Bosz, da Informa Economics FNP, o álcool só permanece competitivo em Mato Grosso devido aos elevados custos com logística embutidos na venda do combustível para outras regiões do país.

Nos últimos anos, o Estado tornou-se um importante polo produtor, mas ainda não pode ser considerado como um polo de abastecimento de outros centros de consumo. Para Bosz, no longo prazo, o consumo de etanol ficará altamente concentrado nas grandes regiões produtoras.

Soja ou milho? A disputa por área deve ser maior neste ano nos EUA. O baixo nível dos estoques de milho no país e incertezas sobre a oferta da Argentina estão levando o preço das duas commodities a um equilíbrio.

Equilíbrio Até a semana passada, 1 bushel de soja equivalia a 2,15 bushels de milho, segundo cálculos da consultoria Céleres, que usou os preços da Bolsa de Chicago. Há um ano, era necessário mais milho para alcançar o preço da soja. A relação era de 2,57 bushels de milho para 1 bushel de soja.

Exportação de vinho As vinícolas brasileiras aumentaram em 150% o valor exportado para a Holanda em 2010. Foram vendidos US$ 250 mil no ano passado, segundo o projeto Wines of Brasil, parceria entre o Instituto Brasileiro do Vinho e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações.

Mercado fraco Os frigoríficos paulistas seguem pressionando por queda nos preços do boi gordo. O valor médio caiu para R$ 101 por arroba ontem, segundo a Informa Economics FNP.

Recuperação Mas as vendas no atacado começam a ganhar força, o que pode dar fôlego ao preço do boi.

O pré-sal e o etanol – Biodiesel BR – 08/02/2011

De acordo com as últimas avaliações da Petrobras, a reserva total do pré-sal soma cerca de 13 bilhões de barris, o que corresponde a aproximadamente 1% das reservas restantes mundiais e que nada significaria para a humanidade quanto ao deslocamento do pico de produção.

Admitindo um tempo de vida de 80 anos para as reservas dos campos do pré-sal, calculamos que sua contribuição será, em média, de aproximadamente 20% acima da atual produção nacional.

Por outro lado, com o barril de petróleo a preços superiores a US$ 90, até as avaliações menos otimistas de custos de produção do barril de petróleo do pré-sal talvez justificassem o investimento.

Para a comparação de vantagens financeiras entre combustíveis são essenciais duas variáveis: os custos de produção da unidade de energia e os custos de investimento por unidade de energia por dia.

Pois bem, dentro dos limites tecnológicos atuais, o melhor que se pode esperar para o pré-sal é um custo de produção de pelo menos o dobro daquele da produção de etanol. Quanto aos custos de investimento, tudo parece indicar que a situação é ainda pior para o pré-sal.

Um terceiro fator a ser considerado é o risco financeiro.

Em primeiro lugar, há a questão de um mercado cujos governos encontram sucessivos sofismas para retardar a penetração do etanol brasileiro. Por outro lado, os riscos de produção do etanol são ínfimos em comparação com os do petróleo do pré-sal, cuja tecnologia de extração ainda não está desenvolvida.

Consideremos agora a questão da sustentabilidade e, sob esse aspecto, do aquecimento global. Enquanto o petróleo é o problema, o etanol de cana-de-açúcar é a solução. Mas não é apenas sob esse importante ângulo de sustentabilidade que a imensa superioridade do etanol sobre o petróleo do pré-sal deve ser considerada.

Risco de vazamento a grandes profundidades e sob altas pressões são imprevisíveis. Portanto, a despeito da inquestionável competência técnica da Petrobras, é imensa a vantagem do etanol sobre o petróleo do pré-sal sob qualquer aspecto de sustentabilidade.

Enquanto a produção de etanol é intensiva em mão de obra, a de petróleo o é em capital, o que é uma desvantagem para um país em desenvolvimento, em que o crescimento populacional exige a criação de empregos em vários níveis de especialização. Portanto, também sob o ponto de vista social, o etanol é preferível ao petróleo do pré-sal.

Com apenas 8% dos 200 milhões de hectares de pastagem, seria possível substituir por etanol 5% da gasolina consumida no planeta. Ou seja, a opção pelo etanol nessa medida, bastante conservadora, proporcionaria uma produção de combustível líquido entre três e quatro vezes maior que todo o petróleo do pré-sal até hoje confirmado, e não apenas por 60 ou 80 anos, mas indefinidamente.

Se tudo o que foi dito aqui é verdade, ou pelo menos verossímil, então como se explica a opção pelo pré-sal? Ou é um grande equívoco ou é uma revelação. A imensa intuição do presidente Lula deve ter percebido que o Brasil, nesse estado juvenil de desenvolvimento em que se encontra, precisa de um projeto nacional, pioneiro. Precisa de seu "homem na Lua".

Enquanto o etanol seria só um pouco mais da mesmice prosaica do século passado, o pré-sal, com seus imensos desafios tecnológicos e financeiros, seria a bandeira do desenvolvimentismo ousado, para não dizer agressivo, que deveria propelir o país no século 21. O Brasil chegaria, assim, mais fundo, aonde nenhum outro país teria ousado ir.

***ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE**, 79, físico, é professor emérito da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), presidente do Conselho de Administração da ABTLuS (Associação Brasileira de Tecnologia de Luz Síncrotron) e membro do Conselho Editorial da Folha.*

Dilma "livra" Petrobras de entrar na Galp – Julio wiziack e Toni Sciarretta – Mercado –Folha de São Paulo – 08/02/2011

Criticada pelo mercado, negociação havia sido acertada no final do ano passado entre Lula e o premiê português
Petrobras pagaria €3,5 bi pelos 33% da Eni, que pedia 4,7 bi; agora, angolanos negociam com italianos

A presidente Dilma Rousseff livrou a Petrobras de fechar um negócio polêmico com a italiana Eni, para adquirir 33% de participação na petroleira portuguesa Galp.

O negócio era criticado por analistas de mercado por elevar o endividamento e não ser estratégico neste momento para a Petrobras -a Galp tem rede de postos e atua no refino em Portugal.

Ontem, a estatal comunicou, oficialmente, ter encerrado as negociações. A entrada da Petrobras na Galp era parte de um acordo fechado entre o presidente Lula e o primeiro-ministro português, José Sócrates, no final do ano passado.

Ao assumir a Presidência, Dilma concordou em manter o acordo, mas mudou de opinião porque as condições impostas pela Eni prejudicariam a Petrobras, que busca levantar dinheiro no mercado para viabilizar seu plano de investimento.

Os italianos insistiam em vender seus 33% por 4,7 bilhões e a Petrobras, no limite, pagaria 3,5 bilhões.

Considerou-se que 500 milhões fossem pagos com ativos da Petrobras, mas a opção foi descartada.

Apesar de portuguesa, a Galp é controlada pela Eni e pela Amorim Energia (que tem 33,34% e representa os angolanos da Sonangol).

No passado, a estatal brasileira tentou entrar na Galp, mas foi barrada pelos angolanos -representados pela Amorim Energia.

Dessa vez, os angolanos se impuseram inicialmente, mas, segundo a Folha apurou, acabaram concordando.

O ponto de ruptura foi o preço definido pela Eni. Com a saída da Petrobras, os angolanos passaram a negociar a compra dos 33% que hoje estão em posse da Eni.

SAIA JUSTA

Com o aval de Dilma, a Petrobras ficou confortável para se retirar das negociações e evitar uma "saia justa" com o mercado.

A mudança de atitude da presidente também reforçou as apostas de que José Sergio Gabrielli continue na presidência da Petrobras. Havia rumores de que ele sairia no segundo semestre.

A estatal planeja investimentos da ordem de US$ 224 bilhões até 2014 e precisará do apoio do mercado para levantar recursos. No ano passado, a estatal teve de enfrentar reação negativa de investidores em meio à oferta de R$ 120 bilhões em ações. Maior capitalização já feita no mundo, as incertezas em relação à operação derrubaram as ações, que até hoje não recuperaram o patamar anterior à oferta.

Contudo, a transação permitiu à empresa reduzir o endividamento de 34% para 16% do patrimônio -sua dívida só pode chegar até 35%.

Geração eólica já gira bilhões de reais - André Borges e Tarso Veloso Valor Econômico - Empresas e Infraestrutura – 08/02/2011

Leilões de 2009 e 2010 ajudaram a consolidar o setor no Brasil, atraindo fabricantes de equipamentos

De Brasília

Os ventos trouxeram uma nova leva de investimentos ao país. De executivos novatos ingressos no mercado de geração de energia a uma sequência de multinacionais à frente de construções de fábricas de equipamentos, o mercado da energia eólica é uma

realidade no Brasil,umaindústria que só começou a girar agora,masque já movimenta dezenas de bilhões de reais por ano. E ainda traz a vantagem dos ventos soprarem forte na época de seca, quando as hidrelétricas tendem a reduzir a produção.

Essencialmente novo, esse mercado tem sido formado por histórias como a de Ricardo Delneri, executivo que tinha apenas 29 anos de idade quando, em 2000, decidiu abandonar o mercado financeiro para montar, com o amigo Renato Amaral, a Renova Energia.

A motivação inicial dos sócios era explorar as Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs), usinas com capacidade de até 30 megawatts (MW). Fizeram isso até 2006, quando as eólicas chamaram a atenção. O interesse redundou na criação de um portfólio de projetos e na disputa do primeiro leilão exclusivo de eólicas, realizado em dezembro de 2009, quando a Renova Energia ganhou a disputa para instalar 14 parques de aerogeradores na Bahia. “Aquilo foi decisivo, alí vimos que algo tinha mudado nos nossos planos”, conta Delneri, hoje com 40 anos e diretor copresidente da Renova Energia. A instalação das 184 turbinas com capacidade de 294 MW contratados em 2009 começa a ser entregue em agosto. O investimento total é de R$ 1,2 bilhão. No leilão de 2010, a companhia voltou a concorrer e levou mais seis parques com potência total de 163MW. Vai desembolsar mais R$ 620 milhões.

“A força das eólicas nos levou a congelar os projetos de PCHs para os próximos dois anos.” Por trás da aposta dos empresários do setor está a inclinação do governo em manter na pauta a realização regular de leilões específicos para as eólicas. Em 2009, quando o mercado surpreendeu o governo com a realização de projetos na casa de R$ 150 o MW/hora – era esperada uma média de R$ 200 –, foram arrematados 1.800 MW. No ano passado, com um preço ainda mais competitivo, na casa dos R$ 135 o MW/hora, foram contratados mais 2.050 MW. Para o leilão previsto para acontecer em maio, a previsão da Associação Brasileira de Energia Eólica (Abeeólica) é de que pelo menos mais 2 mil MWsejam contratados. Nesta semana, em evento que acontece emSão Paulo, empresários do setor, associações e governo se reúnem na mesma mesa para discutir o futuro da energia eólica no país. “Vamos debater diversas questões. Uma delas é essa capacidade anual de pelo menos 2 mil MW para que possamos incentivar e consolidar os investimentos no país”, comenta Ricardo Simões, presidente da Abeeólica.

O mercado se prepara para a nova rodada de negociação. A Galvão Energia, empresa do grupo Galvão criada em 2007, montou um portfólio de 600 MW de projetos eólicos.

No ano passado, a companhia arrematou a construção de quatro usinas no Rio Grande do Norte com potencial instalado de 94 MW, com investimento de R$ 400 milhões. Para este ano, no entanto, o plano é chegar a até 200 MW, com até oito projetos fechados. “É umano importante para a energia eólica se firmar como alternativa importante e complementar àmatriz nacional, concentrada nas hidrelétricas”, diz Otávio Silveira, presidente da Galvão Energia.

Competição não vai faltar. No leilão de 2009, segundo dados da Abeeólica, foram inscritos e habilitados 3 mil MW de projetos. No ano passado foram 11 mil MW.

Com a contratação de 2 MW por ano, o investimento garantido apenas na instalação das

usinas é de R$ 8 bilhões. Essa conta não inclui os recursos decorrentes da instalação de fábricas no país, da cadeia de fornecedores de componentes que se integram a elas e da contratação de mão de obra. As estimativas internacionais dão conta de que, para cada MW contratado, são gerados 13 empregos. Isso significa que, se forem contratados 4 mil MW entre 2009 e 2013, como se prevê, o setor tem capacidade de gerar cerca de 50 mil empregos.

"O país saiu um pouco atrasado nessa área em relação a outras nações, mas está recuperando o terreno rapidamente", afirma Telmo Magadan, presidente da Ventos do Sul, companhia que possui o maior parque produtor de energia eólica da América Latina, em Osório (RS), com150 MW. O grupodobrou sua capacidade com os leilões de 2009 e 2010, adicionando mais 100MWem Osório e 50MW em Palmares (PE). Os investimentos vão chegar a R$ 800 milhões e as obras devem começar neste semestre, com previsão de entrada em operação até julho de 2012. "O Brasil deveria atingir entre 8% a 10% da matriz energética vinda dos ventos até o fim da década." Ainda está longe disso. A estimativa da Abeeólica é de que o país feche este ano com 1,4 mil MW de potência instalada, indo para 3,2 mil MW em 2012 e 5,25 milMW, em 2013. "Isso é cinco vezes o que temos hoje, o que é um salto relevante, mas ainda é pouco se observada a participação relativa das eólicas em relação às demais fontes de energia", diz Ricardo Simões, presidente da associação.

"Teremos 4,3% da potência instalada no país, ou seja, há enorme potencial de crescimento." De fato. Os estudos mais recentes que mapearam os ventos do Brasil, elaborados em 2001, apontam que o potencial é de 143 mil MW. Isso equivale a duas vezes a potência hidrelétrica total do país gerada até 2009. Esse levantamento eólico, no entanto, está absolutamente defasado. O potencial do setor, na realidade, é muito maior.

Dez anos atrás, quando os primeiros estudos foram feitos, só consideraram a captação feita por turbinas de até 50 metros de altura.

Ocorre que hoje os cata-ventos chegam a 100 metros. "Não há números precisos, mas o potencial é gigantesco. No mercado já se fala numa capacidade superior a 300 mil MW", comenta Simões.

País pode ter mais estrangeiro no pré-sal – Cirilo Junior -Mercado- Folha de São Paulo -14/02/2011

Governo estuda flexibilizar a regra trabalhista que impõe um número mínimo de brasileiros em plataformas

A quantidade de estrangeiros em áreas ligadas ao setor de petróleo praticamente dobrou nos últimos três

A falta de profissionais qualificados na indústria fornecedora de bens e serviços para o setor petrolífero pode não só ameaçar o cronograma de exploração na camada pré-sal como ampliar os riscos para a segurança nas operações.

As empresas perceberam que estão numa corrida contra o tempo. Enquanto não formam gente em número suficiente, recorrem a tra- balhadores importados pa- ra suprir a crescente ne- cessidade.

Diante desse quadro, o governo avalia flexibilizar o número mínimo exigido de trabalhadores brasileiros em sondas de perfuração e plataformas de exploração de petróleo e gás. A medida serviria para reduzir a falta crônica de mão de obra local.

A regra atual prevê que, no primeiro ano, 1/3 dos trabalhadores dessas unidades deve ser de brasileiros. A partir do segundo ano, a exigência sobe, e 2/3 de quem trabalha nessas ambiente da indústria do petróleo devem ter nascido no Brasil.

MAIS ESTRANGEIROS

Mas a falta de gente tem feito com que o número de estrangeiros trabalhando em áreas ligadas ao petróleo tenha quase que dobrado nos últimos três anos, segundo dados do Ministério do Trabalho.

A importação de mão de obra é intensificada especialmente pela escassez de trabalhadores em áreas específicas. Em 2008, 343 trabalhadores ligados a engenharia naval foram trazidos. Em 2010, esse número ultrapassou 700, segundo dados atualizados até setembro.

Faltam principalmente engenheiros de petróleo, engenheiros navais e geólogos. Nas universidades, apenas metade das vagas do curso de engenharia de petróleo é preenchida.

"O curso de engenharia naval ainda forma pouca gente. Está começando a crescer a procura, mas, durante anos, foi esvaziado. Então, as universidades estão retomando agora", diz Mariângela Mundim, gerente de planejamento de recursos humanos da Petrobras.

Por ano, o país forma 55 mil engenheiros, enquanto na China -um país com o qual o Brasil é sempre comparado- são 400 mil.

A área de exploração é a que mais sofre com essa carência. Para os próximos anos, está previsto um intenso movimento no mercado de sondas, equipamento usado na perfuração de poços. A Petrobras vai bancar a construção de 28 equipamentos desse tipo.

O problema é que a operação desses equipamentos requer profissionais experientes no setor, dada a complexidade embarcada em cada uma dessas sondas. O mercado brasileiro se desenvolveu recentemente, e ainda há carência de mão de obra qualificada.

"Há dúvidas se com essa demanda serão formados profissionais com tempo de capacitação e experiência suficientes para operar esses equipamentos. Com mais pessoas inexperientes, pode aumentar o risco de acidentes", afirma Adriano Bravo, presidente da Petra, consultoria voltada para o recrutamento de profissionais do setor de óleo e gás.

No curso de engenharia de petróleo, apesar da grande procura, boa parte dos interessados não consegue a nota mínima exigida para ser aprovada na universidade.

Ao olhar para essa carência, a Petrobras decidiu criar um projeto para mostrar a estudantes do ensino médio de todo o país as profissões ligadas ao petróleo.

A estatal vem percorrendo colégios e escolas técnicas para despertar nos estudantes o interesse pelas carreiras do setor.

As empresas fornecedoras se ressentem de escassez de informações para definir quais são e onde estão as principais carências da indústria petrolífera.

"Queremos unificar, de certa forma, as medidas das empresas para que haja ações mais efetivas", diz a gerente de RH da Promon, Roberta Bonamigo.

Estrangeiro custa o dobro de um nativo –Cirilo Junior – Mercado – Folha de São Paulo – 14/02/2011

Os bons salários e as grandes perspectivas de trabalho, diante do futuro que se abre com a exploração do pré-sal, atraem cada vez mais estrangeiros para o Brasil. Ainda que não seja apontado como um verdadeiro "Eldorado" na indústria mundial do petróleo, o Brasil caminha para ser um dos principais campos de trabalho nos próximos anos.

"A demanda não vai cessar. Certamente, o número de estrangeiros no mercado de petróleo brasileiro vai aumentar", aponta o geólogo inglês Ian Wilkinson, 47, diretor da Petrolink, empresa que presta serviços para equipes que fazem a perfuração de campos.

Wilkinson está radicado no Brasil há 12 anos. Já trabalhou em Rússia, Venezuela e Estados Unidos, além de seu país natal. Com as perspectivas do país no mundo petrolífero, afirma que não pretende deixar o Brasil tão cedo.

"A experiência que tenho é importante. O mercado está muito aquecido, e sempre houve problema de mão de obra qualificada no Brasil", destaca.

Disputados no mercado, os executivos estrangeiros no setor de petróleo recebem benefícios adicionais à remuneração, como escola para os filhos, carro com combustível, motorista, mais o dinheiro gasto no deslocamento de um país para outro.

"O custo de um trabalhador estrangeiro é muito mais alto. Chega a ser o dobro em comparação com um funcionário brasileiro", afirma Adriano Bravo, da Petra

Consumo firme sustenta preços do etanol - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 14/02/2011

Ag ro n e rg i a Em janeiro, queda sazonal da demanda foi menor que a esperada, e foco está na colheita de cana

Depois de um consumo maior do que o esperado em janeiro, o etanol iniciou fevereiro em alta no mercado doméstico. Na sexta-feira da semana passada, o litro do hidratado (usado diretamente nos tanques dos veículos) posto em Paulínia, no interior de São Paulo, atingiu R$ 1,22, 5,2% mais que no começou do mês, de acordo com o indicador diário Esalq/BM&F.

“Essa elevação mostra que há possibilidade de os estoques estarem menos confortáveis do que se imaginava. Agora a atenção está voltada para quando será o início da nova safra e quanto do caldo da cana será direcionada para o açúcar logo no começo”, afirma Alísio MendesVaz, diretor do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom), cujas associadas representam 60% das vendas de etanol no país.

Em janeiro, as distribuidoras associadas à entidade venderam 685 milhões de litros de etanol hidratado, 22,4% menos do que em dezembro de 2010. Entre dezembro de 2009 e janeiro de 2010, porém, a retração bem maior, de 39,7%.

Nas usinas da região CentroSul, as vendas totais de etanol, destinadas à produção de combustíveis ou para a indústria química, também retrocederam menos que o esperado. Foram comercializados pela indústria 1,89 bilhão de litros em janeiro, 14,76% menos que em dezembro.

Considerando-se apenas o volume de etanol hidratado, a queda foi de 20%, segundo o diretortécnico da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Antônio de Pádua Rodrigues. “Esperá vamos uma retração maior. O consumidor não reagiu ao preço alto. Mas o mercado ainda vai se ajustar ”, acredita o executivo.

Em janeiro deste ano, nas usinas os preços do etanol hidratado foram mais baixos que os do mesmo mês de 2010. No entanto, dizem especialistas, a expectativa de queda mais acentuadanoconsumo já considerava esse fator.

Entre o início e o fim de janeiro do ano passado, os preços do etanol hidratado nas usinas paulistas variaram entre R$ 1,16 e R$ 1,19, segundo o Cepea/Esalq. Em janeiro deste ano, esses preços ficaram estáveis em R$ 1,11, ou seja, entre 4,3% e 6,7% menores.

Já nos postos de combustíveis de São Paulo, maior Estado consumidor do país, o preço médio do litro em janeiro deste ano foi de R$ 1,733, 4% menor do que os R$ 1,807 de igual mês de 2010, de acordo com dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP).

Alísio Mendes Vaz, do Sindicom, não tem uma posição conclusiva sobre qual seria em janeiro deste ano a demanda compatível com os preços do etanol nos postos — que, apesar de terem sido no mês passado mais baixos do que em janeiro de 2010, não estão competitivos em relação à gasolina na maior parte do país.

É difícil comparar os dois anos, diz ele. Isso porque em 2009 os níveis de consumo foram muito altos, recordes, devido aos preços baixos do etanol ao consumidor.

“Por isso, em janeiro de 2010, quando os preços reagiram fortemente, o comportamento do consumidor foi mais brusco”, diz Vaz.

Traders de etanol do mercado já começam também a se preocupar com o atendimento da demanda por etanol do Nordeste. “Há indicativos de que eles podem precisar de etanol do Centro-Sul antes de maio, quando normalmente dem a n d a m”, afirma uma fonte.

Renato Cunha, presidente do Sindicato do Açúcar e do Álcool (Sindaçúcar) de Pernambuco, diz que a produção de etanol da região nesta safra será praticamente igual à da temporada anterior, da ordemde 2,3 bilhões de litros,mas com um consumo um pouco maior, na casa de 2,9 bilhões de litros.

“Os estoques do Nordeste deverão ser suficientes para atender o consumo até o fim de abril”.

Em alta, açúcar puxa movimento na rede de armazéns da Ceagesp - - **Fernando Lopes – Valor Econômico – Agronegócios – 14/02/2011**

O aumento da produção de açúcar no Centro-Sul do país e os elevados preços da commodity nos mercados doméstico e internacional tiveram reflexos diretos no movimento da rede de armazenagem da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp) em 2010.

Balanço da estatal federal mostra que 548,7 mil toneladas de açúcar passaram por seus armazéns no ano passado, 24,8% mais que em 2009. Das 19 unidades que formam a rede de armazenagem da empresa no Estado, seis trabalham com o produto.

Luiz Concillius Gonçalves Ramos, diretor técnico e operacional da Ceagesp, confirma que a boa fase do mercado açucareiro ajudou a inflar o movimento. Como a demanda permaneceu aquecida e as cotações estavam elevadas, diz, a rede registrou mais operações de transbordo que em 2009 e menos de armazenagem em si, já que os produtores procuraram agilizar vendas e entregas.

Nas operações de armazenagem de qualquer produto agrícola na rede da Ceagesp, o período mínimo é de 15 dias e o custo mensal gira em torno de R$ 4 por tonelada. No transbordo, o tempo médio é de uma semana e o valor cobrado é um pouco superior.

Esses preços costumam ser reajustados todos os anos a partir de uma fórmula que inclui o IGPM.

Como normalmente o transbordo é feito para embarcar o produto em ferrovias com destino ao porto de Santos, muitas vezes o limite é imposto pela capacidade do sistema logístico. Como no caso do açúcar os preços seguem elevados, a expectativa da Ceagesp é de bom movimento da commodity na rede de armazenagem em 2011.

No total, as 19 unidades que formam a rede de armazenagem da Ceagesp receberam 895,1 mil toneladas de produtos agrícolas no ano passado, 11,2% mais que em 2009. A receita líquida obtida pela estatal com esse movimento chegou a R$ 23,8 milhões, 4,1% superior na mesma comparação.

Segundo produto que mais usa a rede, o trigo teve um volume armazenado 27,47% menor em 2010 (187,7 mil toneladas). Nesta observa, lembra Adilson da Silva, chefe da seção comercial da armazenagem da Ceagesp, foi um ano complicado, com oferta de qualidade comprometida. Para 2011, afirma, as perspectivas são melhores.

Também com preços de mercado elevados, mas apenas a partir de meados do ano, o milho registrou volume armazenado 31,5% superior no ano passado. Já o volume de soja, também valorizada, cresceu expressivos 583,6% na rede e chegou a 44,7 mil toneladas.

A Ceagesp espera crescimento nas operações de armazenagem em 2011, e para atrair novos clientes planeja investir R$ 1,8 milhão na certificação de algumas de suas unidades — em 2010 três delas foram certificadas. “Também apostamos em parcerias

[inclusive com usinas sucroalcooleiras] para conferir maior agilidade às operações", afirma José Lourenço Pechtoll, gerente do departamento de armazenagem da estatal.

Reajuste nos preços da gasolina e do diesel até o final do ano é improvável – Walter de Vitto – Mercado – Folha de São Paulo – 16/02/2011

A elevação dos preços do petróleo, intensificada pelas agitações políticas no Oriente Médio e no norte da África, tem gerado especulações sobre os possíveis reflexos sobre os preços no Brasil.

Nosso cenário, contudo, contempla uma baixa possibilidade de reajustes para esses combustíveis em 2011.

O preço final ao consumidor depende de uma série de variáveis, como percentuais e preços dos biocombustíveis na mistura, tributos, custos de frete e margens de lucro da distribuição e do varejo.

Porém, o principal componente são os valores que as refinarias cobram pela gasolina e pelo diesel, cujos reajustes não estão submetidos a regulamentação específica.

Na prática, a alta concentração do mercado nas mãos da Petrobras permite que a empresa e o governo determinem a formação de preços.

Ainda que não haja um parâmetro definido para os reajustes, a evolução da defasagem do preço do combustível no mercado interno em relação ao externo é o principal instrumento para tentar antever eventuais correções e traçar cenários para o comportamento futuro das cotações domésticas. E o que se observa nos últimos anos é que a Petrobras reajusta os preços da gasolina com maior frequência quando a defasagem no curto prazo está alinhada com a defasagem média desde o último reajuste. A correção dos preços do diesel, por sua vez, costuma acompanhar os movimentos da gasolina.

No dia 11 deste mês, os preços da gasolina e do diesel cobrados pelas refinarias da Petrobras estavam cotados, respectivamente, 4,9% e 6% abaixo dos preços de referência internacionais (mercado do golfo dos EUA).

Contudo, considerando a média desde o último reajuste, em junho de 2009, os preços desses combustíveis ainda estavam 6,7% e 14,5% acima das cotações dos "benchmarks" (referências) internacionais, respectivamente.

Com base em cenários para o preço do barril de petróleo e para a taxa de câmbio (real versus dólar), realizamos exercícios para estimar as defasagens da gasolina e do diesel para este ano.

Em um cenário em que os preços do Brent permaneçam pressionados (ao redor de US$ 100 por barril, na média do ano) e a taxa média de câmbio fique em R$ 1,72, a probabilidade de elevação dos preços desses combustíveis seria bastante reduzida.

Nessas circunstâncias, ainda que o preço doméstico da gasolina no curto prazo permanecesse abaixo do "benchmark" internacional, o ano se encerraria com preço 0,2% acima da média desde a alta de junho de 2009.

No caso do diesel, o preço médio desde o último reajuste ficaria 8,1% acima do praticado no mercado de referência internacional.

Leilões do pós-sal precisam ser retomados pelo governo – Adriano Pires – Mercado – Folha de São Paulo – 18/02/2011

A aprovação do regime de partilha para exploração do petróleo no pré-sal, sancionado no final do governo Lula, deixou de ser um entrave à retomada das rodadas de licitação da ANP (Agência Nacional do Petróleo).

Em 2007, a retirada de 41 blocos da nona rodada da ANP foi justificada pela dificuldade, naquele momento, de mensurar o impacto do pré-sal, recém-descoberto, sobre a produção de petróleo no Brasil.

Também foi apontada a necessidade de "propor medidas que visem a preservar o interesse nacional, na promoção do aproveitamento racional dos recursos energéticos do país", conforme declarado pelo CNPE (Conselho Nacional de Política Energética) à época.

A medida poderia até fazer sentido considerando que o pré-sal era uma área para a qual estava sendo estudada a elaboração de um novo modelo de exploração. Porém, nunca justificou a paralisação dos leilões no pós-sal.

A atividade petrolífera vem se tornando economicamente relevante no Brasil. Entre 2000 e 2005, a participação da indústria do petróleo no PIB mais que dobrou, de 4,9% para 10,5%. E a perspectiva é que o setor responda por 20% do PIB em 2020. A execução de leilões é de vital importância para que o setor de petróleo continue aumentando a sua importância na economia brasileira.

A paralisação dos leilões do pós-sal desde 2007 prejudica o dinamismo da indústria petrolífera nacional, pois tira segurança dos envolvidos na cadeia do petróleo. Desde o final do ano passado ocorre um movimento de alta do preço da commodity, explicado por fatores estruturais, dada a previsão de que a crise da Europa já passou pelo pior momento e a economia americana terá um maior crescimento em 2011.

OPORTUNIDADE

A recuperação de Europa e dos Estados Unidos, aliada ao crescimento de Brasil, Rússia, China e Índia, ocasionaria o desequilíbrio entre oferta e demanda e o aumento no preço do barril.

A oportunidade de realizar um leilão em um ano de valores altos do petróleo não deve ser perdida. Isso já aconteceu em 2007, com a retirada dos blocos do pré-sal. A ausência de leilões tem estimulado a realização de operações de "farm-in" (aquisição de direitos de exploração de algum concessionário) -hoje a única forma de acesso das empresas ao mercado brasileiro.

Em 2010, por exemplo, a maior operação de entrada de capital estrangeiro no país foi a venda de 40% da Repsol Brasil para a chinesa Sinopec, por US$ 7 bilhões. A ausência de leilões também tem levado as empresas a adquirir áreas em outros países. No final de janeiro, foi concluída a primeira licitação de participação em blocos "offshore" no pré-sal de Angola. Entre as vencedoras estão BP, Repsol, Statoil, Total, Eni e ConocoPhilips.

Outra concorrência é a das fontes alternativas, que vêm ganhando força e reduzindo a dependência em relação ao petróleo. Na geração de energia elétrica, cresce a importância das fontes eólica, biomassa e solar. No setor de combustíveis, ganham espaço o etanol, o biodiesel e os carros elétricos.

Petrobras terá de captar US$ 17 bi, afirma diretor –Mercado – Folha de São Paulo – 19/02/2011

DA REUTERS - A Petrobras vai precisar captar US$ 17 bilhões "em dinheiro novo" até 2014 para viabilizar seu plano de investimentos e amortizar dívidas, disse o diretor financeiro da empresa, Almir Barbassa.

O executivo cogitou a possibilidade de recorrer ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e ao Fundo Soberano da Noruega para obter parte desses recursos.

Segundo ele, até 2014 a necessidade da empresa é de recursos de US$ 262 bilhões, dos quais US$ 224 bilhões referentes ao plano de investimento e o restante em dívida que irá vencer no período.

Neste ano, a Petrobras já emitiu no mercado externo US$ 6 bilhões em títulos.

O etanol perde terreno- Notas e informações – O Estado de São Paulo – 21/02/2011

Além de grande consumidor mundial de etanol produzido a partir de cana-de-açúcar, o Brasil aspira a tornar- se um dos grandes exportadores mundiais do produto. Até agora, porém, a produção nacional de etanol tem-se caracterizado pela instabilidade, com variações de produção e preços que afetam o consumo interno e limitam a exportação. E o etanol vem perdendo mercado no País e no exterior. Segundo dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP), foram vendidos diretamente nos postos 15 bilhões de litros de álcool hidratado em 2010, 8,5% a menos que no ano anterior, o primeiro recuo da demanda desde 2003. Por sua vez, o consumo de gasolina aumentou 17,5% em relação a 2009. Quanto às exportações do biocombustível, o Brasil ainda detém a liderança mundial, mas está ameaçado de perdê-la para o etanol produzido a partir de milho nos Estados Unidos, altamente subsidiado e protegido da concorrência externa por uma pesada sobretaxa.

É bem verdade que o aumento das importações de veículos movidos a gasolina puxou o consumo desse combustível. As compras de automóveis estrangeiros por brasileiros em 2010 se elevaram mais de 50% em comparação com 2009, custando US$ 8,54 bilhões ao País. Além disso, o etanol ficou bem mais caro para os carros bicombustíveis aqui fabricados. Os preços variam de região para região, mas, segundo a ANP, ficaram 77% aquém do preço da gasolina, quando, para atrair o consumidor, deveriam ficar abaixo de 70%. O governo, porém, não precisou diminuir o porcentual de adição de 25% de álcool anidro à gasolina, o que exigiu 22,2 bilhões de litros, um pouco menos que em 2009 (22,7 bilhões de litros).

Como ciclicamente ocorre, as cotações em alta do açúcar no mercado internacional fizeram as usinas destinar uma maior quantidade de cana para essa produção, o que foi agravado pela quebra de safra no Centro- Sul. Não são esperadas grandes mudanças neste ano, a se confirmarem as previsões de que as cotações do açúcar ainda seguirão elevadas.

Quanto ao etanol, a perspectiva é de que seus preços no mercado interno se mantenham estáveis, com variações sazonais. Segundo analistas, o preço do álcool hidratado com relação à gasolina só se tornará mais vantajoso se for autorizado um aumento dos preços dos derivados de petróleo em geral, com o objetivo de mantê-los

em linha com as cotações no mercado internacional. Essa, no entanto, é uma medida que o governo evitará adotar para não agravar a inflação.

Uma forma de manter um diferencial competitivo do etanol é cobrar uma alíquota maior do ICMS sobre a gasolina, como já fazem os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. É duvidoso que outros Estados venham a fazer o mesmo, o que importará em novo recuo do etanol no mercado interno, como prevê Antonio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da Unica (*Globo*, 16/12). Segundo ele, serão produzidos no País, neste ano, entre 15 bilhões e 16 bilhões de litros de etanol hidratado,volume semelhante ao de 2010, o que significará perda de mercado, já que o consumo de combustíveis crescerá com o aumento da frota de veículos.

Já as exportações brasileiras de etanol em 2010 ficaram em torno de 1,5 bilhão de litros, superando por pouco as vendas externas americanas do sucedâneo de milho, estimadas em 1,3 bilhão de litros. E este ano não começa bem nessa área: em janeiro, a exportação de etanol foi de 95,3 milhões de litros, 60,3% abaixo do volume no mesmo mês do ano passado.

Vê-se que falta muito ainda para que o Brasil possa recuperar a competitividade interna do etanol e seja capaz de exportar regularmente o produto em volumes significativos, de modo a transformá-lo em uma commodity no mercado internacional. Cabe à iniciativa privada vencer esse desafio, e investimentos de grande vulto estão sendo feitos ou são planejados para aumentar a oferta de etanol. A principal ajuda que o governo pode dar é fazer gestões nos foros internacionais e junto aos países desenvolvidos para superar as resistências protecionistas ao produto brasileiro.

Aumentam as reservas de petróleo do País – Editorial Economico – O Estado de São Paulo – 22/02/2011

Entre 2009 e 2010, as reservas provadas de petróleo aumentaram de 12,8 bilhões para 14,2 bilhões de barris (+10,65%), segundo a Agência Nacional do Petróleo (ANP). O montante das reservas, sobre tudo provadas,é a principal medida de valor das empresas e das economias dos produtores de petróleo, como o da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep).

O crescimento das reservas brasileiras foi o maior desde 2002, último ano do governo Fernando Henrique, quando o aumento foi de 15,4%. No ano passado, as reservas totais – provadas, prováveis e possíveis, incluindo o gás natural – aumentaram 34,57%, maior alta desde 2000, passando de 21,1 bilhões para 28,4 bilhões de barris ou o equivalente em gás. Para isso, contribuiu a inclusão das reservas dos campos do pré-sal da Bacia de Santos, nas áreas de Tupi e Iracema, no Bloco BM-S-11; dos Campos de Barracuda, Caratinga, Marlim, Marlim Leste e Pampo, na Bacia de Campos; além dos projetos de aumento da recuperação de óleo e gás nos Campos de Albacora Leste, Maromba,Marimbá,MarlimSul,Marlim Leste e Roncador, na Bacia de Campos, e da concessão de Leste de Urucu, na Bacia do Solimões.

Entre as consequências imediatas do aumento das reservas está a de tornar mais fácil a captação dos recursos de que a Petrobrás necessita para explorar toda a área do pré-sal, que demandará centenas de bilhões de dólares (por ora, as estimativas rondam a casa dos US$ 600 bilhões).

Reforça-se, ademais, a posição relativa do Brasil entre os países produtores, pois poucos têm conseguido elevar as reservas em níveis significativos,além de destinar mais óleo bruto para exportar.

Com a recuperação global, está em curso uma tendência bem definida de alta dos preços da commodity: as cotações, tanto do tipo West Texas Intermediate (WTI) como do tipo Brent, saíram da faixa dos US$ 40 o barril, no início do ano passado, para a casa dos US$90, no início deste ano, chegando a até US$ 108 (tipo North Sea Brent), ontem. São preços que permitem remunerar satisfatoriamente os produtores, salvo se afetados por desastres ambientais ou custos imprevisíveis, por exemplo,na exploração do pré-sal.

A tensão no Oriente Médio, ameaçando países cujas oposições até há pouco estavam sob controle, como Irã e Líbia (respectivamente, 2.º e 10.º maiores produtores entre os membros da Opep), pressiona as cotações e favorece os produtores menos sujeitos a problemas de estabilidade
política, como o Brasil.

Petrobras defende a construção de cinco novas refinarias – Mercado – Folha de São Paulo – 22/02/2011

O presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli, defendeu ontem os investimentos em refinarias e disse que é "um suicídio no longo prazo" não construir as cinco novas unidades previstas.

Gabrielli afirmou que, apesar dos investimentos, a companhia terá em 2020 uma produção maior de óleo bruto do que sua capacidade de refino, que já chegou ao final de 2010 "no limite".

Para 2020, está prevista a produção de 3,9 milhões de barris de óleo, para uma capacidade de refino de 3,2 milhões de barris. Isso sem contar com mais 650 mil barris que são produzidos pelos parceiros da Petrobras

Pré-sal dobra as reservas conhecidas de petróleo – Cirilo Junior – Mercado – Folha de São Paulo – 23/02/2011

Disponibilidade do país vai a 28,4 bi de barris

Se for comprovada a viabilidade de exploração comercial do petróleo encontrado recentemente no país, principalmente na região do pré-sal, o Brasil duplicará suas reservas.

Levantamento feito pela ANP (Agência Nacional do Petróleo) indica que as reservas comprovadas do país são de 14,2 bilhões de barris de petróleo. Há outros 14,2 bilhões de barris de reservas prováveis e possíveis. Se sua viabilidade econômica for atestada, o país passará a ter reserva total de 28,4 bilhões de barris de petróleo.

Segundo norma da ANP, reservas comprovadas são aquelas que têm, no mínimo, 90% de chances de serem aproveitadas comercialmente. Essa estimativa considera condições econômicas vigentes e métodos operacionais viáveis. As reservas prováveis e possíveis são aquelas que precisam ser mais pesquisadas para que sua viabilidade comercial seja atestada.

As prováveis têm 50% de possibilidades de ter algum tipo de aproveitamento em escala comercial.

Nas reservas possíveis, essa proporção fica em só 10%. "Os bancos só emprestam dinheiro para uma empresa explorar uma reserva provada.

Mas as reservas prováveis e possíveis estão lá e ainda podem ter viabilidade", afirma Sérgio Possato, ex-superintendente da ANP.

Em relação a 2009, as reservas totais tiveram incremento de 34,5%, maior variação constatada na década. As reservas provadas cresceram 10,6%, maior aumento desde 2002.

Essa diferença pode ser explicada pelo início da incorporação das reservas da camada pré-sal, situadas na bacia de Santos.

À medida que cresce o número de descobertas e comprovações na região, as reservas vão sendo ampliadas. A ANP incorporou nessa conta reservas do bloco BM-S-11, onde está o campo de Lula.

Com o pré-sal, a bacia de Santos já tem a segunda maior reserva provada de petróleo do país.
Elas somam 1,4 bilhão de barris de petróleo. Há um ano, não passavam de 90 milhões de barris.

Campos segue com a maior acumulação comprovada de petróleo, com 11,5 bilhões de barris.

Alta do petróleo ajuda exportações, mas aumenta a inflação – Thaís Marzola Zara – Mercado – Folha de São Paulo – 23/02/2011

As revoltas populares na Tunísia e no Egito contra os regimes ditatoriais foram apenas o pontapé inicial de movimentos semelhantes em outros países do Oriente Médio.

Sem entrar no mérito geopolítico da questão, as consequências econômicas dessas manifestações ocorrem pelo aumento da aversão ao risco, adicionando pressão aos já elevados preços do petróleo e de seus derivados.

O impacto foi sentido especialmente sobre o preço do petróleo Brent, negociado em Londres (o petróleo do Oriente Médio abastece, primordialmente, a Europa), mas o preço do WTI (West Texas Intermediate), negociado nos Estados Unidos, já tem acompanhado.

Contudo, cabe notar que o efeito sobre os preços é diretamente proporcional à intensidade/duração dos conflitos. Uma vez retomada a normalidade, sob um novo regime democrático ou não, a exploração comercial do recurso natural deve ser restabelecida e, consequentemente, os preços voltariam aos patamares de antes dos conflitos.

Ainda assim, as perspectivas para o curtíssimo prazo são de alta dos preços, o que beneficia a balança comercial brasileira, num primeiro momento -não é à toa que os superavit comerciais têm sido atipicamente elevados nas últimas semanas. Neste mês, o petróleo bruto ultrapassou o minério de ferro como o principal produto exportado pelo Brasil.

Num segundo momento, contudo, tendem a reagir os preços dos derivados do petróleo -dos quais o Brasil é forte importador, como nitrogenados, nafta etc.-, aumentando as importações e reduzindo, novamente, o saldo comercial.

Por outro lado, a inflação também poderá sentir os efeitos desse movimento. Nos meses recentes, além do importante componente da demanda interna aquecida, as altas dos preços internacionais de commodities têm colaborado para a elevação dos preços domésticos.

O petróleo, afinal, é importante insumo de diversas cadeias produtivas e, mesmo que não haja aumento dos preços da gasolina e do diesel pela Petrobras, os efeitos sobre os índices de preços -especialmente no atacado- devem ser relevantes.

Portanto, ainda que, no médio prazo, a tendência seja de normalização da situação, os preços podem disparar no curto prazo, levando a cifras mais altas de saldo comercial, num primeiro momento, e de inflação, depois.

THAÍS MARZOLA ZARA é economista-chefe da Rosenberg Consultores Associados e mestre em economia pela USP.

Após acidente em gasoduto, Ibama multa Petrobras em R$ 10 milhões- Mario Cesar Carvalho – Mercado – Folha de São Paulo – 24/02/2011

Autuação é dada porque estatal não informou ocorrência a órgão, conforme previsto na licença da obra

Óleo, terra e sedimentos são despejados em córrego; obra será inaugurada por Dilma em março

O Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) multou a Petrobras em R$ 10 milhões porque a empresa não comunicou um acidente ambiental que aconteceu na construção de um gasoduto, em Caraguatatuba, no litoral norte de São Paulo.

A comunicação imediata de qualquer acidente ambiental estava prevista na licença da obra, fornecida pelo Ibama em 2008, como consta do auto de infração, lavrado no último dia 15.

Pelo acidente em si, o despejo de óleo, terra e sedimentos num córrego que fica dentro do Parque Estadual da Serra do Mar, em Caraguatatuba, a empresa foi autuada em mais R$ 25 mil.

A água e os resíduos despejados no ribeirão Pau d'Alho deveriam passar por tratamento antes de serem descartados, de acordo com o plano ambiental apresentado pela Petrobras e aprovado pelo Ibama.

A autuação de R$ 10 milhões não é das maiores na história de acidentes ambientais da Petrobras.

Em 2000, o Ibama aplicou duas das maiores multas à empresa, de R$ 168 milhões e R$ 50 milhões, pelo vazamento de óleo num rio no Paraná e na baía de Guanabara, respectivamente.

O gasoduto entre Caraguatatuba e Taubaté deve ser inaugurado no próximo mês pela presidente Dilma Rousseff. É uma das obras mais arrojadas da Petrobras -o gasoduto passa por dentro da serra do Mar, num túnel cavado em rocha, com desnível de 500 metros.

Ele levará para Taubaté o gás extraído do campo Mexilhão, que fica no mar em frente à cidade de Caraguatatuba, na bacia de Santos.

De Taubaté o gás poderá ser distribuído para as duas maiores zonas consumidoras dessa energia no país -São Paulo e Rio de Janeiro.

INTERDIÇÃO

É o segundo gasoduto da Petrobras em construção em São Paulo que enfrenta problemas ambientais.

O gasoduto que ligará Cubatão, no litoral paulista, a uma estação de controle em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, foi interditado pela Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) em 27 de janeiro, conforme noticiou ontem "O Estado de S. Paulo".

A várzea do Ribeirão da Estiva, no município de Rio Grande da Serra, estava sendo drenada pela empreiteira contratada pela Petrobras. O córrego fica em área de proteção ambiental, o Parque Estadual da Serra do Mar, e faz parte do sistema de abastecimento de água da Grande São Paulo.

Antes dessa interdição, a obra já havia sido embargada três vezes pela falta de licenças ambientais.

Crise do petróleo acelera pacote do governo para ajudar indústria- Valdo Cruz e Sheila D'Amorim – Mercado – Folha de São Paulo -25/02/2011

Ideia é criar compensação para câmbio; alta de juros deve atrair mais dólares e deixar real valorizado

Fundo chileno, que taxa exportação de cobre, é estudado; indústria precisa de compensação por câmbio e inflação

O aumento do preço do petróleo após a crise na Líbia e a alta dos juros na próxima semana devem levar o governo a acelerar medidas para proteger os exportadores. Essa é a recomendação que ministros da área econômica pretendem levar à presidente Dilma nos próximos dias.

A presidente já havia definido que, em março, faria uma reunião de avaliação para analisar a necessidade de adotar novas medidas na área cambial e também de contenção de crédito.

Segundo um auxiliar de Dilma, o governo não vai ficar parado vendo o dólar se desvalorizar e prejudicar a indústria brasileira. Deixar isso acontecer, segundo ele, pode causar um "estrago na economia irrecuperável".

Algumas medidas estão em análise pela equipe econômica. Um auxiliar citou como hipótese a criação de um imposto sobre exportações de commodities, seguindo o modelo chileno que taxa vendas externas de cobre para formar um fundo de estabilização da economia.

No caso brasileiro, o fundo poderia ser usado até para proteger os produtores agrícolas em caso de forte queda dos preços internacionais das commodities.

A preocupação do governo é que uma nova alta nas taxas de juros como forma de tentar desacelerar o crescimento estimulará ainda mais a entrada de dinheiro estrangeiro, derrubando a cotação da moeda americana em relação ao real.

O fluxo de dinheiro estrangeiro para o Brasil continua forte. Somente em fevereiro, até o início desta semana, entraram US$ 3,6 bilhões em termos líquidos. Só de investimentos diretos para o setor produtivo foram US$ 6,7 bilhões, recorde para o mês.

Os empréstimos tomados no exterior que estão vencendo foram quitados, mas as empresas fecharam novas operações ainda maiores.

Parte da equipe de governo acredita que o setor exportador precisa ser compensado de alguma maneira, já que o movimento de apreciação do real que tem estimulado a vinda de estrangeiros para o Brasil deve-se não apenas às altas taxas de juros praticadas no país mas também ao cenário internacional, sobre o qual o governo não tem controle.

Nas últimas semanas, a crise em produtores de petróleo, como a Líbia, acentuou a preocupação. Uma alta muito forte no preço do produto pode ter impacto na retomada do crescimento das principais economias, além de contribuir para disseminar inflação mundo afora.

Preço do álcool sobe 3,7% nesta semana em SP – Mauro Zafalon – Mercado – Folha de São Paulo – 26/02/2011

O álcool apresentou forte alta nesta semana em São Paulo. O preço médio do litro ao consumidor estava em R$ 1,88 ontem na capital, com aumento de 3,7% em relação à semana anterior, segundo pesquisa da **Folha**.

No mês, a valorização é de 5,2%. Em alguns estabelecimentos da zona oeste, norte e do centro da cidade, o litro do hidratado já é vendido a R$ 1,99, de acordo com o levantamento, feito em 50 postos com bandeira.

Segundo Antonio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da Unica (associação dos produtores de cana), novos aumentos de preço na bomba dependerão do comportamento do consumidor após as últimas altas.

"O mercado precisa de um ajuste, o que deve acontecer em março", diz ele, referindo-se à migração do consumo de álcool para gasolina.

Vale a pena abastecer com etanol se o preço for igual ou inferior a 70% do valor da gasolina. Como o derivado do petróleo é vendido, em média, a R$ 2,54 por litro em São Paulo, também conforme pesquisa da **Folha**, deixou de ser vantajoso abastecer com álcool na cidade.

Nas usinas paulistas, o hidratado atingiu o maior valor da série histórica do Cepea, iniciada em 2000. Ontem, o indicador apontou o litro vendido a R$ 1,24 pelo produtor. Em 2010, o maior preço foi de R$ 1,20, em janeiro.

"Neste ano, a alta demorou mais para chegar porque os estoques estavam maiores do que na entressafra anterior", afirma Pádua.

Mas, no ano passado, as cotações começaram a recuar já em fevereiro, com a expectativa de início da moagem. "Já tínhamos uma boa produção da safra nova em março de 2010", lembra Pádua. Neste ano, porém, o início da produção também deve ter um mês de atraso.

Como ficou pouca cana em pé entre a safra velha e a nova, será preciso esperar mais para começar a moer cana.

E o cenário de preços elevados deve permanecer até que as usinas consigam pôr um volume significativo de álcool no mercado.

Mudanças no vizinho A presidente da Argentina, Cristina Kirchner, decidiu extinguir a Oncca (organismo que controla o comércio agropecuário do país) e transferir suas ações para o Ministério da Fazenda.

Mais intervenção? O anúncio aumentou o temor no mercado de maior poder intervencionista sobre as vendas de produtos agrícolas argentinos, com o objetivo de priorizar o consumo doméstico e combater as pressões inflacionárias.

Para cima 1 A notícia influenciou o mercado de grãos. O primeiro contrato de soja subiu 3,6% na Bolsa de Chicago, para US$ 13,65 o bushel. Milho e trigo fecharam com alta de 3,9%.

Para cima 2 Os preços em Nova York também ganharam fôlego. O algodão subiu 5,5% ontem, mas, mesmo assim, acumulou queda de 2,9% na semana.

Mais compras As importações paulistas de produtos agropecuários subiram 42% em janeiro, para US$ 740 milhões, diz o IEA.

Menor saldo Assim, mesmo com a alta de 11% nas exportações, o saldo da balança comercial do agronegócio paulista caiu 14%, para US$ 530 milhões.

OLHO NO PREÇO COTAÇÕES

Mercado Interno

ALGODÃO (R$ por arroba) 39,46

TRIGO (R$ por saca) 26,81
Nova York
CACAU(US$ por tonelada) 3.698
AÇÚCAR (cent.de US$)* 31,52

US$ 10 tri contra a pressão do petróleo – Jamil Chade – Economia – O Estado de São Paulo – 27/02/2011

Americanos, europeus e asiáticos buscam alternativas para reduzir a dependência do combustível produzido pelos países árabes

A crise que começou na Tunísia, passou pelo Egito, provoca uma guerra civil na Líbia e protestos no Iêmen e no Bahrein trouxe de volta o medo de um choque de petróleo, como o que abalou a economia mundial na guerra do Yom Kippur, em 1973, na Revolução Iraniana, em 1979, e às vésperas da crise financeira de 2008.O susto reforçou a busca pela redução da dependência em relação ao fornecimento do Oriente Médio e do norte da África.

Cálculos recém-produzidos pela Agência Internacional de Energia (AIE) revelam o tamanho do desafio: são necessários US$10,5 trilhões em investimentos até 2030 apenas para se aumentar o conforto em relação ao abastecimento dessas regiões.O cálculo leva em conta a necessidade de diversificar as fontes de abastecimento, reduzindo o poder dos países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), e o aumento do consumo global.

Para reduzir a dependência do petróleo na produção de energia, porém, o desafio é muito maior.Segundo a AIE, para diminuir a participação do petróleo na matriz energética global do patamar atual, superior a 80%, para 50% em 2050, seriam necessários nada menos que US$ 270 trilhões, número considerado praticamente inatingível.

Até o fim de 2011, o consumo mundial de petróleo atingirá a marca de 90 milhões de barris diários. Apesar de todo o esforço em busca de fontes alternativas, a AIE calcula que o consumo de petróleo seguirá crescendo e passará, em10 anos, de 100 milhões de barris de petróleo por dia.

O poder do cartel da Opep já diminuiu desde o primeiro choque do petróleo, de 1973.Na época, a Opep controlava 51 % da produção mundial. Agora, domina 40%. Mas essa participação ainda é suficiente para fazer um grande estrago.

Nervosismo. A recente alta de 20% no preço do petróleo, em apenas uma semana,foi deflagrada pela crise política na Líbia, responsável por apenas 2% da produção mundial. Segundo especialistas, existem duas razões para o nervosismo– e forte especulação – do mercado.

O primeiro é o medo de contágio da violência e da interrupção na produção em outros países árabes. A região do Oriente Médio e o norte da África, onde se concentramos conflitos,respondem por 35% da produção global. Os países já com conflitos produzem 10% do petróleo global.

A segunda razão é a recente queda no nível dos estoques mundiais. A crise financeira global de 2008 e 2009 provocou uma redução no consumo. Mas, com a recuperação da economia mundial, o consumo voltou a crescer, os estoques caíram, e ressurgiu o medo de uma disparada nos preços, como em 2007 e início de 2008, quando o barril do petróleo chegou a US$ 145.

Mohamed El-Erian, gestor do maior fundo de investimentos do mundo, o Pimco, disse ao **Estado** que, se a cotação do barril passar dos atuais US$ 110 a US$ 120 para

US$ 150, o mundo enfrentará um choque parecido como de 1973 (*leia entrevista com El-Erian na página B4*).

A solução mais imediata tem sido buscar apoio da Arábia Saudita e outros grandes produtores para irrigar o mercado e tranquilizar os investidores.O cartel conta com uma capacidade extrade6milhõesdebarrispordia, que poderia contribuir para frear a alta dos preços. Mas, segundo a AIE, mesmo essa capacidade instalada tem seus limites. A médio e longo prazos, americanos, europeus e asiáticos aceleram planos de buscar mais petróleo em seus territórios ou em novas fronteiras exploratórias. É nesse contexto que o caro processo de extração do petróleo do pré-sal brasileiro se torna viável.

Na Era Lula, usineiros receberam mais de R$ 28 bi do BNDES - SítioEletrônico da CPT - 28/02/1979

Considerados "heróismundiais" pelo ex-presidente Lula, osusineirosobtiveram, nosúltimosoitoanos, R$ 28,2 bilhõesemempréstimos do BNDES. Sóem 2010, porexemplo, foram R$ 7,4 bilhõesquefinanciaramdesde o cultivo de cana-de-açúcar (R$ 953 milhões) até a fabricação de açúcar e álcool (R$ 5,6 bilhões) e a cogeração de energia (R$ 665 milhões). O valor foi superior aorepassadoa outros setores da economia no ano, como as indústrias de papel, celulose e extrativista juntas.

(Ihu On-line)

Para o coordenador de açúcar e álcool do Ministério da Agricultura, Cid Jorge Caldas, o volume desembolsado coincide com a retomada da produção de etanol, impulsionadapelosveículos flex. "Porcausa da demandaporetanol, surgiramnovosinvestimentos de usinas e grandesgruposentrando no ramo. De 2005 paracáforam 150 novasusinas", disse.Comparadoaosoitoanos do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), o desembolsofoi 1.156,4% maior. Segundo o banco, no períodoforamdesembolsados R$ 2,2 bilhões.

"O BNDES semprefoi um parceiro do setor e seuavançopassapelofinanciamento", disseSérgio Prado, representante da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar) naregião de RibeirãoPreto. Eleafirmouque o papel do bancofoi "fundamental" para o setorsobreviveraosefeitos da crisemundial. "Eles [BNDES] financiaramaté capital de giroàsusinas." O ex-presidente Lula se referiuaosusineiroscomo "heróis" em 2007.

À época, eledissequeosempresários, atéseisanos antes, "eramtidoscomo se fossemosbandidos do agronegócio" e queestavamvirando "heróisnacionais e mundiais" porquetodomundoatentoupara o etanol.

Osdesembolsos do BNDES vãogarantir à UsinaBatatais, porexemplo, a construção de suafábrica de açúcarnaunidadelocalizadaemLins. O pedido de R$ 60 milhõesdeveserliberadoaté o final do semestre, segundoprevisão de um dos diretores da empresa, Bernardo Biagi.

O desembolso de R$ 446 milhões à ETH Bionergia, do grupoOdebrecht,

vaigarantiraimplantação de quatronovasusinas do grupo. JáaAgroenergia Santa Luziaconseguiu R$ 201,6 milhõesparaelevar a capacidade de moagem e produção de energia de suasusinas. "O BNDES tem sido um importanteinstrumento de capitalização das usinasparainvestimento e crescimento do setorsucroenergético", afirmouBiagi.

Biodiesel

Brasil financiará estudos sobre biocombustíveis na África – Biodiesel Br – 18/02/2011

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) assinaram nesta quinta-feira um acordo para financiar estudos na área de bioenergia em outros países em desenvolvimento.

Conforme comunicado do Ministério que não detalha os números do crédito, o Acordo de Cooperação para a Promoção de Biocombustíveis em Países em Desenvolvimento assinado entre a chancelaria e a principal instituição de fomento do Brasil beneficiará inicialmente uma série de estudos em países da África Ocidental.

O primeiro estudo será realizado em associação com a União Econômica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA), formada pelo Benin, Burkina Fasso, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, Mali, Níger, Senegal e Togo.

Com o grupo existia, desde outubro de 2007, um memorando de entendimento na Área de Biocombustíveis para realizar estudos de viabilidade sobre a produção dos combustíveis verdes nessa região.

O estudo aprovado terá como fim "determinar os locais mais indicados e as melhores condições de desenvolvimento sustentável para a instalação de projetos de bioenergia", detalhou o comunicado.

Brasil é o maior exportador mundial de etanol a partir de cana-de-açúcar e o segundo maior produtor de combustíveis verdes no mundo depois dos Estados Unidos. O país alcançou importantes avanços na produção de biodiesel.

Etanol

PETRÓLEO - Economia - Estado de São Paulo – 01 /02/2011

Tensão no Egito deixa Opep em alerta A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) observa a situação no Egito, mas só aumentará a oferta se houver escassez, disse o secretário-geral do cartel, Abdullah al-Badri. A cotação tem subido por causa da tensão no Egito. O tipo Brent, negociado em Londres, fechou em US$ 101,01
Forte Alta

A Agência Nacional De Petróleo disse que o País atingiu recorde na produção em dezembro 2,18 milhões de barris por dia foram produzidos pela Petrobrás e pelas companhias privadas que operam no Brasil 4,4% foi a porcentagem de crescimento em relação a novembro.

Petróleo sobe e fecha acima de US$92 – Economia – O Estado de São Paulo – 01/02/2011

O preço do petróleo subiu 3,19% em Nova York, para US$ 92,19 por barril, o maior nível desde 3 de outubro de 2008. A commodity segue recebendo suporte da preocupação dos investidores com os protestos no Egito. O receio é de que a intensificação das manifestações contra o governo do país afete o tráfego de navios petroleiros no Canal de Suez e também o fluxo de combustíveis transportados pelo oleoduto de Sumed.Diariamente, passam por essas duas estruturas mais de dois milhões de barris de petróleo vindos do Golfo Pérsico e destinados à Europa e a outros mercados.

Com crise no Egito, petróleo vai a US$ 101 -PAULO MIGLIACCI – Mercado – Folha de São Paulo -01/02/2011

Barril tem maior preço desde setembro de 2008 em meio a temores de que tumulto se espalhe e prejudique transporte

Estoques baixos e aumento na demanda também explicam aumento; em dois anos, cotação avança 163%

O petróleo Brent, referência do mercado mundial, principalmente na Europa e na Ásia, ultrapassou US$ 101 por barril ontem pela primeira vez em mais de dois anos, como efeito dos tumultos no Egito, que acrescentaram preocupações de oferta a um mercado que já vinha se tornando menos elástico. O barril foi a US$ 101,01 (+1,6%), maior cotação desde setembro de 2008, antes da grande queda nos preços do petróleo

em consequência da crise financeira. Desde a cotação mais baixa, de US$ 38,37, em dezembro de 2008, o Brent já subiu 163%.

Em Nova York, o barril WTI, referência para o mercado americano, subiu 3,19% e fechou a US$ 92,19.

A mais recente alta do petróleo começou em meio às imagens de inquietação civil no Egito, que serve como um dos gargalos para os embarques internacionais de petróleo e é vizinho de alguns dos grandes países produtores.

Há preocupação quanto à possibilidade de que o caos prejudique os movimentos de petroleiros pelo canal de Suez e o fluxo de petróleo no oleoduto Sumed, embora não tenham sido registradas perturbações em nenhuma das rotas.

As duas rotas respondiam pela passagem diária de 2,1 milhões de barris de petróleo -o equivalente a 2,5% da demanda mundial- em 2009, a data mais recente para a qual o Departamento da Energia dos EUA dispõe de dados.

IMPACTO

"Caso a crise se restrinja ao Egito, as preocupações do mercado envolveriam basicamente potenciais questões logísticas", como o canal e o oleoduto, disse David Greely, diretor de pesquisa de energia no Goldman Sachs. "O impacto sobre o mercado do petróleo não seria o mesmo que o de perturbações em um grande país produtor, mas as pessoas se preocupam com a possibilidade de que isso se espalhe a grandes países produtores de petróleo como a Líbia ou a Argélia ou para outras partes do Oriente Médio."

Depois de um período prolongado de preços sob controle, o petróleo iniciou um processo de alta no fim de 2010, quando a demanda mundial subiu 3,2%, para 87,7 milhões de barris ao dia.

A capacidade ociosa administrada pela Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), um indicador importante da capacidade de resposta a choques de oferta, caiu abaixo dos 5 milhões de barris diários pela primeira vez em dois anos, de acordo com a AIE (Agência Internacional de Energia).

Ali Naimi, ministro do Petróleo da Arábia Saudita, sugeriu ontem que o mercado do petróleo passa por um lento processo de aperto e disse que os estoques acumulados na crise financeira, quando o consumo de energia despencou, haviam sido "em larga medida esgotados" e que a demanda por energia havia retornado "aos níveis anteriores à crise".

"A recuperação está em curso na maioria das regiões do mundo." No entanto, ele disse que a produção atual da Opep é suficiente. "O mercado está relativamente equilibrado."

Naimi se recusou a comentar se a Arábia Saudita ou a Opep elevariam a produção.

Vale faz acordo com Gold Oil para operar bloco terrestre no Peru- Mercado – Folha de São Paulo – 01/02/2011

DA REUTERS - A Vale assinou um acordo com a Gold Oil para comprar uma participação (chamada "farm-out") no bloco 21 no Peru por US$ 2 milhões (cerca de R$ 3,26 milhões), informou a Gold Oil.

O contrato, ainda sujeito à aprovação da Perupetro, permitirá que a Vale seja operadora do bloco, com 70% de participação. A Gold ficará com a fatia restante. O bloco de petróleo está situado em terra, localizado na bacia Sechura, no nordeste do país.

A Vale, maior produtora de minério de ferro do mundo, começou suas atividades de exploração de petróleo e gás em 2007 e já detém participações em blocos no Brasil, que incluem as bacias de Santos, Espírito Santo, Pará-Maranhão e Parnaíba. Em comunicado, o presidente da Gold Oil, Richard Mew, declarou: "Acreditamos que a Vale trará consideráveis recursos para auxiliar na perfeita avaliação do bloco. O "farm-out" com a Vale é outro importante marco para a companhia, uma vez que buscamos reduzir a nossa exposição a riscos".

A Vale pagará os US$ 2 milhões em dinheiro e irá ajudar a Gold com o programa de exploração

Para analistas, petróleo em alta não encarece gasolina – Monica Cicarelli e Nicola Pamplona – Economia - O Estado De São Paulo – 02/02/2011

Petrobrás deve manter preços dos combustíveis mesmo com a oscilação internacional provocada por crise política no Egito

A atual escalada do preço do petróleo não deve resultar em aumentos nos preços da gasolina e do diesel no País. A opinião é de analistas consultados pelo **Estado**, para quem a Petrobrás vai manter sua estratégia de acompanhar o mercado internacional a longo prazo. Ainda mais em um momento em que a inflação se torna motivo de preocupação para o governo. Ontem o petróleo Brent, negociado em Londres,fechou em US$ 101,74 por barril,
por causa de preocupações com a crise política no Egito.

O analista de petróleo do Banco do Brasil, Nelson Rodrigues de Mattos destacou que a Petrobrás vem mantendo, nos últimos dois anos, os preços da gasolina e do diesel, estratégia que não deve ser mudada por causa de um “episódio pontual” que pressiona os preços internacionais.

Segundo suas contas,os valores praticados pela estatal brasileira estão hoje 2% inferiores às cotações americanas.Nos últimos dois anos, os preços internos estiveram mais caros. “Não acredito que, no primeiro momento em que há uma defasagem para baixo, a Petrobrás eleve os preços.” Para o analista, a Organização dos Produtores e Exportadores de Petróleo (Opep)deve atuar para reduzira pressão sobre o barril de petróleo neste momento de conflito.

Essa alta, observou, se prolongada, poderia retardar a recuperação da economia mundial.

O Egito tem importância estratégica no transporte de petróleo entre o Oriente Médio e a Europa. Por isso, o Brent está mais pressionado que o WTI, negociado em Nova York, que ontem fechou a US$ 99,07 por barril.

O analista de petróleo da Geração Futuro, Lucas Brendler,também aposta em manutenção no preço da gasolina e diesel no mercado interno – mesma opinião do Copom,segundo a ata da última reunião do conselho. Além de serem produtos com maior influencia sobre a inflação, o analista também aponta a estratégia de focar no longo prazo como um empecilho para uma subida de preços.Para Brendler,a Petrobrás só teria mais interesse de elevar os preços caso o valor do preço do barril se mantenha pressionado por mais tempo.

Para o diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), Adriano Pires, a manutenção dos preços internacionais em níveis mais altos é um risco real. “O petróleo

já vinha subindo desde o fim do ano passado porque todos esperam uma recuperação mais rápida da economia mundial. E a oferta de petróleo não vai crescer muito este ano", comenta ele, que já previa cotações em torno dos US$ 100 por barril no segundo trimestre.

Pires, porém, concorda que os preços da gasolina e do diesel devem ser mantidos, mesmo com o petróleo mais caro, por causa do impacto inflacionário dos produtos. Ele lembra, por outro lado,que a estatal tem uma política de reajustes mais freqüentes para outros produtos,como querosene de aviação, nafta petroquímica e óleo combustível, cujos preços devem sentir os efeitos da crise política no Egito.

Tensão no Egito ressalta necessidade de encontrar alternativas ao petróleo – Thaís Marzola Zara – Mercado – Folha de São Paulo – 02/02/2011

Nesta semana, o petróleo tipo Brent chegou a superar a barreira de US$ 100 o barril.

Sobre um mercado que vinha aquecido nos últimos dois meses, por conta de perspectivas de recuperação da economia norte-americana e compras chinesas, pesaram as preocupações com as crescentes tensões políticas no Egito, por dois motivos. Primeiro, apesar de o Egito não ser um importante produtor, tem um grande papel no transporte do óleo do Oriente Médio e do Mediterrâneo para a Europa, pelo canal de Suez.

Mesmo o canal sendo estreito demais para permitir a passagem de petroleiros de maior porte, por ele passa cerca de 1 milhão de barris de petróleo por dia. Além disso, mais 1,1 milhão de barris é transportado para o norte pelo oleoduto Suez-Mediterrâneo. Assim, pelo canal de Suez passam cerca de 2% da produção mundial de petróleo.

De efetivo estão ocorrendo apenas alguns atrasos nos embarques, provocados pela alteração de procedimentos -antes realizados via internet, passaram a ser feitos pessoalmente. O transporte, então, tem ocorrido de forma praticamente normal. O segundo motivo para a alta recente do petróleo é que as tensões no Egito abrem caminho para especulações sobre uma reação em cadeia de outros países do Oriente Médio.

Isso, sim, poderia afetar seriamente a produção mundial, especialmente se chegasse até a Arábia Saudita. O mais provável é que a alta de preços tenha sido exagerada e tenda a se corrigir nos próximos dias, voltando a rodar em torno de US$ 90 por barril.

No pior dos casos, o petróleo continuaria vindo ao ocidente, nem que fosse contornando a África. No entanto, esse evento nos lembra que grande parte do petróleo mundial está sob um território sujeito a turbulências, reforçando a necessidade da busca de outras reservas do recurso natural e de alternativas a ele no médio e longo prazo.

Conflito já se reflete no preço do petróleo – Rogério Ortega – Mundo – Folha de São Paulo – 19/02/2011

Especialistas, porém, não veem risco de disparada enquanto agitação política não chegar aos principais produtores

A Líbia está entre os 20 maiores do ranking, e o Bahrein fica próximo da Arábia, responsável por 15% da produção global

Os conflitos no mundo árabe, que depois da queda dos regimes ditatoriais na Tunísia e no Egito chegaram a países onde a produção de petróleo é grande, já se refletem no custo do óleo no mercado. Especialistas, porém, dizem não ver risco imediato de que os preços disparem.

Cenário de protestos nos últimos dias, a Líbia está entre os 20 maiores produtores de petróleo do mundo e é membro da Opep (organização dos países exportadores) desde 1962, sete anos antes da ascensão do ditador Muammar Gaddafi ao poder.

Já o Bahrein, embora produza relativamente pouco -ocupa apenas o 63º lugar no ranking-, está localizado no golfo Pérsico, próximo da Arábia Saudita, que é o segundo maior produtor e responde por até 15% de todo o petróleo do mundo. Segundo Walter de Vitto, analista de energia da consultoria Tendências, os atuais preços do petróleo, próximos à casa dos US$ 100 por barril, já embutem o risco de que as revoltas se espalhem pela região. "Esse preço não se explica só por questões de oferta e demanda."

Para ele, porém, por enquanto não há notícia de que a agitação política tenha afetado produção ou exportação dos países de maior peso no setor, incluindo Líbia e Argélia -outro membro do clube dos "20 mais" que enfrentou protestos recentes. "Se chegar à Arábia Saudita, aí, sim, será um problema -além de ser um grande produtor, o país tem capacidade ociosa e pode atender a uma demanda maior só "apertando o botão". Até agora, é só a percepção de risco", avalia.

PAPEL DE SUEZ

Newton Monteiro, ex-diretor da Agência Nacional do Petróleo e consultor de empresas energéticas, diz que, por ora, não está preocupado com os reflexos das rebeliões no preço da commodity. "Os lugares onde elas estão acontecendo não estão no centro da produção mundial."

"Enquanto os conflitos não chegarem a países como Arábia Saudita, Kuait e Qatar -que é importante por ter uma produção de gás imensa-, não vejo razão para grande impacto nos preços. Só por motivos especulativos, não técnicos. Investidor tem medo de tudo", afirma.

Do ponto de vista do mercado, Monteiro considerava mais perigosa a revolta no Egito -que durou 18 dias e terminou por derrubar o ditador Hosni Mubarak- por causa do canal de Suez, por onde são escoados 6% da produção global de petróleo. "O pré-sal brasileiro ainda está longe de ter produção suficiente para compensar um eventual desabastecimento do óleo do Oriente Médio, que passa por Suez."

De Vitto discorda quanto aos riscos de um eventual bloqueio do canal, que acabou não se concretizando durante a rebelião egípcia. "Seria só dar a volta na África. Os preços subiriam, é claro, mas os países não ficariam sem petróleo", diz o consultor.

Ontem, os contratos futuros de petróleo do tipo Brent chegaram a ser negociados a mais de US$ 103 o barril depois que o Egito autorizou a passagem de dois navios da Marinha iraniana pelo canal de Suez. Depois, a cotação recuou para US$ 102,97. A atitude do Irã foi classificada de "provocação" por Israel.

Crise faz petróleo atingir maior cotação em 2 anos – Jamil Chade - Internacional – O Estado de São Paulo – 22/02/2011

Instabilidade na Líbia, 12º produtor de óleo, eleva preço do barril a US$105 e já ameaça abastecimento na Europa

O conflito no 12.º maior exportador de petróleo no mundo, a Líbia, faz o preço do barril aumentar rapidamente e atingir a maior cotação em mais de dois anos. A situação em Trípoli já ameaça o abastecimento da Europa, dependente de importação de petróleo, e fez bolsas de valores despencarem ao redor do mundo.

Desde o início da crise, 50 mil barris de petróleo a menos por dia estão saindo da Líbia rumo à Europa. O volume poderia crescer rapidamente se o conflito se aprofundar.

Cerca de 6% da produção nacional de petróleo da Líbia já foi paralisada, o suficiente para levar a um salto de 5% no preço internacional do petróleo, atingindo US$ 105 por barril.O valor é o mais alto desde a eclosão da crise econômica de 2008.

Diante da ameaça de um desabastecimento, a Agência Internacional de Energia já anunciou que suas reservas estratégicas estão sendo colocadas à disposição dos países importadores, principalmente europeus. Essas reservas só foram usadas em duas ocasiões: em 1991 na Guerra do Golfo e em 2005, com o furacão Katrina.

Com 2% da produção mundial de Petróleo, o regime de Muamar Kadafi garante 20% do consumo da Itália e, até poucos meses, de 70% da Suíça. Vários outros países europeus passaram a importar petróleo da Líbia nos últimos anos, depois que Kadafi fechou um acordo em 2003 que prometia livrar seu país de armas proibidas – químicas, biológicas e nucleares. Em troca, deixou de ser um pária internacional e as sanções contra Trípoli
foram levantadas.

Rapidamente a Líbia passou a ser um dos maiores exportadores de petróleo e, com o dinheiro, Kadafi adquiriu empresas na Itália,ajudou a Fiat a superar problemas financeiros e comprou até 7% das ações do time da Juventus de Turim, onde colocou seu filho para jogar.

Não por acaso, ontem a Bolsa de Milão fechou em queda de 3,5% diante do caos no país norte africano. O ouro subiu e a prata atingiu seu maior nível em 33 anos. Em Londres, a bolsa fechou em baixa de 1,1%.

Na Wintershall, controlada pela Basf, a produção na Líbia foi reduzida. Shell, Total, ENI e OMV já começaram a retirar seus funcionários do país. A BP anunciou a suspensão de operações de exploração e vai retirar 40 funcionários internacionais. A empresa havia fechado um contrato de quase US$ 1 bilhão com Kadafi em 2007. Já norueguesa Statoil chegou seu escritório em Trípoli.

A produção na Líbia é estimada em 1,6 milhão de barris por dia. Mas, pelo menos no campo de Nafoora, o fluxo teria sido interrompido. Na Europa,a principal preocupação é com a possibilidade de que o conflito se transforme em uma guerra separatista na região leste da Líbia –Cirenaica – rica em petróleo.

Temor.

A Europa teme também que o dominó de governos no Norte da África leve a um aumento vertiginoso no fluxo de imigrantes em suas costas.O cenário já fez governos europeus articularem uma operação para defender suas fronteiras.

Kadafi já havia ameaçado romper seu acordo de imigração se Bruxelas não mudasse o tom das críticas contra seu regime.Diplomatas europeus consultados pelo **Estado** afirmaram que, para muitos governos europeus, a ideia de uma onda de refugiados e imigrantes nesse momento de crise econômica pode ser desastrosa em

termos eleitorais. Muitos líderes da região foram eleitos com base na luta contra a imigração.

A Itália, que mantém relações estreitas com Kadafi, deixou claro ontem que não quer ver, em suas costas, uma fragmentação da Líbia. “Um emirado islâmico nas fronteiras da Europa seria muito perigoso”, afirmou o ministro de Relações Exteriores da Itália, Franco Frattini, dizendo que os manifestantes já teriam tomado a cidade de Benghazi.

Uma repetição do que ocorreu nos anos 90 como fluxo de iugoslavos fugindo da guerra provocaria uma situação bem mais incômoda hoje para os europeus. Ontem, a UE deixou claro que teme essa ameaça imigratória. “Estamos muito inquietos com a evolução
da situação no Norte da África”, afirmou Michele Cercone, porta-voz da comissária de Imigração da UE, Cecila Malmstrom. Segundo ela, se a Líbia de fato romper o acordo, o fluxo de imigrantes pode explodir.

Preço do barril de petróleo bate US$ 105- Pablo Gorondia – Mundo – Folha de São Paulo -22/02/2011

Revolta na Líbia e temor de que onda alcance Arábia Saudita provocam alta principalmente no valor do Brent

Especialista diz que mercado está "ansioso" com próximos capítulos da onda de tensão em países do Oriente Médio

Os preços do barril de petróleo tiveram alta de mais de US$ 4 ontem, em meio a receios dos investidores de que os protestos na Líbia possam prejudicar o fornecimento de óleo cru do país, membro da Opep, e afetar outros países produtores da região. No final da tarde na Europa, o preço de referência do cru para entrega em março tinha subido US$ 4,03, para US$ 90,23 o barril, nas negociações eletrônicas na Bolsa Mercantil de Nova York (Nymex). O contrato tinha caído US$ 0,16, firmando-se em US$ 86,20 na sexta-feira.

Em Londres, o barril Brent para entrega em abril subiu US$ 3,22, para US$ 105,74 na bolsa de futuros ICE.

Os mercados americanos, incluindo as negociações na Nymex, estavam fechados ontem em razão do feriado do Dia dos Presidentes, e os baixos volumes negociados possivelmente ampliaram as flutuações nos preços.

O spread entre os contratos Nymex e Brent diminuiu ligeiramente, mas ainda está muito acima dos níveis normais de alguns dólares por barril. O Brent é visto como mais sensível a perturbações no Oriente Médio, enquanto os estoques de cru dos EUA são uma das razões das cotações mais baixas no Nymex.

No domingo, Seif al Islam Gaddafi, filho de Muammar Gaddafi, avisou os manifestantes que eles correm o risco de desencadear uma guerra na qual a riqueza petrolífera da Líbia "será queimada".

A Líbia é um dos maiores produtores de petróleo do mundo e possui as maiores reservas petrolíferas comprovadas em toda a África. O país produz cerca de 1,6 milhão de barris de cru por dia e exporta 1,1 milhão.

Empresas petrolíferas como a BP, sediada no Reino Unido, e a alemã Wintershall anunciaram a suspensão temporária de suas operações na Líbia, mas a italiana Eni disse que sua produção prossegue. Algumas das empresas começaram a retirar seus funcionários estrangeiros que estão na Líbia.

"Em comparação com a Tunísia [pequena exportadora de cru] ou o Egito [que não exporta óleo, mas é um país de trânsito de exportações], a instabilidade na Líbia é motivo de preocupação importante para a indústria petrolífera", disseram analistas da JBC Energy, em Viena.

Os negociantes de petróleo também estão observando de perto os protestos recentes no Irã, segundo maior país exportador de cru da Organização de Países Exportadores de Petróleo, atrás apenas da Arábia Saudita.

"Os receios do mercado não se limitam à Líbia", disse Victor Shum, analista energético da Purvin & Gertz, em Cingapura. "É pouco provável que ocorram perturbações importantes no fornecimento de petróleo do Oriente Médio ou norte da África, mas a expansão dos distúrbios provoca ansiedades."

Especialistas também mencionaram a possibilidade de a turbulência política chegar à Arábia Saudita como possível ameaça ao fornecimento de óleo e fator de alta dos preços do óleo. O país possui as maiores reservas mundiais comprovadas de óleo cru convencional.

Revolução árabe, medo ocidental – Vinicius Torres Freire – Mercado –Folha de São Paulo – 22/02/2011

AS NOTÍCIAS de guerra civil na Líbia fizeram o preço do barril de petróleo subir 2,6% ontem (do Brent, petróleo cotado numa Bolsa eletrônica para o produto que vem da Europa, do Oriente Médio e da África). O barril do Brent foi a US$ 105. Na ansiedade crítico-analítica estimulada por nós, jornalistas, há muito "analista de mercado" a dizer à mídia financeira mundial que o petróleo a US$ 120, US$ 130, pode jogar o mundo em nova recessão.

Dita assim, a "análise" não quer dizer nada. Petróleo a US$ 120 quando? Semana que vem? Por quanto tempo? Até o final do ano?

Mas muito economista sério acredita que a economia dos Estados Unidos começara a fazer água bem antes do colapso financeiro de 2008 entre outros motivos devido à alta do preço do petróleo.

Na terceira semana de julho de 2008, pico da demanda de commodities e da demência especulativa com recursos naturais, o Brent foi a US$ 135, mais de 70% acima do preço registrado um ano antes.

Como se recorda, foi um período em que havia "revoltas do pão" do México ao sul e ao sudeste da Ásia, passando pelo norte da África, agora em tumulto (por "pão" entenda-se trigo, milho, arroz etc.).

Nos Estados Unidos, havia a irritação da gasolina, que ficara carésima, derrubando até o número de viagens que os americanos faziam. Mais importante, o choque de custos talhava a rentabilidade de empresas e o poder de consumo das famílias. Graças ao desastre provocado pela grande finança, o mundo entrou em recessão feia. Esqueceu-se por um tempo de fome, de inflação de commodities e do preço do petróleo, que chegou a cair a US$ 35 o barril em dezembro de 2008. Note-se de passagem que é preciso ser muito ingênuo ou mercadista de má-fé para

acreditar que o barril passou de US$ 135 para US$ 35 em menos de seis meses devido à queda da demanda. Mas passemos.

O preço do petróleo não vinha subindo tanto como o de trigo, milho e soja, mas já aumentava desde antes das revoltas árabes. Ficou entre US$ 70 e US$ 80 de agosto de 2009 a setembro de 2010. Então passou a subir, graças ao consumo de China, de emergentes e cia., e com as notícias e evidências de recuperação econômica mais forte do que o esperado no mundo rico (mais forte, mas ainda assim pífia). No final de janeiro, o barril do Brent foi a US$ 100.

Ou seja, um pouco de recuperação econômica voltou a jogar o preço das commodities no espaço, um dos fatores do tumulto árabe e de conversas sobre alta de juros até na ainda deprimida Europa. Há boatos de que, devido ao medo de "revoltas do pão", países importadores estariam aumentando estoques, o que ajuda a inflacionar o mercado.

A revolta dos povos árabes pode encaroçar esse angu, de fato. Mas, por ora, os países em tumulto fornecem uns 3% do petróleo mundial -a Líbia exporta 1 bilhão de barris de um mercado global de 89 bilhões.

Mesmo que esses países ora em transe entrassem em colapso, os sauditas e seus primos poderiam suprir a diferença. Sim, o tumulto esquenta a especulação. Sim, está difícil dizer onde vai parar a revolução árabe, embora se duvide muito de que a agitação chegue à península Arábica, onde está o grosso do petróleo. O clima ficou tenso, mas, por ora, há mais especulação do que perigo. Por ora, pelo menos.

Petróleo: dá para absorver alta – Alberto Tamer – Economia – O Estado de São Paulo – 24/02/2011

As tensões no mercado mundial de petróleo aumentaram ontem com a crise na Líbia e o anúncio das empresas de reduzirem a produção no pais. A cotação do Brent, usado como base de avaliação do mercado, chegou a US$ 111 no meio da tarde, recuando depois para US$ 105,num movimento puramente especulativo.

A questão não é bem saber quanto mas até “quando” os preços podem aumentar. Se forem meses de alta, haverá pressão sobre os preços dos combustíveis, o que vai reduzir o poder de compra de consumidores e pressionar a inflação. Isso pode ser mais grave nos EUA e na Europa, que não podem subsidiar os consumidores; menos na China, que tem reservas.

No Brasil, a Petrobrás não precisa repassar a alta dos preços em curto prazo. Tem flexibilidade para compensar com produção interna e vendas de petróleo e derivados produzidos no exterior, formando um mix que atenua os efeitos da alta dos preços internacionais.

O presidente da empresa, Sérgio Gabrielli afirmou na terça-feira que o aumento atual é especulativo,“ sem fundamentos que justifiquem uma tendência permanente de alta”. Haverá ainda intensa volatilidade nos próximos meses, mas ele não acredita que as crises na África e do Oriente Médio possam ter “impacto duradouro e significativo na produção mundial”.

Até quanto e até quando. Mesmo assim, a pergunta persiste: até quanto e até quando os preços continuarão ultrapassando US$ 100? Podem chegar de novo aos US$ 145 de 2008? Mais ainda, quais as consequências sobre a recuperação econômica mundial?

O primeiro fato a considerar é que a alta não está sendo provocada pela falta de petróleo. A produção atual, basicamente concentrada nos países da Opep, é de 87 milhões de barris por dia, e a demanda, de 85 milhões. Há ainda as reservas nos países consumidores, de 1,6 bilhão de barris, ao contrário do que ocorreu em 2008. Além disso, os países da Opep,principalmente a Arábia Saudita, têm capacidade ociosa de 4 a 5 milhões de barris/dia, que podem colocar no mercado rapidamente. E o ministro do petróleo saudita já afirmou que seu país fará isso, se necessário.

Antes, a Opep admitiu que o preço sustentável para produtores e consumidores é de US$ 95. Isso não iria conter o crescimento do PIB mundial, estimado pelo FMI em 4,5% este ano, com base em um barril também de US$ 95.

Não vai dar. Os operadores que alimentam a especulação corriam ontem a afirmar que o petróleo saudita não será suficiente. É do tipo pesado e o da Líbia é leve. Pode faltar no mercado. É meia verdade. Há outras fontes e reservas de leve também. E mais:a Líbia é um produtor marginal, de apenas 1,6 milhão de barris por dia,como bem lembrou o presidente da Petrobrás. Ela não é decisiva na formação dos preços em curto prazo.

Diante do agravamento da crise,a produção caiu em torno de 350 mil barris/ dia. Para as companhias, isso já está refletindo nos preços. AIE decisiva. Os analistas mais independentes afirmavam ontem que, neste cenário a Agência Internacional de Energia pode ter papel decisivo. Ela foi criada para acompanhar a evolução do mercado, sob a ótica dos países consumidores para agir nessas situações. Esta semana, porém, o diretor-executivo da AIE,NobuoTanaka, se limitou a afirmar que o petróleo acima de US$ 100 ameaça a recuperação da economia mundial.

Os ministros da Opep, reunidos terça-feira reagiram bem. O representante da Arábia Saudita, Alia-Naimi, afirmou em entrevista coletiva que “a Opep está pronta para suprir qualquer escassez de petróleo quando isso acontecer”.“Há preocupação e medo, mas não há escassez.”

Brasil.Essa firme declaração – ele falava em nome de todos os ministros – não foi suficiente para impedir a onda de especulação que dominou o mercado. Quanto ao Brasil, pode esperar até que a onda acabe,porque, como afirmou Gabrielli, pode segurar os preços da gasolina e do diesel. Mas, de novo, permanece a questão? Até quanto e até onde?

Petróleo em revolta e o Brasil – Vinicius Torres Freire – Mercado – Folha de São Paulo – 24/02/2011

DEPOIS DO zum-zum-zum por enquanto algo histérico sobre o risco de nova crise econômica global, devido ao aumento dos preços do petróleo, começou uma conversa ainda mais ansiosa a respeito do efeito das revoltas árabes sobre o Brasil. Por ora, o preço do petróleo sobe por precaução especulativa, digamos. A guerra civil na Líbia está feiíssima, mas o temor é de o caldo entornar na península Arábica, nos Emirados e na Arábia Saudita. O entupimento dos canos da Líbia não enfartaria o mercado mundial. Em paz, os emires e os sauditas precisam apenas abrir algumas torneiras extras em seus campos gigantes a fim de compensar o forfait líbio.

No caso de não haver choque maior nas economias maiores, Estados Unidos e China, no Brasil há um amortecedor parcial para a alta do preço do petróleo. Para o bem ou para o mal, a Petrobras funciona como um monopólio regulador. Não repassa imediatamente nem altas nem baixas de preço. Esteja o barril a US$ 35 ou a US$ 135,

muito consumidor não sente a variação, em particular o consumidor de varejo, de gasolina, por exemplo. Nos Estados Unidos, a variação de preço é sentida na veia e rápido, nas bombas da gasolina que os americanos bebem como doidos.

Mas não só combustíveis de varejo são feitos de petróleo & gás. Químicos vários, plásticos e fertilizantes dependem de produtos de refinaria. Muitos dos insumos desses produtos são importados -trata-se de um dos maiores buracos na balança comercial do Brasil. Os preços subiriam, se espraiando por toda a indústria e pela agricultura. A variação de outras commodities já colabora com a inflação "puramente" doméstica. A petroquímica inflacionada pioraria a situação. Além do mais, petróleo mais caro também pressiona o preço da comida por outros meios, devido aos biocombustíveis americanos, feitos de milho.

Quão provável é hoje o contágio?

Seria necessário um tumulto duradouro e radical, que mantivesse o barril a mais de uns US$ 120 por meses. Ou que houvesse a expectativa de que o preço ficasse por aí ou acima disso durante meses, ano até, no caso do preço do barril do tipo Brent -então seria provável mais especulação financeira e formação de estoques de segurança, o que levantaria ainda mais os preços.

O clima está, sim, tenso. O Brent foi a US$ 105 na segunda-feira e a US$ 111 ontem. Mas os entendidos desse mercado ainda não vislumbram a perspectiva de "choque do petróleo". O pessoal do "mercado" da finança, "analistas", é que está mais perturbado. Não há sinal de pânico no mercado financeiro ele mesmo, porém. Num cenário de alta contínua de preços, consumo pessoal e lucros cairiam nos EUA (haveria menos dinheiro para gastar em outras mercadorias; custos de produção subiriam). Alguma mordida no crescimento haveria, como houve em 2007/8, antes da crise financeira.

De julho de 2007 a julho de 2008, o preço do barril aumentou uns 70%, para US$ 135, levando talvez um ponto percentual de crescimento, segundo a conta de alguns bancos e economistas. Talvez houvesse mais inflação na China, embora os chineses ditatoriais estatistas tenham meios de sufocar o efeito de uma alta temporária de preços.

Mas isso tudo é apenas especulação, ainda.

EUA apostam no Brasil para fornecimento – Andrea Murta – Mercado – Folha de São Paulo – 25/02/2011

Durante a visita do ministro Antonio Patriota (Relações Exteriores) a Washington, que terminou ontem, os EUA afirmaram desejar transformar o Brasil em grande fornecedor de combustíveis fósseis ao mercado americano.

"[Os americanos] manifestaram interesse em importar petróleo do Brasil no futuro e mencionaram que podemos nos tornar importante fornecedor a partir das reservas do pré-sal", afirmou Patriota.

O plano seria de longo prazo -ao menos uma década. Para os EUA, é importante diversificar o fornecimento de energia, que na América Latina conta hoje muito com a Venezuela.

A questão foi discutida entre Patriota e Michael Froman, assessor do Conselho de Segurança Nacional. Os dois abordaram também a possibilidade de o Brasil exportar biocombustível para aviação aos EUA.

Na área da energia renovável, o ministro tentou impulsionar parcerias para produção e venda do álcool brasileiro. Segundo diplomatas, a presidente Dilma Rousseff não está satisfeita com os resultados das parcerias até agora. A questão das barreiras comerciais americana ao álcool brasileiro, porém, não avançou.

Arábia aumenta produção de petróleo – Mundo – Folha de São Paulo – 26/02/2011
Conflito na Líbia interrompeu produção local e gera alta global no preço da commodity; barril chegou a US$ 120
Após alta nos preços, sauditas ampliaram a sua produção para cerca de 9 milhões de barris de petróleo diariamente
DO "FINANCIAL TIMES"

A Arábia Saudita começou a produzir mais petróleo para suprir o deficit no fornecimento global causado pela crise política na Líbia, segundo a AIE (Agência Internacional de Energia).

O país teria aumentado sua produção ontem para ao menos 9 milhões de barris por dia. Em janeiro a produção era de 8,6 milhões de barris diários, segundo a organização Energy Intelligence, ligada à industria petroleira.

A crise líbia fez o preço do barril do petróleo Brent, usado como referência global, atingir US$ 120 na última quinta-feira -o maior aumento em dois anos e meio. Após a reação de Riad, fechou ontem em US$ 112,14.

A Europa é a maior compradora do petróleo da Líbia -cuja produção diária estimada é de aproximadamente 1,2 milhão de barris.

Por isso, autoridades sauditas têm negociado com refinarias europeias a quantidade e a qualidade do petróleo necessário para compensar as perdas.

Antes do aumento, Riad tinha uma capacidade de produção ociosa de 3,5 milhões de barris diários - aproximadamente três quartos da capacidade ociosa da Opep (Organização de Países Exportadores de Petróleo), de 4,7 milhões de barris por dia. Manter a reserva ociosa em nome da saúde da economia global gera altos custos para os sauditas. Adicionar um único barril à capacidade de produção normal custa pelo menos US$ 5 mil.

A motivação do país é manter o petróleo acessível aos compradores para garantir um crescimento sustentável da demanda global.

Interrupções de produção aumentam os preços e podem gerar recessão e queda na demanda.

Desde a crise do petróleo de 2008, que elevou o preço do barril a US$ 150, Riad tem aumentado sua produção, que pode chegar a 12,5 milhões de barris por dia.

Etanol brasileiro pode ganhar espaço nos EUA - Marcos de Moura e Souza – Valor Econômico – Internacional – 28/02/2011

A instabilidade no Oriente Médio e as consequentes pressões sobre a cotação de petróleo podem trazer ganhos temporários para o setor da energia alternativa e em especial, o do etanol. É essa a avaliação que passou a ser feita entre produtores do combustível no Brasil quando os protestos nos países árabes, e em particular na Líbia,

começaram a empurrar com mais força a cotação do barril e a alimentar temores de que a crise política se dissemine para outros grandes produtores de petróleo do mundo árabe. Só em uma semana, o preço do barril subiu 20% e alguns analistas já traçam cenários sombrios nos quais a cotação poderia bater os US$ 150 ou até mesmo passar dos US$ 200. Na sexta-feira, o barril fechou em US$ 97,00 em Nova York e em US$ 112,14 em Londres. Quem produz e comercializa etanol no Brasil prevê o seguinte: se, de fato, os preços do barril continuarem subindo, os EUA tendem a demandar o etanol brasileiro — algo que só aconteceu duas vezes nos últimos anos.Emambos os casos, situações de emergência. Os EUA — segundo maior consumidor de energia do mundo, depois da China — são uma ambição antiga dos produtores brasileiros. Mas a tarifa de importação de US$ 0,54 por galão em vigor há uma década praticamente vetam desembarques do etanol do Brasil. As tarifas ajudam os fazendeiros americanos que produzem etanol à base de milho e garantem a eles mercado sem a concorrência do Brasil, que fabrica etanol mais barato à base de cana de açúcar. "O que há neste momento nos EUA é uma grande insegurança de que a crise se dissemine por mais países no Oriente Médio e que isso venha a provocar um aumento nos preços da gasolina na bomba. E se isso acontecer será positivo para qualquer combustível alternativo, incluindo o etanol do Brasil", disse na sextafeira, de Washington, Marcos Jank, presidente da União da Indústria de Cana de Açúcar (Unica), entidade de produtores de açúcar e etanol. Seria positivo também para o próprio etanol fabricado nos EUA não fosse o fato de que no país os preços desse combustível sobem mais ou menos no mesmo ritmo que os do petróleo. Isso as usinas americanas são movidas a gás, cujos preços são diretamente vinculados aos do óleo. Em Nova York, o galão do etanol estava na semana passada em US$ 2,60 — ante US$ US$ 1,62 em março de 2010. A vantagem do Brasil é que aqui as usinas usam bagaço de cana para cogeração de energia, o que ajuda a tornar o etanol nacional mais competitivo nos EUA. Em especial nesses momentos de alta do etanol de milho dos EUA, quando o produto brasileiro também se valoriza no mercado americano, mas não tanto quanto o local. Outra dificuldade americana: o milho, como outras commodities alimentícias, está em movimento de alta, o que ajuda a puxar para cima o preço do combustível alternativo dos EUA. "Tudo isso está abrindo uma perspectiva de competitividade do etanol brasileiro no mercado a m e r i c a n o", apesar das tarifas, diz Tarsilo Rodrigues, da Bioagencia, uma das maiores comercializadoras de Valor Econômico http://valor.ideavalley.com.br/flip/tools/flipPrint/printMateria.php?id_... 1 de 2 15/6/2011 14:39 etanol do Brasil. "Os americanos são muito sensíveis ao preço do combustível. Quando o galão [ou 3,8 litros] passa dos US$ 3, os consumidores ficam muito incomodados e a própria agência de energia americana já fala em um galão a US$ 4. E lá, o etanol subiria junt o", diz Rodrigues. Na semana encerrada na segunda-feira passada, o preço médio da gasolina nos EUA já estava em US$ 3,19. Em 2006, o etanol brasileiro teve sua primeira entrada, em anos recentes, no mercado americano. Foi quandoWashington proibiu o uso de um derivado de petróleo chamado MTBE (éter metil-ter-butílico) como a aditivo da gasolina. "Logo a demanda por etanol explodiu. E como os preços do açúcar estavam relativamente baixos, passamos a atender ao mercado americano de combustível, apesar das tarifas. Essa situação durou uns quatro meses", lembra Rodrigues. Em 2008, novas vendas brasileiras graças às inundações nas plantações de milho no meio oeste americano que provocaram uma quebra na safra da matéria prima do etanol local. "Agora deve vir um novo ciclo que, sem dúvida, beneficiaria o Brasil", diz Rodrigues. A pergunta óbvia é se os produtores brasileiros teriam etanol suficiente para vender aos americanos este ano quando a cotação so açúcar bate as maiores marcas dos últimos 30 anos e leva muitos produtores a

escolherem produzir açúcar em vez de etanol. Mas Marcos Jank diz que se o mercado americano voltar a buscar o combustível brasileiro com preços que valham a pena, as usinas teriam flexibilidade e capacidade para produzir etanol em vez açúcar. Valor Econômico http://valor.ideavalley.com.br/flip/tools/flipPrint/printMateria.php?id_... 2 de 2 15/6/2011 14:39

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores
Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf

Assistentes de Pesquisa
Catia Grisa, Karina Kato, Luiza Mariano de Lima Araujo, Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

opa Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrrj.br
Sítio eletrônico: www.ufrrj.br/cpda/oppa